



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO PROF^a “MARIA ELISA DE A. MAIA” – CAMEAM
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

**A MULTIFUNCIONALIDADE DO *ONDE*
E SUA TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO
PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE TEXTOS FALADOS E ESCRITOS
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tatiane Xavier da Silva

Aluna

Prof. Dr. João Bosco Figueiredo Gomes

Orientador

TATIANE XAVIER DA SILVA

**A MULTIFUNCIONALIDADE DO *ONDE*
E SUA TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO
PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE TEXTOS FALADOS E ESCRITOS
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Bosco Figueiredo Gomes

Pau dos Ferros
2011

TATIANE XAVIER DA SILVA

A MULTIFUNCIONALIDADE DO *ONDE* E SUA TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE TEXTOS FALADOS E ESCRITOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, para obtenção do grau de Mestre em Letras, e examinada pela seguinte banca:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Bosco Figueiredo Gomes - UERN
Presidente da Banca

Profa. Dra. Maria Alice Tavares - UFRN
1ª Examinadora

Profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal - UERN
2ª Examinadora

Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes - UERN
Suplente

Ao meu pai Ernesto e ao meu amigo Bruno,
onde quer que eles estejam.

Aos meus pais Josenildo e Neurismar,
onde reside amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por ter me concedido a oportunidade de cursar o mestrado.

Ao meu orientador, João Bosco Figueiredo Gomes, que mais uma vez acreditou em mim. Tenha o meu agradecimento mais especial, pois aprendi muito. Obrigada por compartilhar comigo o seu vasto conhecimento.

Às professoras que, gentilmente, aceitaram compor a banca examinadora, Profa. Dra. Maria Alice Tavares e à Profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal, trazendo enriquecimento para a minha investigação.

À Profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal e à Profa. Dra. Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa, pelas valiosas contribuições durante meu exame de qualificação.

Ao Prof. Ms. Wellington Vieira Mendes, por ter me permitido realizar o estágio de docência em sua disciplina.

Aos demais professores do PPGL, que também contribuíram para minha formação, e do Departamento de Letras, que tive a oportunidade de conhecer.

Aos colegas da turma, em especial, pela amizade e incentivo das amigas Midiã Borges, Francimeire Cesário e Ana Alice Freitas. Amei todos.

Ao casal, seu Jader e dona Pretonila, que me receberam abrindo as portas da sua casa quando cheguei a Pau dos Ferros.

Às queridas amigas que comigo dividem o apartamento: Érika, Lúcia e Rosinha.

Aos velhos companheiros de estradas: Shamyra, Prissylla, Léo, Kelcione, Elô, Edna, Kelly, que conseguem transformar um momento trivial no mais perfeito possível.

A todos da minha FAMÍLIA, sobretudo, meus irmãos Tiago e Thays, Mariana e Juliana, meus sobrinhos Mateus, Ádria e Analy, minha cunhada Arlinda e meu cunhado Ailton.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com meu trabalho e/ou torceram por mim.

LISTA DE HISTOGRAMAS

Histograma 1 – <i>Onde</i> : relativo locativo no <i>D&G</i> do Brasil	p.74
Histograma 2 – <i>Onde</i> : adverbial locativo no <i>D&G</i> do Brasil	p.77
Histograma 3 – <i>Onde</i> : pronominal locativo no <i>D&G</i> do Brasil	p.79
Histograma 4 – <i>Onde</i> : locativo virtual no <i>D&G</i> do Brasil	p.81
Histograma 5 – <i>Onde</i> : temporal no <i>D&G</i> do Brasil	p.84
Histograma 6 – <i>Onde</i> : sequencializador no <i>D&G</i> do Brasil	p.86
Histograma 7 – <i>Onde</i> : substituinte no <i>D&G</i> do Brasil	p.88
Histograma 8 – <i>Onde</i> : preenchedor no <i>D&G</i> do Brasil	p.89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Os usos do ONDE nos <i>corpora D&G</i> do português do Brasil	91
Tabela 2: Os usos do ONDE segundo Escolaridade x Sexo no <i>D&G</i> de Natal/RN	94
Tabela 3: Os usos do ONDE segundo Escolaridade x Sexo no <i>D&G</i> do Rio de Janeiro/RJ ..	97
Tabela 4: Os usos do ONDE segundo Escolaridade x Sexo no <i>D&G</i> de Juiz de Fora/MG ...	99
Tabela 5: Os usos do ONDE segundo Escolaridade x Sexo no <i>D&G</i> do Rio Grande/RS	101

LISTA DE ABREVIACÕES, SIGLAS E SÍMBOLOS

A: Alfabetização
 Adv: Advérbio
 DELE: Descrição de local escrita
 DELO: Descrição de local oral
 D&G: Discurso e Gramática
 E: Entrevistador
 f: frequência
 F: Feminino
 GTs: Gramáticas Tradicionais
 I: Informante
 MG: Minas Gerais
 nsa: não se aplica
 NARE: Narrativa recontada escrita
 NARO: Narrativa recontada oral
 NEPE: Narrativa de experiência pessoal escrita
 NEPO: Narrativa de experiência pessoal oral
 NTL: Natal
 O: Oitava
 Q: Quarta
 RJ: Rio de Janeiro
 RN: Rio Grande do Norte
 RS: Rio Grande do Sul
 REPE: Relato de procedimento escrito
 REPO: Relato de procedimento oral
 ROPE: Relato de opinião parte escrita
 ROPO: Relato de opinião parte oral
 S: Segundo
 SN: Sintagma Nominal
 SPrep: Sintagma Preposicionado
 SPSS: Statistical Package for the Social Sciences
 T: Terceiro

... – pausa

:: – alongamento de vogal

/ – truncamento

(()) – comentários do analista

[] – superposição

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O PARADIGMA FUNCIONALISTA DA GRAMATICALIZAÇÃO	18
1.1. CONCEPÇÃO FUNCIONALISTA DE GRAMÁTICA	18
1.2. GRAMATICALIZAÇÃO	20
1.2.1. Mecanismos da gramaticalização	23
1.2.2. A unidirecionalidade como propriedade da gramaticalização	26
2. ESTUDOS TRADICIONAIS E DESCRITIVOS DO <i>ONDE</i>	31
2.1. Estudos tradicionais sobre o <i>onde</i>	31
2.1.1. Said Ali (1921[2001])	31
2.1.2. Rocha Lima (1972[2007])	32
2.1.3. Cunha e Cintra (1985[2007])	33
2.1.4. Bechara (1987[2005])	33
2.2. Estudos à luz da Linguística Moderna dos usos do <i>onde</i>	34
2.2.1. <i>Onde</i> na língua falada e escrita de Natal: Oliveira (1997)	34
a) Metáfora espacial	35
b) Metáfora temporal	38
c) <i>Onde</i> “textual”	38
2.2.2. <i>Onde</i> como projeção locativa: Pires de Oliveira (1998)	40
a) Espacial	41
b) Temporal	41
c) Abstrata	42
d) Relativa	43
2.2.3. A multifuncionalidade do <i>onde</i> e os aspectos sociais na fala de Salvador: Monteiro de Souza (2003)	44
a) Faixa Etária	46
b) Escolaridade	47
c) Gênero social	49
2.2.4. <i>Onde</i> locativo e temporal segundo a modalidade: Souza (2007)	50
a) Escrita	50
b) Escrita eletrônica	51
c) Oral	52
2.2.5. <i>Onde</i> na educação básica de Natal: Xavier da Silva (2010)	53
a) <i>Onde</i> Espacial	54
b) <i>Onde</i> Temporal	55
c) <i>Onde</i> Textual	56
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A BUSCA DOS USOS DO <i>ONDE</i> NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	60
3.1. Objetivos	60
3.2. Hipóteses	61
3.3. Dados de análises	61
3.3.1. Características gerais dos <i>corpora</i> D&G	62
3.3.2. O <i>corpus</i> D&G da cidade do Rio de Janeiro/RJ	62
3.3.3. O <i>corpus</i> D&G da cidade do Natal/RN	63

3.3.4. O <i>corpus</i> D&G da cidade de Juiz de Fora/MG	63
3.3.5. O <i>corpus</i> D&G da cidade de Rio Grande/RS	64
3.4. Variáveis	64
3.5. Tratamento dos dados	70
4. A MULTIFUNCIONALIDADE DO <i>ONDE</i> E SUA TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	72
4.1. Os usos do <i>onde</i> e os aspectos linguísticos	72
4.1.1. <i>Onde</i> Espacial	73
a) <i>Onde</i> relativo locativo	74
b) <i>Onde</i> adverbial locativo	76
c) <i>Onde</i> pronominal locativo	79
d) <i>Onde</i> locativo virtual	81
4.1.2. <i>Onde</i> Temporal	83
a) <i>Onde</i> temporal	83
4.1.3. <i>Onde</i> Textual	85
a) <i>Onde</i> sequencializador	85
b) <i>Onde</i> substituinte	87
c) <i>Onde</i> preenchedor	89
d) <i>Onde</i> possuinte	90
4.1.4. Frequência dos usos do <i>onde</i> nos <i>corpora</i> D&G	91
4.2. Os usos do <i>onde</i> e os aspectos socioculturais	93
4.3. Trajetória de gramaticalização do <i>onde</i> no Português brasileiro	103
CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS	113

RESUMO

Algumas pesquisas linguísticas têm focalizado seus estudos na diversidade de significados que o *onde* pode chegar a desenvolver na língua por força da situação comunicativa. Procuram dar conta da explicação do caráter polissêmico e multifuncional desse fenômeno. Assim sendo, a presente pesquisa objetiva descrever os diferentes usos que são atribuídos ao item lexical *onde* nos *corpora* D&G do português brasileiro, bem como traçar a tendência de trajetória de gramaticalização pela qual passa esse item. Para tanto, adota o paradigma da gramaticalização, sob a luz do Funcionalismo norte-americano, nas propostas de Heine et al. (1991), Traugott e Heine (1991), Hopper e Traugot (1993, 2003), Givón (1995), além dos estudos brasileiros de Martelotta *et al.* (1996), Gonçalves *et al.* (2007), Furtado da Cunha (2003). Analisa dados empíricos coletados nos *corpora* D&G da cidade de Natal/RN, do Rio de Janeiro/RJ, de Juiz de Fora/MG e do Rio Grande/RS, quatro regiões que pontilham o espaço geográfico brasileiro em três eixos, utiliza para cálculo de frequência e para correlação de variáveis o programa SPSS – “*Statistical Package for the Social Sciences*”. Os resultados evidenciam que o item *onde* passa por um processo de mudança na língua, entretanto, conserva seu sentido fonte. Constatamos que, ao lado do sentido de espaço físico (*relativo locativo, adverbial locativo, pronominal locativo*), outros valores mais abstratos vêm se firmando, por gramaticalização, nesta sincronia, como *locativo virtual, temporal, sequencializador, substituinte, possuinte e preenchedor de pausa*.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo. Gramaticalização. *Onde*.

ABSTRACT

Linguistics researches have focused their studies on the diversity of meanings that the *onde* (where) may develop in the language, due to the communicative situation. They try to take into account the explanation of the polissemic and multifunctional character of this phenomenon. The present study aims to describe the different uses that are assigned to the lexical item *onde* (where) in the corpora D&G of Brazilian Portuguese, as well as to trace the trend path of grammaticalization that this item is going through. To do that, it was adopted the paradigm of grammaticalization, in the light of North American functionalism, in Heine's et al. proposals (1991), Traugott and Heine (1991), Hopper and Traugott (1993, 2003), Givón (1995), besides Martelotta's Brazilian studies et al. (1996), Gonçalves et al. (2007), Furtado da Cunha (2003). It analyzes empirical data collected in the corpora D&G from Natal/RN, from Rio de Janeiro/RJ, from Juiz de Fora/MG and from Rio Grande do Sul/RS, four regions that mark Brazil geographical area in three parts on the coast, using, for the frequency calculus and variables program correlation - SPSS - "Statistical Package for Social Sciences." The results show that *onde* (where) is going through a process of change in the language, but it also retains its source meaning. We observe that, besides the physical space notion (*relative locative, adverbial locative, pronominal locative*), other values, more abstract, are getting steady through grammaticalization, in this synchrony, such as: *virtual locative, temporal, sequencializer, substitutive, possessor and filler of pauses*.

KEYWORDS: Functionalism. Grammaticalization. *Onde* (Where)

INTRODUÇÃO

Diversas pesquisas realizadas no campo da linguística confirmam que a interação entre os indivíduos pode trazer algumas modificações na estrutura das línguas. Pode, por exemplo, criar novas formas para substituírem as que perderam sua expressividade em função da alta frequência de uso ou utilizar alguns itens com mais de um sentido servindo a um propósito comunicativo. É de nosso interesse estudar os diferentes usos do item *onde*, tanto na oralidade quanto na escrita, que vêm sendo explicados pela abordagem funcionalista atual.

De acordo com a gramática normativa, o *onde* é classificado como “advérbio de lugar” ou “advérbio relativo” (CUNHA, 2001). Ou ainda como “advérbio pronominal”, aquele que, pela sua origem ou significação, se prende a nomes ou pronomes (BECHARA, 2005). Logo, percebemos que esse item, do ponto de vista da gramática normativa, é um elemento que somente deve ser usado para referenciar um lugar físico (espaço concreto), i.é, na tradição gramatical lhe aplicado uma definição de “lugar onde se situa a ação verbal”. No entanto, comumente, são registrados novos usos do *onde* por força da interação, podendo vir a assumir valores anáforico-dicursivo de espaço, de tempo e, em alguns contextos, perder totalmente o sentido locativo, e ser usado como marcador discursivo, suplantando o emprego prescrito pelas gramáticas tradicionais, doravante GTs. (Cf. OLIVEIRA, 1997).

Já há, na literatura da Linguística, alguns trabalhos a respeito do fenômeno de variação¹/mudança pelo que vem passando o item *onde*. Kersch (1996 *apud* BAGNO, 2001) estuda o uso desse item no português do Brasil e defende que essa palavra pode ser empregada para referir-se a muito mais coisas do que ao simples “espaço físico” registrado nas gramáticas normativas, como, por exemplo, *espaço nocional*, *tempo*, *posse*, *coisa* e *evento*. A autora acrescenta ainda que mesmo escritores renomados como filólogos, gramáticos e linguistas das mais diversas épocas, conhecedores de todas as regras da estrutura da língua, reconhecem-no e empregam-no de acordo com a necessidade de comunicação, fugindo do sentido prescrito nas GTs, como podemos ver, a seguir, em (1) e (2)²:

- (1) No Português moderno, *quem* só se pode referir a pessoa, não assim no *antigo*, *onde* empregado também com referência a coisa. (COUTINHO, 1968).

¹. O uso do termo variação, nessa investigação, refere-se à variação no sentido de Bybbe (2003a). Esse autor, afirma que as mudanças na gramaticalização ocorrem gradualmente e são acompanhadas por variações na função. Ainda com Bybbe (2003a), o termo variação é aplicado em referência aos diversos usos – lexicais e gramaticais – de uma *mesma forma*. Fenômeno consequente da divergência, que permite a continuidade de existência das fontes ao lado dos alvos. Já no sentido da Sociolinguística variacionista de Labov, exclusivamente, é usado quando nos referimos à gramaticalização do *onde* em tempo aparente.

². Exemplos citados em Kersch (1996 *apud* BAGNO, 2001, p.147).

- (2) Contrastando com *erros* do tipo – “se ele passa-se”, temos “despencousse” – “o capim encontrasse com as árvores”, “Vesse que é uma bela fazenda” – *onde* a partícula *se* é integrada na forma verbal como verdadeira flexão. (CÂMARA JR., 1972).

Sobre isso, Kersch (1996 *apud* Bagno, 2001) afirma que existe uma tentativa vinda dos gramáticos de restringir o uso do *onde*, desconsiderando que esse item, desde que começou a ser empregado na língua portuguesa, apresenta outros sentidos abordados nas correntes sintático-semântico-pragmáticas que não são mostrados na visão dos normativistas. E acrescenta também que, nas amostras (1) e (2), autores renomados deixam de respeitar as regras, muitas vezes por eles impostas, ao invés de usar o elemento *onde* unicamente referindo-se a “lugar concreto, espaço físico”, empregando-o conforme a necessidade comunicativa.

Segundo Bagno (2001), o *onde* exerce também uma importante *função discursiva* como elemento de *coesão sequencial*. Oliveira (1997)³, faz uma análise pancrônica desse item e apresenta a trajetória de gramaticalização do *onde*, examinando dados de língua em uso do latim vulgar, no texto “O testamento do porquinho” (IV século d.C.); do português arcaico (séculos XII a XV); do português moderno (séculos XVI a XVIII) e do português contemporâneo, no *corpus* Discurso & Gramática (*D&G*) – a língua falada e escrita na cidade do Natal/RN (FURTADO DA CUNHA, 1998). Além de indícios de mudança, a autora observa a continuidade e estabilidade do sentido locativo desse item.

Dando continuidade aos estudos sobre o *onde* realizado por Oliveira (1997) e utilizando-se do referido *corpus D&G* de Natal, Xavier da Silva (2010) realizou um trabalho intitulado “Os usos do *onde* na língua falada e escrita por alunos da educação básica na cidade de Natal/RN”, constatando que esse item pode desempenhar uma diversidade de significados/funções diferentes dos descritos nas GTs, a autora também procurou investigar as duas faixas etárias (Alfabetização e Quarta série) não contempladas por Oliveira (1997). Especificamente, Xavier da Silva (2010) encontra nove tipos de usos do *onde*, que são: *relativo locativo, adverbial locativo, pronominal locativo, locativo virtual, discursivo, temporal, conector, posse e preenchedor de pausas*. A partir desse resultado, como também com base noutros achados de pesquisas recentes (PIRES DE OLIVEIRA, 1998; MONTEIRO DE SOUZA, 2003; SOUZA, 2007), é que resolvemos investigar se os diversos usos do item *onde* também ocorrem na língua falada e escrita de outras regiões brasileiras.

Para tanto, utilizamos os *corpora D&G* de Natal/RN, do Rio de Janeiro/RJ, de Juiz de Fora/MG e do Rio Grande/RS que juntos formam um conjunto de quatro bancos de dados.

³ A pesquisa de Oliveira (1997) será retomada mais detalhadamente no capítulo II deste trabalho.

Verificamos se os diversos usos do item *onde* na língua falada e escrita da cidade do Natal/RN, se estendiam a outras regiões do país e/ou se os resultados obtidos nas pesquisas das autoras se limitavam apenas a fala e escrita potiguar e, a partir daí, realizamos uma análise comparativa da língua falada e escrita das quatro regiões elencadas, que pontilham o espaço geográfico brasileiro em três eixos. Trabalhamos, ainda, com a hipótese de que na língua falada e escrita dessas outras regiões podiam ocorrer algum(ns) uso(s) do *onde* diferente(s) dos encontrados em Natal/RN. Buscamos, por meio de dados sincrônicos, indícios do processo de gramaticalização que explicassem, em tempo aparente, o surgimento de novas funções para formas já existentes. Concebemos, pois, *gramaticalização* como “o processo pelo qual itens lexicais e construções passam, em certos contextos linguísticos, a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.xv).

Os estudos funcionalistas que abrigam o paradigma da gramaticalização nos motivaram a aprofundar os estudos sobre o fenômeno de variação e mudança do item *onde*, descrevendo seus novos usos e significados, levando-nos a responder as seguintes perguntas: Em quais contextos o item lexical *onde* assume sentidos diferentes do canônico? Qual é o seu papel na construção de sentido dos textos? Há influência dos aspectos socioculturais como idade, escolaridade e sexo para os diferentes usos desse item nas modalidades oral e escrita? Qual é o percurso de variação/mudança do *onde*, fazendo com que ele ganhe novos usos/valores/funções no português contemporâneo do Brasil? A trajetória de gramaticalização ESPAÇO > TEMPO > TEXTO traçada na língua falada e escrita de Natal/RN se reafirma em outras regiões? Há instâncias de continuidade e estabilidade de alguns significados/funções em tempo aparente?

A hipótese geral defendida nesta investigação é a de que, por meio do processo de gramaticalização, o *onde* vem assumindo outras funções, valores e usos distintos dos admitidos pela norma padrão e empregados nas GTs em diferentes regiões do país.

Com base nessa hipótese, objetivamos especificamente: a) verificar os tipos de ocorrências mais frequentes do *onde* na língua falada e escrita da cidade do Rio de Janeiro, de Juiz de Fora e do Rio Grande, e se os resultados obtidos se igualam às ocorrências da língua falada e escrita do Natal; b) descrever as funções dos vários usos do *onde* na construção de sentido de textos falados e escritos; c) levantar os usos do *onde* para descrevê-los e explicá-los, estabelecendo relações entre os aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmático-discursivos; d) verificar os diferentes usos do *onde*, considerando as modalidades oral e escrita do Português contemporâneo nos cinco gêneros textuais *narrativa de experiência*

pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião, os fatores inerentes ao informante (idade e sexo) e sua escolaridade; e) buscar indícios de variação/mudança linguística do *onde*, aferidos qualitativa e quantitativamente, que evidenciem o possível processo de gramaticalização dos diferentes usos; e f) realizar uma análise comparativa entre a língua falada e escrita de quatro localidades do território brasileiro, observando se há instâncias de continuidade e estabilidade de alguns significados/funções em tempo aparente.

Utilizamos como amostra dados de textos reais do Português Brasileiro Contemporâneo, produzidos em situação específica de coleta, presentes nos *Corpora* Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade de Natal, do Rio de Janeiro, de Juiz de Fora e do Rio Grande. Verificamos os enunciados em que há o uso do *onde*, em depoimentos versados nos cinco gêneros textuais orais e escritos anteriormente citados, sendo que um mesmo informante oferece 10 textos, distribuídos proporcionalmente por sexo e pela escolaridade⁴ – Alfabetização (5-8 anos); 4ª série do Ensino Fundamental (9-11 anos); 8ª série do Ensino Fundamental (13-16 anos); 3ª série do Segundo Grau (18-20 anos), último ano do Terceiro Grau (acima de 23 anos), totalizando 800 depoimentos.

Quanto à organização, dividimos esta dissertação em quatro capítulos. Primeiramente, apresentamos a fundamentação teórica que se baseia na abordagem funcionalista norte-americana, uma vez que analisamos dados reais do português contemporâneo, observando o caráter funcional da língua, a partir do paradigma da gramaticalização. Desse modo, buscamos nesse capítulo discorrer sobre esse processo especial de mudança linguística, destacando os mecanismos motivadores do processo (metáfora e metonímia) e o princípio da unidirecionalidade. Para tanto, adotamos o paradigma da gramaticalização segundo os estudos de Heine *et al.* (1991), Traugott e Heine (1991) e Hopper e Traugott (2003).

O segundo capítulo é composto pelos estudos relativos ao item *onde*. Primeiramente, apresentamos os estudos tradicionais de autores como Said Ali (1921[2001]), Rocha Lima (1972[2007]), Cunha e Cintra (1985[2007]) e Bechara (1987[2005]). Depois, à luz da linguística moderna, selecionamos alguns achados obtidos em pesquisas realizadas nas modalidades oral e escrita (OLIVEIRA, 1997; PIRES DE OLIVEIRA, 1998; MONTEIRO DE SOUZA, 2003; SOUZA, 2007; XAVIER DA SILVA, 2010), a fim de demonstrar as diversidades de usos e sentidos atribuídos ao item no português brasileiro.

⁴ Atualmente na educação brasileira o termo série foi substituído por ano, por exemplo, a antiga 4ª série passou a ser chamada de 5º ano. No nosso trabalho mantivemos o termo pelo fato dos *corpora* terem sido constituídos antes dessa mudança.

O terceiro capítulo traz os procedimentos metodológicos adotados na investigação que acreditamos ter nos permitido dar conta do item polissêmico *onde*. Apresentamos nele os objetivos que buscamos alcançar nesta pesquisa, as hipóteses, as variáveis e o tratamento dos dados. Sumariamente analisamos as amostras isoladamente, verificando o contexto semântico-discursivo-pragmático em que o item *onde* ocorre. Ao final, confrontamos os dados com a finalidade de identificar o processo de gramaticalização desse item.

No quarto capítulo, apresentamos os resultados da investigação, ou seja, descrevemos o fenômeno de variação e mudança do *onde* no português contemporâneo, comparando os seus diversos usos na língua falada e escrita da cidade de Natal/RN, do Rio de Janeiro/RJ, de Juiz de Fora/MG e do Rio Grande/RS, além de analisarmos as semelhanças e divergências entre os quatro *corpora* estudados.

Na conclusão desta pesquisa, trazemos uma síntese dos resultados que julgamos relevantes para contribuir com pesquisas futuras sobre o fenômeno em análise que se valham do paradigma funcionalista e com o ensino de língua materna, na perspectiva de auxiliar o docente quanto à sua prática em sala de aula no que tange a uma aplicação pedagógica que vise à compreensão do funcionamento e dos usos do item *onde*.

CAPÍTULO I
– O PARADIGMA FUNCIONALISTA DA
GRAMATICALIZAÇÃO –

1. O PARADIGMA FUNCIONALISTA DA GRAMATICALIZAÇÃO

Apresentamos, neste capítulo, o quadro teórico, no qual acreditamos melhor explicar o fenômeno de variação e mudança por que passa o item *onde*. Apresentamos a base teórica que considera a língua em seu funcionamento, ou seja, a linguagem a serviço da comunicação, resultando em uma gramática “emergente”, em que a estrutura é consequência da interação entre os indivíduos. Fundamentamo-nos nos pressupostos básicos do Funcionalismo norte-americano, uma abordagem que se preocupa em estudar os processos de variação e mudança linguística a partir da língua em uso.

Dentre os pressupostos do funcionalismo norte-americano,⁵ elegemos o da gramaticalização para a análise e interpretação dos dados na pesquisa. Esse paradigma é utilizado nas análises dos fenômenos linguísticos que partem do léxico para a gramática, ou que já estão na gramática e passam a ser mais gramaticais. Nessa abordagem, a gramaticalização pode ser vista tanto na perspectiva diacrônica, que estuda os casos de mudança na língua no decorrer do tempo, como na perspectiva sincrônica, que estuda formas coexistentes no mesmo recorte de tempo. O item *onde* configura-se como um desses fenômenos que, motivado pelas pressões de uso, apresenta uma variedade de funções/significados na língua, demonstrando ser um item de caráter polissêmico.

Assim, iniciamos esse capítulo ressaltando a concepção de gramática acolhida pela abordagem funcionalista, para introduzir o conceito de gramaticalização segundo autores norte-americanos. Destacamos ainda os mecanismos motivadores desse processo e a unidirecionalidade, como propriedade inerente da gramaticalização.

1.1. CONCEPÇÃO FUNCIONALISTA DE GRAMÁTICA

Entendemos que o interesse principal do Funcionalismo norte-americano é estudar como as pessoas fazem uso da língua, ou seja, a ênfase está no contexto comunicativo. Desse modo, defende que para se praticar a análise da estrutura gramatical da língua, é necessário também analisar o uso que os falantes fazem dela na situação real de comunicação, deixando, em segundo plano, a análise dos aspectos puramente formais e estruturais das sentenças, ao contrário do que era antes praticado. Trata-se, então, de uma perspectiva linguística que veio

⁵ A abordagem funcionalista norte-americana é composta por princípios e categorias utilizados para explicar os fatos da língua, tais como: iconicidade e marcação, transitividade e plano discursivo, informatividade, gramaticalização e discursivização.

em reação ao modelo formal – o estruturalismo e o gerativismo – dando uma nova roupagem aos conceitos já existentes sobre linguagem, que passa a ser entendida como um instrumento utilizado para que haja interação na sociedade. Nesses termos, o entendimento é que:

O funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as situações discursivas em que se verifica esse uso. [...] a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 29).

Dessa forma, o funcionalismo estende suas análises para além da estrutura gramatical, destacando a função que essa estrutura exerce nas interações diárias. Segundo essa abordagem, não se deve estudar os fenômenos linguísticos a partir de frases que não estão no contexto real dos usuários da língua, frases criadas e totalmente descontextualizadas, como fazem as gramáticas normativas tradicionais. O estudo da língua tem, pois, como foco a situação comunicativa, i.é, o contexto linguístico e a situação extralinguística constituem a base necessária para se explicar a língua.

Somente observando a prática do uso da língua, podemos distinguir que há uma reprodução e repetição de estruturas gramaticais, o que atesta a existência de uma regularidade das mesmas, como também há uma redefinição de sentidos para formas já existentes, com funções não previsíveis, motivadas pela situação comunicativa. Nessa perspectiva, deve-se pensar a gramática como uma parte constituinte do discurso e não fora dele, ou como algo oposto. À medida que o discurso é formado por elementos lexicais e gramaticais organizados, também estão presentes aspectos pragmáticos e interacionais que se relacionam com os anteriores, proporcionando o fluxo do mesmo.

Du Bois (1993) reforça essa ideia de que a gramática não deve ser entendida separadamente do discurso, com a afirmativa “o discurso molda a gramática e a gramática molda o discurso” (p.11), ou seja, há na concepção funcionalista uma relação intrínseca de interdependência entre a gramática e o discurso: não se pode pensá-la fora do contexto de uso, já que é o contexto que motiva as diferentes estruturas sintáticas. Isso nos leva às duas propostas básicas do modelo de análise funcionalista: “a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico” (FURTADO DA CUNHA, 2008, p.158).

Por conseguinte, a gramática é concebida como um “sistema aberto, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo uso que lhe é dado no dia a dia” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p.18). Ou ainda com Du Bois (1985), a gramática é um sistema adaptativo em que forças motivadoras provenientes dos fenômenos externos penetram no domínio da língua e passam a interagir com forças organizadoras internas, vivendo ao mesmo tempo em *competição* e *harmonia* com elas⁶. Nessa ótica, não é valorizada apenas a estrutura interna da língua, mas também as regularidades encontradas no discurso (expressões idiomáticas, clichês, regionalismos, provérbios, entre outros). A partir do reconhecimento da alta frequência dessas regularidades, o discurso conseqüentemente ganhou um novo lugar nas análises linguísticas.

Nessa linha de motivações em competição, Givón (1995, p.9) propõe um grupo de premissas que devem ser circunscritas por princípios que irão caracterizar o funcionalismo: a linguagem é uma atividade sociocultural; a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica; mudança e variação estão sempre presentes; o sentido é contextualmente dependente e não-atômico; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável e não-rígida; as gramáticas são emergentes; as regras de gramática permitem algumas exceções.

1.2. GRAMATICALIZAÇÃO

Intimamente ligado a esses conceitos presentes na seção anterior, está o de “gramática emergente” (HOPPER, 1987), segundo o qual vão surgindo na língua novas funções para as formas já existentes. Dessa forma, a gramática das línguas naturais nunca está pronta e acabada, pois os sentidos das palavras vão sendo constantemente negociados na fala, sujeitas às estratégias de construção do discurso. A instabilidade de estruturas no discurso faz que certas regularidades se convertam em norma, mas só poderão se incluir na gramática da língua depois que o uso dessa regularidade tornar-se fixo. O uso frequente de uma palavra, tornando-a fixa, faz com que ela entre na gramática saindo do discurso, ou se já está na gramática, passe a desempenhar uma função mais gramatical (gramaticalização). Então, quanto mais frequente é o uso da forma, mais ela tende a ser gramaticalizada.

⁶ É de Du Bois (1985) a proposta de motivações em competição nos estudos da gramática. Para o autor, no momento da comunicação os falantes sofrem influências de um conjunto de *forças de naturezas diversas* (cognitivas, comunicativas, sociais, estruturais) que se entrelaçam, sendo que uma ou mais forças atuam de maneira diferentes sobre o fenômeno linguístico.

O conceito de gramática “emergente” de Hopper (1987) é adotado por vários estudiosos da gramaticalização. Essa relação é admitida por Tavares (2003) ao dizer que,

A gramática pode ser definida como um repertório de estratégias rotinizadas de construção de discursos, estratégias que são agrupadas de modo improvisado a cada situação de comunicação. Desse agrupamento diversificado, podem surgir novas estratégias candidatas à gramaticalização, das quais apenas umas poucas tornam-se de fato gramaticais. Podemos dizer que a gramática é o discurso em sua face mais habitual, aquela que tende ao reaparecimento na fala de diversos indivíduos, em oposição às novas estratégias que não reaparecem jamais (2003, p. 18).

A autora denomina os elementos que servem de estratégias linguísticas e recursos retóricos (itens lexicais e/ou gramaticais) de “inovações” e que a gramática é comumente alimentada pela rotinização destas. Dessa forma, na medida em que as “inovações” tornam-se frequentes, gramaticalizam-se, ou se já exerciam funções gramaticais, gramaticalizam-se para exercerem funções mais gramaticais. Logo, a gramaticalização⁷ estuda os fenômenos que saem do léxico para gramática ou os que estão na gramática e se tornam mais gramaticais. Os dois tipos de fenômenos têm em comum as motivações que levam aos seus aparecimentos e, principalmente, o fato de ambas ocorrerem na língua em uso.

As estratégias gramaticais se organizam de acordo com motivações – cognitivas, comunicativas, estruturais e sociais – que, mesmo entendidas como distintas, a cada situação comunicativa, podem atuar em conjunto, tratando-se, pois, de fatores que em determinadas ocasiões se inter-relacionam e interpenetram-se. Assim, o que hoje é tido como fixo na gramática pode não sê-lo amanhã. De igual modo, uma forma não mais utilizada e que já caíra no esquecimento, mas que permanece estocada na mente dos falantes, por acaso pode ganhar novo sentido e reaparecer, voltando a ser um elemento fixo da gramática.

Para Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), “a gramática está num contínuo fazer-se, o que nos permite falar de uma relativa instabilidade da estrutura linguística” (p. 50). É essa instabilidade que permite que ocorra a mudança linguística.

Segundo Martelotta (2003), se antes a mudança linguística só era vista com base numa diacronia linear, tomando apenas o fator *tempo* como o motivo pelo qual as mudanças ocorriam, agora deve-se destacar também a relevância do contexto atual de uso como fonte de novas significações. Serão, então, o *tempo*, a *cognição* e o *uso* os fatores que desencadeiam a trajetória de mudança de um item linguístico, portanto trata-se de um fenômeno de caráter tridimensional. Esses fatores irão interpretar dados das nossas experiências (anteriores,

⁷. Foi Meillet o primeiro a introduzir o termo gramaticalização e quem primeiro definiu esse processo como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra autônoma” (MEILLET, 1912/1948, p.131).

imediatas ou de longa duração) no momento da interação, ou seja, as experiências menos ou não físicas dos interlocutores serão representadas pelas suas experiências físicas, do mesmo modo, aquilo que é mais fixo na gramática pode facilmente servir de modelo para aquilo que é menos ou não fixo, abstrato. Esse caráter linear do processo de mudança linguística, partindo de algo concreto e próximo das pessoas para algo menos concreto e distante, atesta a existência da *unidirecionalidade* como princípio inerente da gramaticalização.

No entanto, mesmo que esse processo ocorra, para que essa forma emergente entre na gramática será necessário que haja uma frequência do seu uso pelos falantes na situação comunicativa. Desse modo, a situação comunicativa é o eixo da mudança linguística, pois é nela que os falantes irão usar a língua de acordo com suas necessidades. Dessa maneira poderá ocorrer o surgimento de novos significados, que não se tratam de palavra nova – com aspectos morfológicos, sintáticos e fonéticos distintos – mas de uma palavra que já estava no repertório dos falantes e que tem seu sentido ampliado e será usada para suprir um novo sentido que carece de denominação. E ainda, a função nova não se trata de um sentido totalmente novo para a palavra, na maioria das vezes, acontece de ela manter alguns traços semântico-pragmáticos e estruturais da função original.

A partir desse movimento mutacional, a gramaticalização propõe explicar os casos de mudança pelas quais um item lexical ou uma forma gramatical passa, assumindo outros sentidos e funções. Tomando por base a definição de Hopper & Traugott (2003, p.xv), a gramaticalização é tomada como o processo⁸ pelo qual “itens gramaticais e construções passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. Assim, definindo esse processo, podemos dizer, então, que ele se instaura nas línguas em geral, quando um item linguístico vai incorporando propriedades de formas gramaticais ou, se já é um elemento gramatical, tem sua gramaticalidade ampliada. Na gramaticalização, os elementos linguísticos sofrem alterações de natureza sintática, semântica e discursivo-pragmática, o que pode causar alteração também na classe categorial desses elementos.

Martelotta e Areas (2003) relatam que os estudos em gramaticalização têm demonstrado que existem determinados aspectos nos fenômenos que parecem manter-se com o tempo, em virtude de “um conjunto de processos de mudança que atuam com relativa

⁸ Muitos autores tomam a gramaticalização como *paradigma* e outros muitos tomam como *processo*, então, para resolver esse problema de classificação, faz-se necessário observar a natureza do fenômeno. Portanto, se a investigação tratar de um estudo interessado em entender a maneira como formas e construções gramaticais surgem e como são usadas, ela deve ser vista como *paradigma*, mas se a investigação tratar de um estudo que visa identificar e analisar itens que adquirem *status* mais gramaticais, deve ser vista como *processo*.

regularidade sobre os elementos linguísticos, estendendo-lhes o sentido” (FURTADO DA CUNHA, 2003, p.27-8). Na ótica diacrônica, esses processos seriam vistos como uma sequência de mudanças decorrentes do tempo; na ótica sincrônica, o fenômeno de polissemias coexistindo no mesmo recorte de tempo.

O que se tem observado é que, para o funcionalismo norte-americano, a partir das pesquisas sobre gramaticalização, os fatores comunicativos e cognitivos alicerçam os mecanismos que geram a mudança linguística. Por isso, podemos dizer que o funcionalismo acerca-se de uma visão pancrônica de mudança. Sobre isso, Heine *et al.* (1991) postulam que não se justifica e nem se deve praticar uma rigorosa separação entre as duas abordagens de estudo, visto que uma não deve ser compreendida independentemente da outra; mesmo que uma prevaleça bem mais, toda pesquisa requer diacronia e sincronia, ou seja, pancronia.

O mesmo é destacado por Hopper e Traugott (2003), ao dizerem que os estudos da gramaticalização devem ser entendidos sob dois enfoques: um de forma histórica – decisivo para a compreensão da relação forma/função em gramática (na língua); e outro de forma sincrônica – atesta graus de gramaticalidade a partir de deslizamentos funcionais. É proposta ainda a adoção de uma visão pancrônica, até mesmo devido aos estudos das mudanças responderem às questões diacrônicas. Eleger apenas uma abordagem não permite a observação da “natureza sistemática e estável das relações polissêmicas, dos usos e das construções em que se encontram os itens focalizados” (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p.73).

1.2.1. Mecanismos da gramaticalização

Durante o processo de gramaticalização, os itens sofrem *alterações semânticas e estruturais* ao perderem seu sentido já cristalizado na língua. Normalmente, são os mecanismos da metáfora e da metonímia os responsáveis por tais mudanças. Esses mecanismos, especialmente de acordo com Lakoff e Johnson (2002), foram considerados como tendo um papel importante na definição da realidade do dia a dia das pessoas, sendo ampliado o antigo conceito de recurso poético ou estético. É de caráter fundamental do sistema conceptual que todos compreendam e experienciem uma coisa em termos de outra, ou seja, a forma como as pessoas representam uma experiência (domínio menos concreto) parte de experiências já vividas por elas (domínio concreto).

Na gramaticalização, a mudança semântica é intensamente motivada por processos metafóricos. Entendemos o processo metafórico como aquele que se encontra nas línguas

naturais de um modo geral e constitui uma estratégia cognitiva que nos permite sair de conceitos concretos para abstratos. Mais do que isso, é um recurso recorrente na criação de palavras para denominar novos sentidos. Hopper e Traugott (2003) chamam atenção para uma característica do processo que é a “unidirecionalidade na transferência de um significado básico, normalmente concreto, para um mais abstrato” (p.77). Está posta, assim, a ideia da não arbitrariedade na transferência de sentidos dos elementos, mas sim, por relações analógicas e icônicas, o fenômeno ser motivado.

O funcionalismo, em muitos dos seus estudos, tenta descrever a maneira como os falantes adquirem rótulos diante de conceitos para os quais ainda não há denominação ou carecem de uma nova denominação na língua. De acordo com Wilson e Martelotta (2008), pode então: a) surgir novas palavras, o que é menos comum devido à pouca funcionalidade, com estrutura sonora distinta; b) usar um item lexical já existente na língua estrangeira ou noutra dialeto, fenômeno mais comum principalmente se o que se está designando provém de outro país ou região; ou c) ocorrer um caso de *motivação*, a escolha de uma determinada palavra para representar seu sentido. Essa última maneira é a mais completa, pois o falante pode tentar imitar o som da coisa designada, por exemplo, usando elementos já existentes na língua, o que acarretará num menor trabalho cognitivo para ele e facilitará também para o ouvinte. À medida que o ouvinte já conhece esses elementos, poderá melhor inferir o significado da nova palavra.

Assim, somos levados a pensar sobre o princípio, apresentado por Werner e Kaplan (1963, p.403) chamado *princípio da exploração de velhos meios para novas funções*: quando fenômenos menos concretos e mais difíceis de serem conceptualizados vêm ser referidos por conceitos concretos. Nesse sentido, a compreensão, descrição e explicação de um fenômeno menos concreto serão permitidas pelas entidades concretas, perceptíveis pelos nossos sentidos físicos (corporais), mobilizando o entendimento de experiências menos ou não físicas. Envolve, pois, processos cognitivos de transferência de sentido (metáfora) e de mudança estrutural de sentido (metonímia).

Segundo Heine et al. (1991), há uma regularidade no processo de extensão semântica, a qual é elucidada numa escala unidirecional que indica:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

As categorias conceptuais dessa escala apresentam grau crescente de *abstratividade* e constituem entidades prototípicas que, para estruturação de nossa experiência, representam

domínios importantes. Não é necessário que o elemento linguístico passe por todas as categorias da escala, iniciando, à direita, por PESSOA até chegar à QUALIDADE, mas sim quando um elemento cumpre, pelo menos, duas categorias da trajetória, ele já pode ser considerado como resultante de um processo de abstratização de sentido. Por exemplo, o que acontece com o nome *pé*, que constitui uma parte do corpo da PESSOA, passa a se referir a uma parte de um OBJETO em *pé de cadeira*. Estamos, pois, tratando de um processo de transferência de sentido entre elementos, ou seja, o elemento *pé* de mais concreto passa progressivamente para um sentido mais abstrato.

É necessário ainda compreender sobre a escala, proposta por Heine et al. (1991), três pontos importantes: o primeiro é que a relação entre suas categorias tem de ser metafórica, ou seja, haverá sempre uma transferência de sentido de um elemento para o outro: da metáfora PESSOA para OBJETO, de ESPAÇO para QUALIDADE, entre outras. O segundo diz respeito à *unidirecionalidade*, partindo de um objeto mais próximo e mais definido da pessoa para aqueles que estão mais distantes, mais abstratos, como pode ser exemplificado pela utilização do próprio corpo do ser humano (PESSOA) para designar elementos do mundo real (OBJETO) e estendendo-se em direção a representar categorias ainda menos concretas (ATIVIDADE, ESPAÇO, TEMPO e QUALIDADE). Portanto, entendemos que a unidirecionalidade vem orientar o fenômeno de entidades concretas para cada vez mais representarem entidades menos concretas, abstratas. O terceiro e último é que essa escala tem um caráter *translinguístico*, ou seja, é um fenômeno inerente às línguas naturais, portanto podemos constatar em outras línguas também.

Mas não é unicamente a metáfora que vem cooperar para explicar variações/mudanças semânticas, ela é apontada como um dos mecanismos desencadeadores do processo, contudo a metonímia também tem importante papel nesse *continuum*. Conforme Lakoff e Johnson (2002), é através da metonímia que os falantes podem usar uma expressão em substituição a outra, devido à sua função referencial. Ela ainda tem a capacidade de conferir mais aspectos ao que está sendo referido, passando a atuar no entendimento das coisas. Para os autores, tais características desse mecanismo demonstram que seus conceitos são sistematizados, e não arbitrários, ele está presente nos pensamentos, ações e falas das pessoas e refere-se, sobretudo, às relações de substituições na língua.

Para Sperber e Wilson (1986, p.1 *apud* NEVES, 2004, p.137), metonímia é “a manipulação pragmático-discursiva pela qual os conceitos são sujeitos a fatores contextuais na interpretação de enunciado”. Resulta da contiguidade de significações, desencadeada pela aproximação de itens linguísticos, que se associam de forma sintática consistindo num

processo estrutural. Traugott e König (1991) descrevem três tipos de contiguidades essenciais aos processos metonímicos: a “contiguidade na experiência sociofísica cultural”, seria a agregação de comportamento com uma certa pessoa ou classe de pessoa; a “contiguidade na expressão”, que, na maioria das vezes, resulta em elipse, como por exemplo, “*um quadro pintado por Picasso*” > “*um Picasso*” e o francês “*ne...pas > pas*”; e “a sinédoque ou contiguidade na relação parte pelo todo” (p. 47).

O processo de mudança de sentido por associação metonímica é resultante de um raciocínio “abduutivo”. Esse raciocínio faz com que o falante observe certo *resultado* no discurso, invoque uma lei (da linguagem) e infira que é possível ser aplicada essa mesma lei a um uso posterior. A abdução vem sendo adotada para embasar os estudos da percepção humana e como geradora de novas ideias. É o que verificamos, por exemplo, na contiguidade de sentidos presentes numa construção com o verbo *ir*, em uma frase do tipo *João vai comprar uma calça*, sendo permitida tanto uma leitura de movimento (*Aonde João vai?*) quanto uma leitura de futuridade (*O que João vai fazer?*). Em momentos posteriores, essas duas leituras não serão mais cabíveis, em contextos como esses. Assim só será disponível fazer a leitura de futuridade, como em *A casa vai cair*, pois a leitura de movimento exige um sujeito que se mova (**Aonde a casa vai?*).

Esse tipo de mudança resultante de um raciocínio abduutivo demonstra que há uma relação entre os mecanismos da metáfora e metonímia, já que a abdução é uma característica da metáfora que opera por reanálise. A metáfora e a metonímia também mantêm relação com os mecanismos da analogia e a reanálise.

A analogia aproxima estruturas preexistentes de estruturas já existentes no sistema e envolve inovações situadas no eixo paradigmático. É responsável por ampliar a mudança linguística a itens. Esse mecanismo capta uma “proporção” ou “equação” como A:B::C:D, em que D consiste na forma surgida por analogia. Já a reanálise, gera novas formas gramaticais rompendo as barreiras entre as propriedades gramaticais (morfológicas e sintáticas) e as propriedades semânticas, fazendo que uma forma seja reanalisada como pertencente a uma classe que não seja a sua de origem. Diferentemente da analogia, as reestruturações e mudanças por reanálise estão situadas no eixo sintagmático. A analogia e a reanálise são consideradas como mecanismos influentes na mudança linguística.

1.2.2. A unidirecionalidade como propriedade da gramaticalização

A unidirecionalidade é o princípio típico da gramaticalização e constitui um processo irreversível, ou seja, sempre partirá da esquerda para a direita, de A para B, nunca o contrário. Apesar de questionada, é bastante recorrente nos estudos funcionalistas e até formalistas para analisar se uma mudança X constitui ou não um caso de gramaticalização, pois é o princípio que está mais presente e o que melhor explica a trajetória linear dos fenômenos de gramaticalização na língua. Todavia, Campbell (2001 *apud* GONÇALVES et al., 2007) aponta como um dos motivos de contestação a falta de consenso em estabelecer uma definição única para a unidirecionalidade, apresentando duas posições: na primeira, ela pode ser entendida (i) por uma hipótese passível de verificação empírica, como praticam Hopper e Traugott (2003); e na segunda, (ii) por uma propriedade determinante no processo, como praticam Heine et al. (1991).

De acordo com esse princípio, a trajetória percorrida por um item lexical manifesta-se na passagem de uma entidade concreta para uma entidade menos concreta (abstrata) e seguirá sempre um *continuum* unidirecional, ou seja, a passagem de palavras lexicais para gramaticais ou menos gramaticais para mais gramaticais, nunca seguindo o inverso. Desse modo, alguns itens presentes no discurso ainda que não fixos na gramática, mas que já desempenham certa função gramatical, progressivamente, poderão ganhar, com o aumento do uso e a previsibilidade no discurso, um novo valor sintático e morfológico e, com maior grau de frequência, tornar-se mais abstratos, podendo perder totalmente seu sentido original.

Hopper e Traugott (2003), ressaltam a importância de considerar a peculiaridade dos contextos discursivos que propiciam a gramaticalização e asseguram que não é direta a passagem de *[lexical] > [gramatical]*. Concebem que, na gramaticalização de itens lexicais para morfema, é necessário primeiramente que eles exerçam funções essencialmente discursivas e depois se tornem sintaticamente fixos. Segundo os autores, a postulação básica, “é que existe uma relação entre dois estágios A e B, tal que A ocorra antes de B, mas não o inverso. Isso é o que se entende por unidirecionalidade” (HOPPER; TRAUGOT, 2003, p.100). Nessa perspectiva, itens gramaticais têm origem em itens lexicais ou itens mais gramaticais têm origem em itens menos gramaticais, e não vice-versa; paralelamente, conceitos menos concretos derivam de conceitos mais concretos, e não vice-versa.

Entendendo a unidirecionalidade como princípio que orienta a mudança ocorrida com itens em processo de gramaticalização, relacionamo-la aos princípios de Hopper (1991), que

podem ser aplicados a itens que estejam sofrendo variações, na tentativa de compreender as fases pelas quais passa um item no processo até atingir a mudança.

Hopper (1991) formula cinco princípios, objetivando esclarecer que as formas emergentes na língua apresentam graus variados de mudança, sendo que é comum verificar mais de um princípio manifestando-se na análise de uma única forma. Segundo o linguista, os princípios da gramaticalização apresentados até então contemplam apenas casos do processo em estágios mais avançados⁹. Na perspectiva hopperiana, os mesmos devem explicar casos em que o processo de gramaticalização ainda esteja um pouco questionável, identificando fases anteriores ao estágio em que a forma ou construção em questão seriam consideradas fixas, parte da gramática, apresentados a seguir.

a) *Estratificação* [*layering*]: segundo o princípio da estratificação “ou camadas”, duas ou mais formas podem conviver em um mesmo recorte de tempo, desempenhando uma só função. Para que isso ocorra é necessária a existência de uma forma fonte que entre em competição com outra(s) emergente(s). A chegada da(s) nova(s) forma(s) não implica o desaparecimento da primeira, pelo menos enquanto ambas as formas estiverem em uso. O emprego das formas *nós* e *a gente* ou das formas *tu* e *você* confirmam tal princípio no português brasileiro.

b) *Divergência*: refere-se à unidade lexical que sofreu gramaticalização poder trazer traços da unidade original que se preserva como autônoma, do mesmo modo que permanece sujeita a um novo processo de gramaticalização. Para Hopper (1991, p.22), esse princípio poderia ser interpretado como um caso especial da estratificação, mas é possível notar diferenças, mesmo que ambos refiram-se aos graus da mudança linguística, o primeiro liga-se aos casos em que várias formas são usadas para uma mesma função, e o segundo liga-se aos casos em que um mesmo item lexical se mostra cada vez mais gramaticalizado. No português do Brasil, a forma *mente* (*a mente humana*) diverge funcionalmente do sufixo *-mente* usado na formação de advérbios (*isso é humanamente impossível*), o mesmo ocorre com as formas *ir* como verbo *pleno* e verbo *auxiliar* de futuro.

c) *Especialização*: esse princípio está ligado à limitação na escolha da forma para exercer uma determinada função, ou seja, refere-se ao estreitamento da variedade de opções, podendo vir a acabar com a competição entre as formas que coexistem num mesmo domínio. Se, dentre as formas possíveis houver de uma especializar-se, vindo a adquirir um significado

⁹ Hopper refere-se aos princípios defendidos por Lehmann (1995 [1982]) e Heine & Reh (1984). Conforme o autor, estes autores contribuíram de forma significativa, mas seus princípios contemplam a gramaticalização em sua fase evidente, ou seja, quando o processo de mudança é óbvio.

mais geral, ela pode tornar-se obrigatória em certos contextos e não em outros. A frequência de uso de uma forma é o indício da manifestação desse princípio. Nessa perspectiva, pressupomos que a forma emergente *você* passou paulatinamente a ser usada em contextos linguísticos específicos e distintos dos contextos favorecedores da forma-fonte *Vossa mercê*. O *ir auxiliar*, e as outras formas de futuro, são usados em contextos específicos para referir a um deslocamento de tempo naquele momento.

d) *Persistência*: as formas gramaticalizadas mantêm traços semânticos da forma fonte, o que acarreta numa redução sintática no uso da forma, ou seja, é a “persistência” de traços lexicais nas formas gramaticalizadas. Esse princípio revela-se na gramaticalização do substantivo *gente* para o pronome *a gente*, a forma gramaticalizada perdeu a ideia de coletividade da forma-fonte, o que colabora para sua referência indeterminadora. O pronome pessoal português *ele* que se gramaticalizou do pronome demonstrativo latino *ille*, também exemplifica esse princípio, pois, no uso da forma *ele*, persiste a propriedade de flexão de gênero/número (*ele* e *ela*, *eles* e *elas*), ou seja, conserva as características demonstrativas da 3ª pessoa do discurso.

e) *Descategorização*: as formas gramaticalizadas assumem propriedades das categorias que passaram a codificar, assim tendem a perder ou neutralizar os traços morfológicos e sintáticos que antes carregavam, ou seja, as categorias plenas Nome e Verbo passam a assumir atributos característicos das categorias secundárias, por exemplo, Adjetivo, Particípio, Preposição, etc. As formas que sofrem esse processo podem servir a duas categorias gramaticais ao mesmo tempo, o que implica numa ampliação da sua função. A gramaticalização do substantivo *gente* para o pronome *a gente* exemplifica esse princípio. Também ocorre na língua o caso de advérbios passarem a desempenhar funções de conectivos (“como mostra no texto *abaixo*”/“Na citação *acima*, podemos perceber”).

Por meio da presente discussão, entendemos que o Funcionalismo norte-americano busca nas suas análises descrever a língua em seu uso efetivo, nunca tomando-a como pronta e acabada. Pressupostos que também se aplicam aos estudos da Gramaticalização. Para esse princípio, os itens lexicais estão expostos a sofrerem mudança de ordem funcional, semântica e morfológica, passando por uma resignificação e/ou reestruturação. A escolha dessa fundamentação teórica justifica-se por acreditarmos que o *onde* é um item nesse processo de redefinição de sentido que, motivado pela situação comunicativa, desempenha funções não previsíveis, podendo, com o aumento do uso, gramaticalizar-se.

CAPÍTULO II

– ESTUDOS TRADICIONAIS E DESCRITIVOS DO *ONDE* –

2. ESTUDOS TRADICIONAIS E DESCRITIVOS DO *ONDE*

Neste capítulo, trazemos uma revisão dos estudos tradicionais e descritivos sobre o item *onde*, com o objetivo de levantar os sentidos/funções/usos que já são atribuídos ao item no português brasileiro. Optamos em dividir a seção em dois tópicos: no primeiro, apresentamos os estudos tradicionais, que consideram as classificações de renomados gramáticos; e, no segundo, os achados existentes à luz da Linguística Moderna, que tratam de trabalhos recentes sobre a diversidade de usos do item em gramaticalização.

2.1. Estudos tradicionais sobre o *onde*

Nesta seção, estão as classificações do item *onde* de acordo com os renomados autores das GTs da língua portuguesa. De modo geral, dois conceitos aparecem mais frequentemente classificando-o como *advérbio de lugar* e como *pronome relativo*, mas ainda encontramos o item como *advérbio relativo* e como *advérbio interrogativo*, indicando circunstâncias de lugar. Com isso, percebemos que não existe uma classificação única para o item e nem tampouco se discute, nas gramáticas, os seus diferentes usos, a sua capacidade de atuar em mais de uma classe gramatical. Os autores, no entanto, apresentam total coerência quanto ao valor locativo do *onde*.

Nessa primeira parte da revisão apresentamos os estudos tradicionais do item *onde* de acordo com a visão dos gramáticos: Said Ali (1921[2001]), Rocha Lima (1972[2007]), Cunha e Cintra (1985[2007]) e Bechara (1987[2005]).

2.1.1. Said Ali (1921[2001])

Na sua Gramática Histórica da Língua Portuguesa, Said Ali (2001) elenca o item *onde* como pertencente à classe dos advérbios pronominais, embora algumas vezes possa funcionar como um pronome relativo: “para denotar o lugar de presença, e o lugar de procedência, serviram à linguagem antiga os advérbios *u* (latim *ubi*), também grafado *hu*, e *onde* (latim *unde*), podendo ambos fazer às vezes de pronome relativo” (2001, p.141). Notamos que o item *onde* é, nesse período do português arcaico, uma das duas formas advindas do latim que havia para expressar lugar.

Ainda na primeira fase do período arcaico, “a noção de procedência se indicava em geral pela preposição *de*”, surgindo, analogicamente, a forma “*donde*”, retirada de textos

como o “Santo Graal”, em “Ataa que sayba *donde* saaem estas vozes [a par de: quem soubesse *honde* estas vozes saaem (59); contou-lhe *donde* era (36); *donde* veeo ho scudo 9350]” (SAID ALI, 2001, p.141).

Todavia, com a vulgarização dessa forma, levou-se a crer que o emprego do “onde” desprovido da preposição correspondia como sinônimo de “u”. O autor afirma que esta modificação semântica antecedeu um período de “confusão”, podendo ser conferido nos passos do *Livro de Esopo*, em “Pol-a [a linha] darredor da arvor *domde* a aguya tijinha sseus filhos (19) – Chegou a rraposa ao pee da arvor *omde* a aguya tijinha sseus filhos (18) – Levou-hos a huu ninho *hu* estavam sseus filhos (18)” (SAID ALI, 2001, p.141).

Já na segunda fase do período arcaico, Said Ali (2001), por sua vez, constata que o emprego do “u” passou a ser escasso até tornar-se raridade nos períodos quinhentista e seiscentista. Segundo o autor, nos poucos empregos encontrados da forma, é possível observar a combinação do *onde* com o artigo sob a forma interrogativa *ulo* (cujo significado era “onde é o” / “onde está o”), e verificou também a forma “adulo”, por influência da construção “adonde”.

Sobre a substituição da forma “u” pelo *onde*, seu progressivo desaparecimento e o uso das preposições “de” e “a” para indicar proveniência e movimento, o autor explica que nem mesmo por haver abdicado o posto do antigo advérbio ao vocábulo *onde*, “se mostram daí por diante convencidos os escritores de que o termo sem algum reforço preposicional basta sempre para indicar o que o latim *ubi* indicava; e assim *aonde* e *donde*, só ou aumentado em *adonde*, passam a usar-se também como sinônimos de *onde*” (SAID ALI, 2001, p. 142).

Contudo, no final do seu histórico, Said Ali (2001, p. 142) reafirma o sentido locativo do *onde* ao dizer que os advérbios *onde*, *donde* e *aonde* expressam respectivamente “a noção locativa, a de procedência e a diretiva”.

2.1.2. Rocha Lima (1957 [2007])

Rocha Lima (2007), na Gramática Normativa da Língua Portuguesa, classifica o *onde* primeiramente como pronome indefinido. Para o gramático, os pronomes indefinidos “são palavras que se aplicam à terceira pessoa gramatical, quando está com sentido vago, ou exprimem quantidade indeterminada” (p. 110-111), e dividem-se em dois grandes grupos. O item *onde* faz parte do primeiro, composto de três espécies de pronomes: referentes a pessoas, referentes a coisas, referentes a lugares.

Logo após, o autor apresenta o item *onde* na classe dos advérbios, especificamente entre os advérbios relativos, conceituando essa classe como o conjunto das palavras que modificam o verbo. Nas suas próprias palavras, os advérbios “servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal” (ROCHA LIMA, 2007, p. 174). Para ele, a palavra *onde* é advérbio relativo se empregado com antecedente em orações adjetivas, por exemplo, “Fica ali a encruzilhada/*onde* ergueram uma cruz de pedra” (p.174). Como também pode ser *advérbio interrogativo* junto com as palavras *quando*, *como*, *porque*, denotando respectivamente lugar, tempo, modo, causa – nas perguntas diretas ou nas indiretas – “*Onde* dormirão os hóspedes?/Indagam *onde* dormirão os hóspedes” (p.176).

2.1.3. Cunha e Cintra (1985[2007])

Na sua obra *Nova gramática do português contemporâneo*, Cunha e Cintra (2007) apresentam o item *onde* como um *pronome relativo* invariável e simples, ressaltando que esse pronome antecedido das preposições *a* e *de* aglutinam com elas, resultando nas formas *aonde* e *donde*. Os pronomes, para os gramáticos, se referem a um termo anterior, todavia, nas frases em que é permitida a substituição do *onde* por *no lugar em que*, seu emprego não acompanha um antecedente. Ainda para os autores, a função do *onde* é de *adjunto adverbial* (= o lugar em que, no qual), por isso eles mencionam que alguns gramáticos consideram o item como *advérbio relativo*.

Mais adiante, nessa gramática, o item *onde* também é considerado como pertencente na classe dos advérbios que, consoante Rocha Lima (1972 [2007]), é denominada como a palavra modificadora do verbo. Cunha e Cintra (2007) classificam o *onde* entre os *advérbios de lugar*, como *advérbio interrogativo*, podendo ser também *advérbio relativo*, ressaltando que esta última denominação não consta na *Nomenclatura Gramatical Brasileira*.

2.1.4. Bechara (1987[2005])

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara (1987 [2005]) integra o item *onde* na classe dos *pronomes relativos* com antecedentes em orações como “A casa *onde* moro é espaçosa.”, e sem antecedentes, em orações como “Moro *onde* mais me agrada.”, considerado como um emprego absoluto (p.172). O autor observa que os relativos sem antecedentes também são chamados de relativo indefinidos. Nesse caso, o item pode ser substituído por um antecedente adaptável ao contexto, no caso, o *onde* por o *lugar em que*.

O autor também inclui o item *onde* entre os advérbios de base nominal e pronominal, que “pela sua origem e significação, se prende a nomes ou pronomes” (BECHARA, 2005, p.293). Enquanto *advérbio pronominal*, classifica o *onde* como *relativo* e *interrogativo*. Como *advérbio relativo*, o item serve para retomar elementos que estão postos na oração antecedente. Nesse caso, assim como os pronomes relativos, emprega-se *onde*, em vez de *em que*, *no qual* (e flexões) nas ideias de *lugar*, podendo aparecer precedido das preposições *a* ou *de*, resultando nas grafias *aonde* e *donde*. Como advérbio interrogativo é empregado nas perguntas diretas e indiretas em referência ao *lugar*, *tempo*, *modo* ou *causa*.

2.2. Estudos à luz da Linguística Moderna dos usos do *onde*

Constantemente são realizadas pesquisas linguísticas empenhadas em estudar e divulgar os casos de fenômenos da linguagem. Essas pesquisas são motivadas pela problemática que envolve nossa língua, tanto no âmbito da fala quanto no âmbito da escrita, e os resultados comprovam o quanto a língua é dinâmica, estando sempre sujeita aos processos de variação e, às vezes, até de mudança.

Nessa linha de investigação, encontram-se trabalhos sobre o item lexical *onde*, a fim de explicar as causas da diversidade de usos que lhe são atribuídos. Nessa segunda parte do Capítulo, selecionamos alguns achados de estudos recentes à luz da Linguística Moderna (OLIVEIRA, 1997; PIRES DE OLIVEIRA, 1998; MONTEIRO DE SOUZA, 2003; SOUZA, 2007; XAVIER DA SILVA, 2010), que já demonstram o *onde* assumindo outros sentidos, além do sentido de espaço físico. Essas pesquisas também confirmam que o esse item vem sofrendo variação e/ou alguma espécie de mudança.

2.2.1. *Onde* na língua falada e escrita de Natal: Oliveira (1997)

A partir de análises de relatórios de alunos do segundo grau, a fim de descrever os “desvios” linguísticos mais recorrentes, foi constatado por Oliveira (1997) que o uso do *onde* sem sentido de *lugar*, mas com sentido de *tempo* e, às vezes, como elemento puramente textual, sem função adverbial, era bastante frequente. Então a autora resolveu estudar os diferentes usos do elemento *onde* utilizando o *Corpus D&G* de Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). A análise sincrônica¹⁰ nos dá os seguintes usos do *onde*: metáfora espacial,

¹⁰ Para a discussão dessa seção escolhemos apenas a análise sincrônica da autora.

metáfora temporal e o “onde” textual. No entanto, ainda podemos retirar dos achados da autora outro resultado que, apesar dos indícios de mudança, do caráter polissêmico, chegando a assumir funções diferentes de acordo com o contexto pragmático, o *onde* apresenta instâncias de continuidade e estabilidade, pois todos esses sentidos continuam ligados ao seu sentido de espaço físico, com o mesmo núcleo semântico.

Para exemplificar, a autora observa o deslizamento de sentido que ocorre com o elemento *onde*, o qual, numa trajetória de “abstratização crescente”, migra do sentido mais concreto para o mais abstrato: o *onde* apresenta um sentido básico de espaço físico (concreto), evoluindo para espaço virtual, passando a assumir o sentido de tempo (menos concreto), até atingir um nível de abstratização mais alto, sobreposto por outros traços semânticos. Torna-se vazio de sentido, denominado como marcador discursivo (abstrato). Assim, supõe-se que o *onde* estaria passando por um processo de regularização e, portanto, de gramaticalização de novas funções e significados.

Essa abstratização é dividida em uma escala de metáforas: ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, na qual se relacionam umas com as outras numa linha *unidirecional*, seguindo do mais concreto para o mais abstrato. Além disso, a noção de espaço também é dividida pela gradação, em três camadas que a autora denomina de: espaço físico, espaço virtual e espaço discursivo. Ela utiliza o conceito de “camadas” (*layering*), de Hopper (1991), para explicar como os novos usos são parcialmente acrescentados ao uso já cristalizado (espaço físico). De acordo com esse conceito, os sentidos vão sendo sobrepostos em camadas, à medida que vão se tornando mais abstratos, porém permanecem ligados ao sentido concreto original: todos os sentidos têm um mesmo núcleo semântico. Assim, podemos constatar que a mudança de sentido não se dá abruptamente e nem apresenta limites muito bem definidos.

a) Metáfora espacial

Oliveira (1997) observa que o *onde* desempenhando sua função canônica de pronome relativo, com sentido de espaço físico, ocorre com maior frequência em língua falada (79%), do que em língua escrita (21%), como a amostra (3):

- (3) Contexto: Descrição dos compartimentos da casa
 ... no banheiro nós vamos encontrar... um espelho... um box...**onde** é o local que a gente toma banho... vamos encontrar um espelho... uma prateleira... **onde** fica os utensílios pessoais... vamos encontrar um cesto de roupas... (Língua Falada, 8ª série, p.309).¹¹

¹¹ Os exemplos (3) a (8) foram citados por Oliveira (1997, p.309-314).

Nesta amostra da língua falada, que foi produzida por um informante da 8ª série, o *onde* desempenha sua função canônica de pronome relativo, remetendo ao espaço físico *box* na primeira ocorrência, e a *prateleira*, na segunda.

a.1) O *onde* como espaço virtual

O sentido virtual se refere a um espaço mais abstrato, um espaço que só existe na mente e que só pode ser recuperado através da projeção mental; é um espaço diferente do sentido canônico, tem um recorte menos nítido: não é palpável, nem mensurável.

A análise da autora mostra que o *onde* espaço físico e o *onde* espaço virtual têm o mesmo funcionamento sintático, mas diferem no grau de abstratização, que só pode ser recuperado no contexto discursivo. Verifica ainda que o *onde* virtual ocorre mais em língua escrita do que na língua falada, como vemos em (4):

(4) a. Contexto: Narrativa recontada sobre Jó

Ao término dos cinco anos, Jó teve um sonho **onde** Deus perguntou-lhe se apesar dos cinco anos de sofrimento, ele ainda tinha a mesma fé. (Língua escrita, 8ª série, p.384).

b. Contexto: Relato de opinião a cerca da pena de morte

Eu sou totalmente contra a pena de morte instantânea, como a cadeira elétrica, a câmara de gás, a forca e outros, Mas sou a favor, dependendo do crime, a pena de morte **onde** o réu acusado ficará na prisão até morrer, ou seja, prisão perpétua. (Língua escrita, 8ª série, p.321).

Em (4a), o referente do *onde* é *um sonho*, bem menos concreto do que *box* e *prateleira* da amostra anterior. Assim, *um sonho* não é um espaço concreto palpável nem mensurável. Oliveira (1997) verifica também o sentido de espaço virtual do *onde* em (4b), que foi produzido também por um informante de oitava série na língua escrita, em que o referente do *onde* é *pena de morte*, que em (4b) representa um espaço virtual delimitado.

a.2) O *onde* como espaço discursivo

Um grau de abstratização ainda maior acontece com o *onde* em que seu sentido original de espaço físico sofre uma erosão semântica e fica cada vez mais distante do sentido canônico como em (3). Ainda conserva um pouco o seu sentido de espaço, mas espaço no

discurso e não mais no mundo real. Passa a funcionar como um elemento discursivo equivalente a *isto*. Como ela verificou na amostra (5):

(5) Contexto: Relato de procedimento do aluno por seu gosto de criar desenhos

O meu forte mesmo, é ampliar desenhos. **Onde** eu acho um desafio. Pois eu tenho de chegar à perfeição. O meu objetivo é fazer um desenho mais parecido o possível daquele outro. (Língua escrita, 8ª série, p.320).

Fazendo a substituição, temos “O meu forte mesmo, é ampliar desenhos. *Isto* eu acho um desafio”. Nesse caso, vimos que o *onde* se refere não a um lugar concreto, mas um espaço no texto.

A autora identifica também um *onde* espacial discursivo que não perdeu totalmente o seu sentido original de espaço físico, em que os dois sentidos se sobrepõem em camadas, permitindo duas leituras, gerando uma aparente ambiguidade semântica. Para a autora, esse tipo de sobreposição semântica é típica do processo de gramaticalização. Vejamos (6):

(6) Contexto: Descrição da cidade Espírito Santo

... bem ... eu vou falar sobre uma cidade que se chama Espírito Santo... ela se localiza próximo a Goianinha... (...) é uma cidade **onde** (a) cativa... ela ficou no meu coração... (...) nós vamos descendo... onde é essa quadra... nós encontramos um ponto... **onde**:: (b) esse ponto marcou:: marcou a um/ uma mudança na minha vida... foi uma igreja... que tem:: por nome Assembléia de Deus e ela fica assim centralizada numa descida... (...) ...eu ia pros pontos mais turísticos... mas só o que eu aproveitava mesmo lá como eu falei no início... foi o que eu mais gostei... foi essa igreja né... **onde** (c) mudou minha vida... (Língua falada, 3º grau, p.83)¹².

Em (6a), o *onde* pode ser substituído pelo relativo locativo *que* e refere-se à *cidade*, já em (6b) seu referente é *ponto* que se remete ao espaço físico *igreja* e em (6c) temos um uso de *onde* que se remete ao espaço físico *igreja*, espaço onde ocorreu a sua mudança de vida.

No entanto, a ambiguidade verificada em (6) estaria de acordo com Oliveira (1997) nos trechos em negrito. No início, fica muito claro que a igreja se torna um agente da mudança de vida pela qual passou o informante. A ideia de lugar físico, porém, permanece e, no caso, é isso o que gera a aparente ambiguidade semântica. De acordo com o exposto, há então pelo menos duas interpretações: tanto podemos entender que essa igreja é o que foi o agente da mudança na vida do informante, quanto podemos entender que essa igreja foi o espaço físico *onde* se realiza essa mudança.

¹² Grifos da autora.

b) Metáfora temporal

Esse é o segundo estágio de abstratização do *onde*. O item evolui de seu sentido original de espaço, passando pelos diversos graus de abstratização dentro desse bloco, até atingir o sentido de TEMPO.

(7) Contexto: Narrativa de experiência pessoal no acampamento

... quando chegou no acampamento... ele pegou a comida que tava tudo junto e dividiu... sendo que... cada pessoa comia de cada coisa uma... (...) depois disso... teve a noite **onde** foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos... (Língua falada, 8ª série, p.304).

Do ponto de vista estrutural, é possível na amostra (7) fazer a seguinte substituição do texto original “... teve a noite *onde* foi escolhido o grupo...” por “... teve a noite em que foi escolhido o grupo...”. Nessa amostra, podemos dizer que esse *onde* não difere em nada do *onde* espacial discursivo, mas, numa apurada observação, percebemos que o referente de *onde* é de espaço de tempo, ou seja, quando o TEMPO é representado como se fosse ESPAÇO, o *onde* tem um referente anafórico, que representa um conceito mais abstrato a partir de um mais concreto. O TEMPO é representado numa linha concreta, como se fosse ESPAÇO e, por isso, é considerado uma metáfora.

c) *Onde* “textual”

O terceiro estágio de classificação da trajetória de abstratização do *onde*, detectado por Oliveira (1997) na sua análise sincrônica, é o que ela denomina de *onde* com sentido textual. Nesse estágio, ele se torna vazio de significado, passando então a funcionar como um elemento de ligação, ou seja, como um recurso para estruturar o discurso, como uma estratégia de organização das ideias, do que vai ser dito. Vejamos a amostra (8) que segue:

(8) Contexto: Relato de opinião a cerca da pena de morte

então eu sou super contra a pena de morte... e também a pena de morte só pode ser adotada em país em que a justiça realmente é super eficiente... não é o caso do Brasil... em que a justiça é falha... **onde** (a) ela bota muita vez nas cadeias as pessoas que são inocentes... às vezes pessoas que roubam... um saco de feijão... um relógio... tá na cadeia... enquanto que outros que deu prejuízo a sociedade... milhões e milhões... bilhões até... de dinheiro que foi tirado da população e tá aí à solta... por quê? porque tem dinheiro... **onde** (b) a justiça do Brasil só é válida para os pobres... (...) deveria está lutando por outras... por outro métodos... outros objetivos... de melhores condições de vida... de melhor educação para os seus filhos... **onde** (c) as pessoas poderiam viver num país bom... certo? **Onde** (d) realmente iria acabar com a criminalidade... (Língua falada, 8ª série, p.314).

Nos casos (8a) e (8b), a função do *onde* é mais a de encadear o discurso do que veicular qualquer sentido de espaço físico. Funciona muito mais como um conectivo do que como um pronome ou um advérbio.

Mas o item *onde*, de acordo com a autora, pode funcionar ainda como um mero marcador de pausas, sem qualquer prejuízo semântico para o enunciado, ou seja, como meio de organizar e planejar internamente o turno. Nas ocorrências (8c) e (8d), o *onde*, por não ter referente recuperável, se apresenta como um conector que é vazio de significado, podendo, portanto, ser excluído. Para confirmar isso, ela propõe fazer a omissão do item, observando atentamente o *onde* (8c) e o *onde* (8d):

Texto original: “... deveria está lutando por outras... por outro métodos... outros objetivos... de melhores condições de vida... de melhor educação para os seus filhos... **onde** (8c) as pessoas poderiam viver num país bom... certo? **Onde** (8d) realmente iria acabar com a criminalidade...”

Omissão: “... deveria está lutando por outras... por outro métodos... outros objetivos... de melhores condições de vida... de melhor educação para os seus filhos... (c) as pessoas poderiam viver num país bom... certo? (d) realmente iria acabar com a criminalidade...”

As ocorrências (8c) e (8d), ao contrário do que defende Oliveira (1997), parecem sugerir que o *onde* refere-se a “país bom”, um lugar, um espaço mais abstrato que só pode ser recuperado pela projeção mental do informante, sendo, portanto, um exemplo de *onde* espaço virtual. A autora denomina esses dois usos como preenchedores de pausas, reconhecendo-os como um uso mais abstrato dentro do *onde* textual e justifica que eles podem ser excluídos do discurso sem prejuízo semântico para o enunciado. Porém, segundo Silva e Macedo (1996), o preenchedor de pausas é um tipo de marcador discursivo que indica uma pausa para raciocínio: o falante perde por um espaço de tempo a sequência das informações e, para não interromper o curso da conversa, utiliza um elemento lexical que está próximo, ganhando tempo, enquanto pensa no que vai dizer em seguida. Esse conceito, portanto, parece não se aplicar aos referidos exemplos de Oliveira (1997).

A análise da autora mostra que o *onde* de maneira geral, com sentido de espaço físico é mais frequente (83%), tanto para língua oral (66%) quanto para língua escrita (17%). O sentido de tempo é menos frequente, aparecendo apenas em 1% do total do *corpus* e predominando em língua falada. O segundo mais frequente é o *onde* espaço virtual, que predomina em língua escrita, totalizando 10%. O *onde* espaço discursivo ocorre mais em língua falada e perfaz o total de 3%. O significado textual também predomina em língua falada e perfaz 2,3% do total das ocorrências no *corpus*.

2.2.2. *Onde* como projeção locativa: Pires de Oliveira (1998)

Posta a problematização gramática x ensino, observamos que Pires de Oliveira (1998) se preocupa com a constatação do fato de a gramática normativa não ser um bom instrumento para descrever a linguagem, além de a metodologia de ensino de língua materna ser deficiente, resultando em aulas de português que não formam bons leitores nem escritores aptos. Então a autora, através dos estudos da Semântica Cognitiva, a fim de contribuir com o ensino da língua, procura explicar um problema que vem atormentando professores de português e que faz “vociferarem os cães de guarda da língua oficial” (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p.147). Trata-se do “ab-uso, da exuberância de usos”, da palavra *onde*. Vejamos o uso do *onde* por um aluno em (9):

(9) O nível do ensino está caindo, *onde* estão sendo retirados os bons profissionais. (Letras USF)¹³

Segundo Pires de Oliveira (1998, p.148), lemos (9) e, muitas vezes, esquecemos de perguntar: “por que é que essa carinha – ou essa neguinha – usou precisamente essa palavra e não uma outra?” Mas foi essa pergunta que norteou o seu trabalho. A autora parte da crença de que por trás do “esdrúxulo desse uso se esconde uma racionalidade, reveladora de um percurso do raciocínio – aquele que leva o aluno a optar pelo *onde*”. Ressalta que se a hipótese semântica desenvolvida tiver plausibilidade, então a explicação via hipercorreção está enfraquecida, o aluno opta pelo *onde* por outras razões que não a de se adequar a uma imagem de texto bem escrito.

Para exemplificar sua hipótese, a autora examina os usos pronominais de *onde*, aqueles que recuperam algo dito antes e, mais especificamente, um sintagma nominal. E mostra que os usos de *onde* podem ser explicados como *polissêmicos*, o que significa que eles se ligam por “semelhanças de família”. Os diversos usos de *onde* se explicam por uma lógica de expansão semântica bastante corriqueira: aquela da projeção de um domínio sobre outros domínios. Ou seja, a transposição do *onde* espacial para os mais diversos domínios ocorre via nossa engenhosidade semântica de projetar, de tal sorte que concebemos um certo domínio a partir do filtro espacial proporcionado pelo *onde*. Os usos “desviantes” de *onde*, incluindo a amostra (9), explicam-se por essa operação de projeção. Portanto os alunos não utilizam o *onde* aleatoriamente, utilizam-no guiados por esse processo de projeção. Pires de Oliveira

¹³ A análise desses dados está em um trabalho de Pires de Oliveira (1987).

(1998) explica como processo semântico de projeção os usos do *onde*: locativo espacial, temporal, locativo abstrato e locativo relativo. Vejamos:

a) O locativo Espacial

O primeiro sentido, proposto por Pires de Oliveira (1998), trata da função do *onde* como locativo espacial, sentido já reconhecido pela GT. Vejamos o exemplo (10) extraído pela autora de Celso Cunha (1972):

(10) Sou o mar sem borrasca, *onde* enfim se descansa¹⁴.

Nas GTs, o uso pronominal de *onde* aparece descrito como um adjunto adverbial de lugar, porque pode ser substituído por ‘lugar em que’. Sancionado pela GT, esse uso aparece na escrita culta em muitos exemplos, como em (10). Esse uso também ocorre na oralidade, como exposto em (11):

(11) o protocolo [é a] - é a alma [da] – da repartição, (est) certo? é **onde** entra a correspondência, ...(VARSUL)

Esses usos de *onde* retomam um sintagma nominal que expressa uma localização, daí a terminologia de locativo espacial. No exemplo (10), ele recupera ‘mar sem borrasca’; e em (11), ‘protocolo’. Nesses exemplos, de acordo com a autora, é possível substituir o item *onde* por ‘lugar em que’. Não há, pois, nenhuma incompatibilidade com a análise da GT.

No entanto, fazendo a substituição do *onde* por ‘lugar em que’, na amostra (11), teremos uma sentença agramatical: *o protocolo [é a] - é a alma [da] – da repartição, (est) certo? é o lugar em que entra a correspondência, ...(VARSUL)*.

b) O locativo Temporal

O uso de *onde* temporal, apresentado por Pires de Oliveira (1998), já aparece descrito em dicionários, como também em textos da mídia escrita. Ele não aparece, no entanto, descrito na GT. O exemplo (12) exhibe, na oralidade, o uso ‘temporal’ de *onde*:

¹⁴ Os exemplos (10) a (15) foram citados em Pires de Oliveira (1998, p. 147-164).

(12) nessa época de férias *onde* a gente passava mais tempo juntos (VARSUL)

Nesse caso, *onde* indica um certo “espaço” na linha do tempo. O autor de (12) não pretende apontar um lugar determinado, mas indicar uma duração no tempo, um espaço de tempo: o momento de férias. Tanto é que nesse uso não é possível substituir o *onde* por ‘lugar em que’, como em (12’), o que poderia ser feito sem problema com o *onde* espacial:

(12’) * nessa época de férias, lugar em que a gente passava mais tempo juntos.

O que explica essa possibilidade de uso de *onde* para recuperar um momento no tempo e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de ser substituído por ‘lugar em que’? Pires de Oliveira (1998) nos dá como resposta o processo de projeção. O uso temporal de *onde* explica-se, pois, como um fenômeno natural das línguas: trata-se da projeção do vocabulário espacial para um outro domínio, o do tempo. Nos casos temporais, o *onde* recupera o tempo espacialmente.

c) O locativo Abstrato

Pires de Oliveira (1998) apresenta a projeção abstrata para um outro uso de *onde* documentado tanto na oralidade quanto na escrita padrão, mas novamente não descrito pelas GTs:

(13) Paramos *onde* autor falava de vírus.

A autora nos situa que essa parada mencionada no contexto (13) não trata de uma parada concreta, mas de uma parada na leitura de um texto. Deparamo-nos com um uso cuja explicação é a mesma apresentada para o *onde* temporal: trata-se da projeção ESPAÇO para um outro domínio, aquele da leitura. Pires de Oliveira (1998) explica que, para isso, a leitura tende a ser concebida (e a escrita também) como uma linearidade, uma sequência de letras em contiguidade temporal. Assim a escrita tem espaço e pontos. É comum falar sobre um ponto na conversa, na leitura, fala-se de *onde* começamos ou paramos uma leitura. Mas, na ocasião, o ponto é algo concebido como um lugar, um lugar abstrato. Trata-se talvez de um caso intermediário entre o uso temporal mais prototípico, como no exemplo (12), e usos abstratos prototípicos como em (14) e (15):

(14) Até que enfim um plano de saúde *onde* você paga quanto pode e tem o atendimento Unimed. (Propaganda, em Veja, 26/11/1997)

(15) Ele soluciona o problema, propondo a análise paralela dessas sentenças, utilizando a teoria das descrições definidas, *onde* a sentença analisada não tem sujeito simples, ao qual possa se fazer referência” (texto de pós-graduação em linguística – UFSC)

Em (14), o *onde* recupera ‘plano de saúde’, que não é propriamente um espaço, nem tempo, mas um contrato que é concebido como se fosse uma localização. Em (15), o *onde* recupera ‘teoria das descrições definidas’. Teorias são comumente concebidas como caixas, recipientes, de *onde* tiramos e pomos coisas: um espaço tridimensional. Esse uso de *onde*, que Pires de Oliveira (1998) chama de locativo abstrato, caracteriza-se por retomar um sintagma nominal, anteriormente apresentado, e moldá-lo como um lugar, apresentá-lo como se fosse um espaço.

d) O locativo relativo

Pires de Oliveira (1998) classifica o uso do *onde* projeção do locativo relativo como periférico, marginal, em dois sentidos. Em primeiro lugar, porque não se encontram exemplos desse uso nem na oralidade nem na escrita padrão culta da mídia¹⁵. A segunda razão é que esse uso não se encaixa no núcleo de significação, um lugar físico, que parece suportar os demais usos de *onde* já vistos. Vejamos o exemplo (16):

(16) Em seguida, os professores, *onde* votaram favorável a iniciativa do sindicato, decidiram pela greve. (Boletim do Sindicato dos Professores).

Na hipótese da autora, há um uso marginal de *onde* que pode ser chamado relativo. Ele recupera um sintagma nominal conceitualizado como um conjunto, um lugar, como encontramos no exemplo (16). Trata-se de um uso marginal, porque ele se afasta do núcleo de significação de *onde*, já que a propriedade “ser concebido como um lugar” está presente de forma atenuada. Assim, o locativo está mais na periferia, mais próximo ao ‘que’ relativo. Essa hipótese só poderia valer para o uso locativo relativo de *onde*, já que não é em todo contexto que o ‘que’ pode substituir o *onde*.

Pires de Oliveira (1998) conclui que os diversos usos de *onde* se explicam, pois, por uma lógica subjacente, pelo processo semântico de formação de relações de parentesco entre

¹⁵ A autora ressalta que analisou poucos dados de oralidade. Provavelmente um estudo mais detalhado mostraria a presença desse uso de *onde* relativo também na oralidade.

usos de um mesmo item lexical. Para ela, trata-se do fenômeno da *polissemia*. Os usos de *onde* apresentados estabelecem entre si relações de semelhança, que se constroem através do processo semântico de projeção. Com o *onde*, o falante recupera um sintagma nominal dito anteriormente e apresenta-o como se fosse uma localização, transformando-o num locativo. A autora acrescenta que falar em polissemia é aceitar que o sentido de uma palavra recobre usos ligados por semelhanças. Na estrutura polissêmica, há usos que são mais prototípicos, que representam melhor aquele item lexical, e há também usos mais periféricos. Nos casos de *onde*, o núcleo prototípico de significação engloba duas propriedades: a retomada de um sintagma nominal e sua apresentação como se fosse um lugar, uma dimensão. O uso relativo de *onde* é o que mais se afasta desse núcleo, porque a propriedade espacial não está fortemente presente. Nesse caso, segundo a autora, é a propriedade pronominal que está mais saliente.

2.2.3. A multifuncionalidade do *onde* e os aspectos sociais na fala de Salvador: Monteiro de Souza (2003)

Estudando a multifuncionalidade do *onde* na fala de Salvador, Monteiro de Souza (2003) verifica se esse item estaria passando por processo de mudança, utilizando como material de análise *corpora* orais da fala de Salvador. As bases teóricas que subsidiaram a análise e interpretação do *onde* é o Funcionalismo Linguístico, na orientação da constituição dos grupos de fatores e na interpretação dos dados, que abriga o estudo do paradigma da Gramaticalização; e a Sociolinguística Variacionista, na constituição da amostra, no levantamento dos dados e na utilização da análise quantitativa. Constitui-se, pois, em um trabalho de caráter sociofuncional. Os valores do *onde* são tomados como o principal grupo de fatores, a partir do qual são observados os sociais e os linguísticos. No entanto, para o nosso interesse, escolhemos para comentar os valores do *onde* e os fatores sociais: faixa etária, escolaridade e gênero social, os quais dispomos nessa sequência:

➤ *Onde* com valor de Espaço Físico

Onde é um referenciador de lugar físico, que também via transferência metafórica passa a designar espaços mais abstratos. Assim, os conceitos se estruturam a partir de esquemas imagéticos espaciais, adquiridos em contato com o mundo, e, segundo a autora, é a

metáfora RECIPIENTE – estar dentro ou fora de alguma coisa – que está na base dos sentidos do *onde*, constituindo a sua polissemia, como no exemplo (17):

(17) ... *pelo menos no Costa e Silva ONDE eu estudo, no Heloísa já é do governo também, o colégio que eu estudei não exigia tanto, eu sei...* [M1C02]¹⁶

Em (17) o *onde* retoma “Costa e Silva” que pelo contexto percebemos que trata-se de um colégio, um lugar concreto. Monteiro de Souza (2003) denomina o uso do exemplo (17) como *Onde Espaço Físico*, uso prototípico do item.

➤ ***Onde* com valor de Noção**

O *Onde* com valor de Noção codifica o conceito espacial num domínio mais abstrato, para fazer a localização de situações, de sensações, de sentimentos, de emoções, como mostra o exemplo (18):

(18) ... *atualmente está bem mais cedo, e com isso, crianças do sexo feminino, essa é a minha marcação em relação às novelas das seis, ONDE você vê sexo explícito mesmo, nu, pessoa nua mesmo, explorando ...* [M3U12N]

A informante de (18) emprega o *onde* para a localização “novelas das seis” (plural) como um “recipiente” das cenas de sexo e nudismo, para expressar sua opinião, sua emoção, transportando, assim, o item em estudo para um domínio mais abstrato. A autora chama esse uso de *Onde Noção*.

➤ ***Onde* com valor de Tempo**

O *onde* com valor de Tempo, a mais direta metáfora do ESPAÇO, caracteriza-se pelas indicações à situação organizada de acordo com elementos que são referidos na linha do tempo, e assume a função de referente anafórico como em (19). O estudo de Monteiro de Souza (2003) registrou um número baixo de ocorrências.

¹⁶ Os exemplos (17) a (27) foram citados por MONTEIRO DE SOUZA (2003, p. 224-229). Os inquéritos estão codificados da seguinte forma: o primeiro valor é o Gênero H ou M; o segundo, Faixa etária 1 (15 a 25 anos), 2 (25 a 35 anos), 3 (45 a 55 anos), 4 (65 anos em diante); o terceiro, a Escolaridade F (Fundamental), C (Colegial) e U (Universitário); o quarto, o número do inquérito. Por exemplo, [M1C02] tem-se: Mulher, Faixa Etária 1, Escolaridade Colegial (Curso Médio completo), Inquérito 02. Quando os informantes forem do NURC/90, depois do número do inquérito vai existir, ou a letra N, significando informantes novos, ou R, significando retornados, que são informantes da década de 70, que foram recontactados. Por exemplo: [M3U12N], [H4U12R].

- (19) ... *nós podemos ver por esses dias que estamos passando, os dias atuais, na virada do século vinte e um, não é? Vem do século XX, na virada do século XXI, ONDE a nossa inflação está um negócio sério ...* [H2F40]

No exemplo (19), o item *onde* refere-se anaforicamente a uma expressão temporal “século XXI”. O *onde* com valor de Tempo, na análise da autora, apresenta-se com o sentido de “em que” e “quando”.

➤ ***Onde com valor de Posse***

Segundo Monteiro de Souza (2003), o *onde* com valor de Posse se dá por projeção do domínio ESPAÇO para um domínio mais abstrato, que tem um uso mais restrito, em razão de ser o sentido que mais se afasta de espaço físico. Esse *onde* tem o mesmo valor e/ou pode ser substituído por *cujo*.

- (20) *Pois é, é um assunto complexo, muito grande, que compreende por sempre aspectos, sobretudo da Bahia, ONDE a história territorial da Bahia ainda não está escrita. (ONDE por CUJO)* [H4U12R]

A autora denomina o uso do exemplo (20) de *Onde Posse*. Em sua análise, esse uso apresenta um percentual maior dentre os outros valores mais abstratos do *onde*. Para ela, a noção de posse presente em (20) faz que o *onde* tenha o mesmo valor do pronome *cujo*.

Os resultados da análise do *onde*, desenvolvida por Monteiro de Souza (2003), indicam que o espaço físico, o seu sentido prototípico, é o que se conserva, apresentando percentuais elevados de uso em todos os grupos de fatores analisados. O *onde* com valor Noção¹⁷ segue o *onde* Espaço Físico, em percentuais, embora ainda baixos, apresentando-se como um valor significativo na faixa etária 2 (25 a 35 anos), entre os homens, e no nível de escolaridade superior. São os falantes de nível culto que, de acordo com os dados analisados da fala de Salvador, desencadeiam um processo de mudança, entendida como a *convencionalização* de usos potenciais. Com um percentual significativo, segue o *onde* com valor Tempo e, finalmente, o *onde* com valor Posse.

¹⁷ A autora ressalva que não foram computados os dados do *onde* com outros valores mais abstratos pela pouca quantidade de ocorrências e por se apresentarem em estruturas sintáticas diversas, como *onde* em frases feitas, *onde* como conector e *onde* como marcador conversacional. Essas ocorrências foram discutidas e consideradas significativas numa perspectiva mais geral do comportamento do *onde*.

a) Faixa Etária

Para Monteiro de Souza (2003), o resultado foi “surpreendente” em relação à faixa etária 1 (15 a 25 anos). Contrariando as expectativas, essa faixa, a dos mais jovens, apresenta o percentual mais alto de uso do *onde* Espaço Físico (97%) em comparação com as demais, evidenciando ser a mais conservadora, como em (21).

(21) *Era assim lá na nova, na escola nova ONDE eu trabalhava, ONDE eu estudava, aí eu ia estudar e mainha começou a falar, eu era menor, mainha começou a falar “ah! o único interessado aqui é você”... [H1F47]*

A faixa etária 2 (25 a 35 anos) se apresenta como a mais inovadora, tem o percentual mais baixo de uso de *onde* Espaço Físico (67%) e um percentual mais alto de *onde* Noção (32%). Nas faixas 3 (45 a 55 anos) e 4 (65 em diante), embora apresentem um percentual alto de usos do *onde* Espaço Físico, o valor Noção é percentualmente significativo. O valor Tempo é mais saliente na faixa etária 4, como em (22), sendo a única faixa etária que tem o uso de *onde* com valor de Posse.

(22) *Eu distingo bem a minha fase de infância ONDE os bondes transitavam, ONDE eu estudava nos bondes. [M4U13R]*

Do ponto de vista social, a faixa etária 2 está dentro da faixa considerada mais produtiva (20 aos 50 anos). Nessa fase, as pessoas, por uma questão profissional, visam a ter ascensão na escala social, apresentam, portanto, um perfil, do ponto de vista linguístico, de autocorreção. Essas demonstram preferência pelos usos considerados de maior aceitação, como uma percepção das vantagens sociais que podem obter. Essas considerações indicam, a partir dos dados, a existência de um valor do *onde* que tem significativa relevância no percentual geral de usos por faixa etária, que é o *onde* com valor Noção, embora o *onde* Espaço Físico tenha um percentual muito elevado.

Esse percentual elevado do *onde* Espaço Físico ocorre em todas as faixas (82%), seguido do *onde* Noção (14%), Tempo (3%) e Posse (1%). O *onde* Noção tem percentuais de usos em todas as faixas etárias como o *onde* Espaço Físico, o que não ocorre com o *onde* Tempo, que se apresenta nas faixas 2 e 4, e Posse, só na faixa 4.

b) Escolaridade

O nível Fundamental possui um maior percentual de *onde* Espaço Físico (88%) seguindo-se a esse o nível Colegial (88%) e, por último, o nível Universitário (70%). O fato de o nível Fundamental apresentar o maior percentual de *onde* Espaço Físico evidencia um uso do valor mais básico desse item, do ponto de vista semântico e que, canonicamente, é o aceito, como em (23).

(23) *Era assim lá na nova, na escola nova ONDE eu trabalhava, onde eu estudava, aí eu ia estudar e mainha começou a falar, eu era menor, mainha começou a falar “ah! o único interessado aqui é você”...[H1F47]*

O que poderia se esperar é que a baixa escolaridade desses informantes pudesse proporcionar usos não-padrões proporcionalmente maiores do que dos informantes de maior escolaridade, o que não acontece.

A novidade está no nível Universitário, que apresenta um percentual menor de usos do *onde* Espaço Físico, em contrapartida o *onde* Noção apresenta um percentual maior, se comparado com os dos outros níveis de escolaridade.

A autora observou que o *onde* com valor de Noção é o que apresenta um percentual maior dentre os outros valores mais abstratos. Percebemos, portanto, a partir deste grupo sob análise, que a inovação está vindo de cima para baixo. É a fala das pessoas de nível Universitário, representante da norma culta, que parece estar desencadeando esse processo. Os percentuais desse tipo de uso no nível Fundamental e no nível Colegial, como em (24), são significativos, seguidos em proporção os dos falantes de nível Universitário.

(24) *... mas aí na, no, no, no curso Básico, tinha o curso Básico né, ONDE a gente tinha que aprender eletricidade, mecânica, de tudo a pessoa tinha que saber. [H4C14]*

Essa progressão pode explicar que, quando um falante de prestígio apresenta novos usos linguísticos, esses passam a ser incorporados por outros segmentos, sem haver estigmatização.

O *onde* Tempo tem um percentual muito baixo no nível Fundamental; o nível Colegial não apresenta nenhum uso; e o Universitário tem um percentual significativo, exemplificado em (25), comparado com o do nível Fundamental.

(25) *bom essa é uma fase da Bahia, eh, da cidade ONDE a cidade era calma, mais calma, evidentemente mais tranquila, ONDE as pessoas se encontravam, ONDE era possível você discutir filosofia num bonde...* [M4U13R]

O valor de Posse do item *onde* só ocorre no nível Universitário. Uma vez que esse nível apresenta todos os valores metafóricos do *onde*, levando a crer que nessa escolaridade emerge o fator desencadeador do processo de mudança linguística em termos semânticos.

c) Gênero social

A autora observa que os Homens possuem um percentual maior de usos do *onde* Espaço Físico (85%), como em (26), em relação às Mulheres (78%).

(26) *... depois de uns três a quatro meses foi um rapaz lá no Ministério da Fazenda, ONDE a minha mãe trabalha ...* [H2F09]

Quanto aos valores mais abstratos do *onde*, as Mulheres apresentam um percentual de usos de Tempo, como em (27), maior do que o dos Homens, 7% para 1% respectivamente.

(27) *E hoje praticamente a gente não vê as crianças dentro dessa faixa etária dez, doze anos, que é ONDE eu me lembro mais, assim, não é, a gente não vê mais isso, os meninos hoje só querem shopping, ouvir música, curtir um cinema, curtir uma fita de vídeo, né, é o que a gente vê hoje.* [M2U14N]

No uso do *onde* Noção, os percentuais se igualam, são 14%, tanto das Mulheres quanto dos Homens. O *onde* Posse tem um uso muito baixo percentualmente, tanto Homem quanto Mulher apresentam 1%.

A autora revela que os dados confirmam o que tem sido apresentado nas pesquisas sociolinguísticas: as mulheres são sempre conservadoras em termos de uso, mas quando a mudança não é estigmatizada, elas facilmente incorporam os novos usos e passam a ser mais inovadoras do que os homens. Como tem se verificado, o *onde* Noção tem se apresentado como o uso mais inovador em termos de valores, nesse caso, no *corpus* em estudo, as Mulheres se igualam aos Homens em termos percentuais. O *onde* com valor de Espaço Físico se mantém como o valor mais usado em ambos os gêneros.

Monteiro de Souza (2003) conclui que na sincronia estudada da fala de Salvador, o *onde* com valor de Espaço Físico apresentou o percentual mais alto de uso em relação aos outros valores. Desses últimos, o *onde* nocional é o que se apresenta em expansão.

Svorou (1993 *apud* MONTEIRO DE SOUZA, 2003)¹⁸, afirma que se pode concluir que, do ponto de vista semântico, o *onde* com valor de Noção emerge como um uso potencial, um candidato a se convencionalizar, ao lado do sentido mais básico e mais convencional do *onde*, que é com valor de Espaço Físico, conforme apresentam os dados analisados. Assim, os usos canônicos do *onde* prevalecem na fala de Salvador, segundo os dados dos *corpora* analisados, ficando evidenciada a sua *multifuncionalidade*.

2.2.4. Onde locativo e emprego segundo a modalidade: Souza (2007)

Souza (2007) realizou uma pesquisa sobre a mudança linguística do advérbio *onde* na modalidade escrita dos séculos XIV e XVI e nas modalidades escrita e oral do século XXI, baseada nos estudos sobre gramaticalização. Sua análise das ocorrências desse item em produções desses períodos se restringe aos empregos *relativo locativo* e *temporal*, para verificar em que estágio(s) da gramaticalização se encontra o item e explicar a trajetória de mudança linguística por ele percorrida. As bases teóricas dessa pesquisa foram subsidiadas na *abordagem funcionalista contemporânea*, já que, segundo a autora, as características das obras analisadas – função evangelizadora, discurso voltado para expressar os dogmas cristãos – remetem ao caráter funcional da língua, preceito básico do funcionalismo.

Para a análise da sincronia do século XXI, que nos interessa mais de perto, a variedade de textos disponíveis proporcionou a seleção de 119 fragmentos que apresentam o *onde*. Livros, jornais, revistas, panfletos e novenas compuseram o *corpus* impresso. Artigos extraídos de portais católicos constituem os textos eletrônicos. Os sermões e palestras proferidas por padres e transmitidas pelo rádio e pela TV constituem os dados referentes à linguagem falada. Do montante de 119 registros, 92/77,5% fazem parte do *corpus* escrito, 22/18% do *corpus* eletrônico e 5/4,5% de língua falada.

a) Escrita

Os primeiros exemplos dessa análise propostos por Souza (2007) buscaram confirmar as postulações de Braga e Manfili (2004) em relação ao uso do *onde* e a variante sintagma

¹⁸ Segundo Svorou (1993), a transferência metafórica do sentido de um item de um domínio mais concreto para outros domínios mais abstratos não se dá de forma gradual, sendo uma atividade cognitiva, o que está envolvido é o reconhecimento de similaridades entre um domínio e outro e o revigoramento dos significados linguísticos de descrição de um para descrever o outro, o que é novo é a *convencionalização*.

preposicionado (*Sprep*) quando há retomada de entidades geográficas. Os colchetes indicam que, naquele fragmento, há possibilidade de substituição do item *onde* (com sentido de multifuncionalidade) por outro termo.

(28) Escalar a montanha KX, a segunda maior do mundo, **onde [na qual]** muitos haviam morrido na Ásia de chegar. (PQTV, p. 12)¹⁹.

No fragmento (28), de acordo com a análise da autora, o sintagma retomado pelo *onde* é um nome genérico – a montanha – acompanhado por um nome próprio KX, admitindo, assim, a substituição do elemento por um *Sprep*. O relativo desempenha a função de adjunto adverbial na oração que introduz, o que também ocorre em (29):

(29) O santuário foi construído na colina de Tepeyac **onde [na qual]** se vê ainda hoje, exposto o manto, com as feições da virgem, conservadas intactas depois de 470 anos. RA. Dez. 05, p. 11.

O referente do *onde* no exemplo (29) é locativo. O item recupera um espaço físico, todavia, segundo a autora, ao lado do uso adverbial do *onde* é posto o temporal. O exemplo (30) revela o uso não-locativo de *onde*, com destaque para o sentido temporal.

(30) Ele invade as casas, os hospitais, as ruas para ver quem tem fome, sede, quem está preso, o que sofre solidão o desempregado, o sem-teto, o sem-terra, e aí fazer a revolução **onde** será tudo em todos pelo amor! (RA. Nov. 05, p. 2).

No exemplo (30), Souza (2007) interpreta que o item não recupera o sintagma “a revolução”, embora seja este o sintagma que lhe antecede. No contexto analisado, Deus invadiria todos os lugares *onde* há problemas e faria as mudanças, a revolução na vida das pessoas, por meio do amor. Nesse sentido, teria uma ação (invasão divina) que se seguiria após outra (revolução). Esse processo se organiza na linha temporal, em uma sequência de eventos. Assim, a forma *onde* empregada em (30) não faz referência espacial, mas se relaciona a uma das ações, indicando como seria o tempo em que ela ocorreria (tudo pelo amor). O *onde* teria, portanto, o valor temporal.

Segundo a autora, o que contribui para a referência não-locativa é o fato de o *onde* estar antecedido por um nome nocional. Em textos impressos, Souza (2007) constatou um emprego maior do *onde* com sentido espacial. Os valores não-locativos respondem por apenas 30% das ocorrências.

¹⁹ Os exemplos (28) a (32) foram citados por Souza (2007, pág.100-115).

b) Escrita eletrônica

Nessa modalidade, Souza (2007) exemplifica em (31), o *onde* com a ideia locativa em que os elementos por ele recuperados, semanticamente, referem-se a lugar. Observou também a função sintática de adjunto adverbial desempenhada pelo elemento pesquisado em todos os casos vistos, obtendo a confirmação dos pressupostos de Braga e Manfili (2004).

- (31) O “presépio” indica que, no local *onde* nasceu Jesus, guardava-se o rebanho. (...). No Novo Testamento empregara-se outras duas vezes (Mc 14,14 e Lc 22,11), para indicar a sala *onde* Jesus celebrou a última ceia com seus discípulos.

<http://www.opusdei.org.br>

No exemplo (31), extraído pela autora do *site* do *Opus dei*, há duas ocorrências com o uso do relativo *onde*. No primeiro caso, o item retoma “local”, no segundo, o item retoma “sala”. Segundo a autora, no *corpus* eletrônico, há igualdade entre os sentidos locativos e aqueles que fogem à “regra”. Foram encontradas 22 ocorrências do *onde*, das quais 11 apresentam referência a lugar.

Por fim, a autora observou que, nesse *corpus*, não foi encontrado emprego temporal do *onde*. No entanto, concluiu que o alto índice de usos que “extrapolaram” o sentido espacial demonstra que os textos veiculados na rede mundial de computadores contribuem para o estudo sobre expansão de sentidos para o item.

c) Oral

Os registros orais analisados procuraram contribuir para o estudo da mudança linguística que o *onde* vem sofrendo diacronicamente. O exemplo (32) ilustra o emprego anafórico e valor espacial de *onde* em registros orais. Souza (2007) verificou que, além da demonstração da extensão de valores que se aplica ao item estudado, existe a “confusão” de usos em relação às formas *onde/aonde*, segundo a gramática normativa.

- (32) [Santa Teresinha do menino Jesus] Aos 15 anos quis entrar para o convento, o Carmelo, o convento *aonde* a pessoa passa a vida trabalhando e rezando. (Referência)

No exemplo (32), a gramática normativa preconiza que deve ser utilizado o vocábulo *onde*, sem a preposição “a”, indicadora de movimento, pois em (32) há referência a lugar estático.

Segundo a autora, no século XXI, encontram-se, referente aos sentidos *locativos* e *não-locativos*, constatações diversificadas para com o emprego do item. Na modalidade escrita, por exemplo, o sentido locativo é o que predomina, pois pressupõe que a gramática tradicional influencia no momento de revisar os textos; na escrita eletrônica, as ocorrências mostram que os falantes usam o *onde* como não-locativo na mesma proporção que o *espacial*, devido, nesse ambiente, às revisões textuais pouco ocorrerem. Os usos que mais se afastam das regras da gramática normativa são os usos orais, por utilizarem a partícula em quase 60% das referências não-espaciais, fato que a autora atribui à interferência sócio-pragmática, mesmo em casos de falas planejadas, como por exemplo, os sermões e palestras.

Souza (2007), observando a fixação do *valor temporal* ao longo das sincronias estudadas por ela, mostra que o ESPAÇO e TEMPO podem vir expressos pelos usuários da língua, utilizando os mesmos recursos linguísticos, justificados pela relação metafórica que os une. Esse uso relativo do item se mantém, pois, ao longo do tempo, havendo mudança na função sintática adjunto adverbial de tempo. Sendo assim, o processo de gramaticalização do item *onde* está em andamento, pois parte dos valores a ele atribuídos que coexistem na atualidade já eram identificados desde a fase arcaica do nosso idioma, ainda que esses sentidos não-locativos apareçam em menor ocorrência, justificados talvez pela “força da gramática tradicional que se arrasta por séculos” (SOUZA, 2007, p.127).

2.2.5. Onde na educação básica de Natal: Xavier da Silva (2010)

Xavier da Silva (2010), recentemente constatou por meio de uma investigação empírica que o item *onde* pode desempenhar na língua uma diversidade de significados/funções diferentes dos descritos nas GTs. Essa investigação assemelha-se à pesquisa sincrônica realizada por Oliveira (1997) já referida anteriormente, pois ambas utilizam-se do *corpus D&G* do Natal/RN, organizado por Furtado da Cunha (1998), no entanto há diferença na faixa etária estudada. Especificamente, a autora encontra nove tipos diferentes do item *onde*, que são: *relativo locativo*, *adverbial locativo*, *pronominal locativo*, *locativo virtual*, *discursivo*, *temporal*, *conector*, *preenchedor de pausas* e *posse*. Na medida em que os novos usos vão surgindo, confirma-se uma tendência de trajetória percorrida pelo *onde* como resultante de um processo de gramaticalização.

Ainda com a autora, a fim de ratificar sua hipótese, verifica os usos do item *onde*, partindo de uma análise quantitativa para, com base nessa frequência, descrever qualitativamente esses usos e explicá-los.

O trabalho de Xavier da Silva (2010) é dividido em três sub-sessões: a) *onde* espacial: corresponde aos usos do *onde* como *relativo locativo*, *adverbial locativo*, *pronominal locativo* e *locativo virtual*; b) *onde* temporal: corresponde ao uso do *onde*, um espaço concreto, representando o tempo abstrato; c) *onde* textual: corresponde ao uso do *onde* como *locativo discursivo*, *conector*, *preenchedor de pausas* e *posse*.

a) *Onde* Espacial

a.1) *Onde* relativo locativo (=que/o lugar): apresenta um sentido básico de espaço físico, refere-se a um termo antecedente e indica um lugar. Em certos casos, pode equivaler ao “que” relativo. Vejamos a amostra (33) que segue:

(33) Contexto: A hemeroteca

... logo após vem a *sala* ... *vem a sala* ... *a hemeroteca né* ... *é a sala onde tem as* projeções de filme ... e ... no final desse corredor né no caso ... a gente vê logo a secretaria ... né ...

SEF4-061-DELO-285²⁰

Em (33), o antecedente de *onde* é “sala”, um espaço físico que pode ser substituído pelo “que” relativo e representa o uso canônico de *onde*. Esse uso é admitido pelas GTs e apresentou à maior frequência, totalizando 28,4% das ocorrências no *corpus*.

a.2) *Onde* adverbial locativo: quando o seu sentido equivale e/ou pode ser substituído por “o lugar em que”. Também faz referência a lugar.

(34) Contexto: Paquera

I: a gente conversou sobre várias coisas ... onde (a) ele morava ... quando ele ia embora ... como é ... onde (b) é que ele estudava ... tudo ... quantos anos ele tinha ... eu e minha prima quase que fazemos uma entrevista pra ele ...

Na amostra (34), o *onde* (a) exerce função adverbial, podendo ser substituído por um advérbio de lugar, refere-se a um espaço físico, ou seja, “o lugar em que ele morava”. O

²⁰ A partir da amostra (33), as ocorrências foram retiradas do *corpus* Discurso e Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal/RN, organizado por Furtado da Cunha (1998) e estão codificados da seguinte forma: o primeiro valor é a escolaridade e a idade, A (Alfabetização – 5 a 9 anos), Q (Quarta série – 9 a 11 anos), O (Oitava série – 13 a 16 anos) e SE (Segundo grau – 18 a 20 anos); o segundo, o sexo F ou M; o terceiro, o informante 1, 2, 3, 4; o quarto, o número da linha; o quinto, os gêneros textuais NEP, NAR, DEL, REP, RO; o sexto, a modalidade F (falada) ou E (escrita); o sétimo, o número da página.

mesmo aplica-se para o *onde* (b). Esse uso do *onde* também é admitido pelas GTs. Aparece como o segundo uso mais frequente com 26,8% das ocorrências.

a.3) *Onde* pronominal locativo (=SN): este uso refere-se aos nomes e/ou pronomes, recupera um sintagma nominal dito anteriormente e apresenta-o como se fosse uma localização, transformando-o num locativo.

(35) Contexto: O trabalho

... aí a gente anda um pouquinho ... acho que uns ... anda um pouquinho ... aí depois entra na ... na área ... que é bem grande ... bem espaçosa sabe? aí tem uma porta ... branca assim ... *de la/ lateral* ... pronto ... *chega na recepção é onde eu trabalho* ... eu sou ... recepcionista ... secretária ... faxineira ... tudo ... ((riso)) é ...

SEF3-116-DELO-260

O referente de *onde* é o Sprep “na recepção”. Nesse uso, o *onde* recupera o SN “a recepção” já dito no SPrep e apresenta-o como um lugar. Corresponde ao terceiro maior uso, com 24,2%. É um uso admitido nas GTs, como em (33) e (34).

a.4) *Onde* virtual locativo (=noção): seu referente é um espaço mais abstrato, que utiliza a projeção mental para ser recuperado. Mesmo se tratando de um uso abstrato, o *onde* virtual não é tão distinto do *onde* como espaço físico, já que ambos têm o mesmo funcionamento sintático.

(36) Contexto: O acampamento – uma experiência inesquecível

Das várias experiências que eu passei houve uma que eu *nunca esqueço*. Foi uma experiência **onde eu aprendi realmente** o que é solidariedade, e foi também a primeira vez que dormi fora de casa.

OM1-002-NEPE-315

Na amostra (36), o referente do *onde* é “uma experiência”. Poderíamos pensar que se trata de um SN que foi moldado como lugar, mas, numa observação mais apurada, vemos que não é um espaço físico, palpável, mas está sendo referido pelo informante para localizar “uma experiência”, típico de um espaço virtual. Esse uso aparece em 8,55% das ocorrências.

b) *Onde* Temporal

O antecedente do item *onde* é temporal, chegando a atingir o sentido da categoria TEMPO no discurso. Nesse caso, o *onde* deixa de referir-se a um espaço concreto e passa a

representar o tempo abstrato. Constitui, pois, um evento de uma sequência que acontece na linha do tempo, como em (37) e (38).

(37) Contexto: Acampamento

... *depois disso ... teve a noite onde foi escolhido o grupo* de cinco pessoas mais ou menos ... que durava uma hora ... enquanto os outros dormiam ... é o chamado sentinela ...

OM1-014-NEPO-304

(38) Contexto: Noite dos Talentos

Na sexta-feira à noite houve a Noite dos Talentos, onde não houve um programa, porquê foi algo espontâneo, eles apresentavam o que sabiam e faziam de melhor: cantavam, tocavam, recitavam poesia e teve a apresentação de uma peça.

SEF4-023-NEPE-297

O *onde* temporal presente nas amostras (37) e (38) é um uso metafórico, o antecedente de *onde* é temporal em ambas as modalidades, nas quais podemos perceber eventos que acontecem na linha do tempo. Nesse tipo de uso, a transparência semântica do *onde* é apenas parcial. Constitui 5,9% das ocorrências do *corpus*.

c) *Onde* Textual

c.1) *Onde* discursivo: o referente é uma frase. Nesse tipo de uso, o *onde* passa a representar um espaço no discurso, saindo, pois, do mundo real para um mais abstrato. O referente é uma porção no texto, como em (39).

(39) Contexto: Desenhos

O meu forte mesmo, é ampliar desenhos. Onde eu acho um desafio. Pois eu tenho de tentar chegar a perfeição.

OM1-021-REPE-320

Em (39), temos um uso de *onde* funcionando como discursivo. O referente é uma frase, por isso ele pode ser substituído, no exemplo, estruturalmente pelo elemento discursivo “isto”, vejamos: “O meu forte mesmo é ampliar desenhos. *Isto* eu acho um desafio”. Apresentou uma frequência de 3,9%.

c.2) *Onde* conector: a função do item *onde* é mais de encadear o discurso do que veicular qualquer sentido de espaço físico. Funciona muito mais como um conectivo do que como um pronome relativo ou um advérbio.

(40) Contexto: Pena de morte

... nos países que não têm pena de morte ... e se por acaso for adotado ... a pena ... eu seria a favor apenas da prisão perpétua ... não da forca ... da câmara de gás ... da cadeira elétrica ... *em que o assassino tem uma morte muito instantânea* ... **onde** *ele* não paga o que ele realmente fez ...

OM1-024-REPO-313

Na amostra (40), o item *onde* funciona como uma conjunção causal e vem antes do verbo, portanto é um conector. Nesse uso, o *onde* atinge um alto grau de abstratização, com transparência opaca e atuando como sequenciador frasal. Aparece em apenas 1,9% das ocorrências, especificamente na oitava série.

c.3) *Onde* preenchedor de pausas: esse uso é utilizado para preencher vazios causados por pausas para calcular as informações seguintes, por isso quando o *onde* chega a esse grau máximo de abstratização, é considerado como vazio de significado, porém com função pragmática.

(41) Contexto: Descrição da cozinha

... *num sei quê* ... *esses temperos* ... é **onde (a)** ... é **onde (b)** *a nossa* ... é **onde (c)** *minha mãe e todas as minhas tias passam a maior parte do dia* ... porque é uma prole pra alimentar ... (é sabe) um batalhão ... tem ... um fogão na parede de fundo ...

OM4-128-DELO-372

Na amostra (41), o *onde* atinge o grau máximo de abstratização, sendo usado para preencher o vazio de uma pausa no raciocínio. Há um prolongamento da pausa do *onde* (a) ao *onde* (b). Verificamos que a ocorrência e a recorrência do *onde* justificam uma pausa para reformulação do raciocínio das informações proferidas e das subsequentes. Neste estágio, o *onde* não apresenta nem sentido de espaço físico, nem de tempo, mas ainda pode ser discursivo, pela característica de um preenchedor de pausa poder prender a atenção do interlocutor, que, por sua vez, pressupõe que ainda há alguma informação a conhecer. É um recurso característico de produções de textos orais. Apresenta uma frequência de 1,3%.

c.4) *Onde* posse (= cujo): o item *onde* assume o valor do relativo “cujo” e dá ideia de posse. É um uso que muito se afasta do *onde* espaço físico, seu sentido mais básico, constituindo um uso totalmente abstrato. Só houve uma ocorrência desse tipo no *corpus*, na modalidade escrita apresentada em (42):

(42) Contexto: Justiça do Brasil

Num país como o Brasil onde a justiça é falha nunca poderá implantar a pena de morte. Muitas pessoas morreriam inocentes e só morreria os pobres. Pois a justiça, principalmente no Brasil está não impõe a sua autoridade aos ricos.

OM1-015-REPE-321

No exemplo (42), temos o uso de *onde* posse, que pode ser substituído estruturalmente pelo pronome possessivo *cujo*, como podemos ver em: “Num país como o Brasil *cuja* justiça é falha nunca poderá implantar a pena de morte”. A justiça citada no contexto é pertencente ao país Brasil, por isso a ideia de posse. Constituiu 0,6% do *corpus*.

Xavier da Silva (2010) observa esses valores e relaciona-os aos aspectos socioculturais. Conclui que os alunos do Ensino Médio - 18 a 20 anos - (f=70/45,2%) usam com mais frequência o *onde* locativo relativo, apresentando-se como a escolaridade mais “conservadora” quanto ao uso canônico. Seguem os alunos da Oitava série - 13 a 16 anos - (f=65/43,2%) com a segunda maior frequência do *onde* relativo locativo, todavia, essa escolaridade revelou-se como a mais “inovadora” pois apresentou todos os usos abstratos do *onde*. Depois vem a Quarta série - 9 a 11 anos - (f=15/9,7%) e, por último, os alunos da Alfabetização - 5 a 8 anos - (f=3/1,9%). No tocante aos gêneros textuais, o *onde* ocorre mais na descrição de local, constituindo 47,1% das ocorrências. Nesse caso, os informantes conservam seu uso mais prototípico, o *onde* locativo relativo e adverbial, para descrever e/ou referir-se a lugar.

A autora observa também que os usos do item *onde* são mais presentes na fala (f=73,5%) do que na escrita (f=26,5%). E, ainda, que as mulheres (f=55,5%) usam mais este item do que os homens (f=44,5%).

Com base nesses usos, Xavier da Silva (2010) traçou a trajetória percorrida por esse item via gramaticalização. Segundo a autora, o *onde* inicia-se seu percurso na categoria conceptual ESPAÇO, seguindo para um uso de TEMPO, chegando a um maior grau de abstratização como um elemento do TEXTO, havendo transferências de significados de uma categoria para a outra nesse processo. Na grande maioria dos sentidos que o *onde* apresentou na amostra estudada pela autora, o item conserva, em sua base semântica, o sentido de espaço físico, apontando que há instâncias de continuidade e estabilidade de alguns significados/funções em tempo aparente. No entanto, a amplitude do *onde* se estende, podendo desempenhar funções temporais e textuais.

CAPÍTULO III

– PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A BUSCA DOS USOS DO *ONDE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO –

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A BUSCA DOS USOS DO *ONDE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para a análise dos usos do item linguístico *onde*, adotamos uma linha essencialmente funcionalista que nos possibilitasse estudá-lo a partir da função que ele desempenha no uso real da língua. Nessa abordagem, o processo de gramaticalização encontra abrigo privilegiado, principalmente, nas propostas de Heine *et al.* (1991), Hopper & Traugot (1993, 2003), Givón (1995), Martelotta *et al.* (1996), Gonçalves *et al.* (2007), Furtado da Cunha (2003, 2008).

Este capítulo mostra os procedimentos metodológicos adotados para a busca dos usos do *onde* no português brasileiro. Em sua sequência, apresenta os objetivos, as hipóteses a serem defendidas, os dados de análise, a definição das variáveis envolvidas, bem como o tratamento dos dados para verificar a frequência dos cruzamentos entre as variáveis. Partimos de uma análise quantitativa para, com base nessa frequência, descrevermos qualitativamente os usos do item *onde* e explicarmos, segundo o contexto em que ocorrem, seu desempenho na construção de sentidos.

3.1. Objetivos

3.1.1. Geral

Descrever os usos do item *onde* como resultantes do processo de gramaticalização, a partir de amostras textuais de língua em uso no português contemporâneo do Brasil, nas modalidades oral e escrita.

3.1.2. Específicos

a) Verificar quais são os tipos de ocorrências mais frequentes do item *onde* na língua falada e escrita da cidade de Natal/RN, do Rio de Janeiro/RJ, de Juiz de Fora/MG e do Rio Grande/RS.

b) Descrever as funções dos vários usos do *onde* na construção de sentidos de textos falados e escritos.

c) Levantar os usos do *onde*, para descrevê-los e explicá-los, estabelecendo relações entre os aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmático-discursivos.

d) Verificar os diferentes usos do *onde*, considerando:

d.1) as modalidades oral e escrita do português contemporâneo;

d.2) os cinco gêneros textuais: Narrativa de Experiência Pessoal (NEP), Narrativa Recontada (NAR), Descrição de Local (DEL), Relato de Procedimento (REP) e Relato de Opinião (ROP);

d.3) os fatores inerentes ao informante (idade e sexo);

d.4) a escolaridade do informante;

e) Buscar indícios de variação/mudança linguística do *onde*, aferidos qualitativa e quantitativamente, que evidenciem o possível processo de gramaticalização dos diferentes usos.

f) Realizar uma análise comparativa entre a língua falada e escrita de quatro localidades do território brasileiro, observando se há instâncias de continuidade e estabilidade de alguns significados/funções em tempo aparente.

3.2. Hipóteses

A hipótese geral aqui defendida é a de que, por meio do processo de gramaticalização, o *onde* vem assumindo outros valores, funções e usos distintos dos admitidos pela norma padrão e empregados nas GTs, em diferentes regiões do país.

Como hipóteses específicas, defendemos que:

a) a trajetória do item lexical *onde*, via gramaticalização, segue do sentido mais concreto para o mais abstrato, representada pelas categorias conceptuais: **ESPAÇO > TEMPO > TEXTO**.

b) os fatores socioculturais influenciam os falantes no momento de usar o *onde* mais na modalidade oral do que escrita.

3.3. Dados de análise

Utilizamos como amostra dados de textos reais do Português Contemporâneo, produzidos em situação específica de coleta, presentes no *Corpus Discurso & Gramática* – a língua falada e escrita na cidade de Natal, do Rio de Janeiro, de Juiz de Fora e do Rio Grande.

Fundado no Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ em 1991, o Grupo de Estudos Discurso & Gramática trouxe o projeto pioneiro, coordenado por Sebastião Votre e apoiado pelo CNPq, *Iconicidade na fala e na escrita*, que teve

durabilidade de dois anos. Nessa fase os componentes do D&G prepararam amostras da língua falada e escrita em quatro cidades do Brasil: Rio de Janeiro/RJ, Natal/RN, Rio Grande/RS e Juiz de Fora/MG.

3.3.1. Características gerais dos *corpora* D&G

Numa visão geral os *corpora* têm sua composição bastante semelhante, ou seja, não apresentam variações uns em relação aos outros. Todos os *corpora* oferecem a mesma nomenclatura e são compostos por entrevistas com informantes de quatro níveis de escolaridade: alunos da 4ª e 8ª séries do ensino fundamental, 3ª série do ensino médio e último período do ensino superior, sendo cinco gêneros textuais orais e escritos: *narrativa de experiência pessoal*, *narrativa recontada*, *descrição de local*, *relato de procedimento* e *relato de opinião*. Alguns diferem apenas na quantidade desses itens, como, por exemplo, o *corpus* do Rio de Janeiro que apresenta um número bem maior de informantes e por isso maior volume textual em relação ao demais.

3.3.2. O *corpus* D&G da cidade do Rio de Janeiro/RJ

O *corpus* do Rio de Janeiro é o projeto pioneiro dos *corpora*. Seu material apresenta algumas alterações entre os demais, embora sua composição geral seja comum aos outros. A diferença desse *corpus* se dá quanto ao número de informantes e por isso maior quantidade de textos. O *corpus* está composto da seguinte forma: a) alunos de alfabetização: i) infantil: 15 informantes de 5 a 8 anos, ii) adulto: 8 informantes com 18 anos; b) alunos da 4ª série do primeiro grau: 34 informantes com idade de 9 a 11; c) alunos da 8ª série do primeiro grau: 12 informantes de 13 a 16 anos; d) alunos da 3ª série do segundo grau: 16 informantes entre 18 e 20 anos; e) alunos do último ano do terceiro grau: 8 informantes, todos acima de 23 anos de idade. No total, o *corpus* é formado por entrevistas de 93 informantes. Cada informante produziu cinco gêneros textuais, nas modalidades oral e escrita, assim como nos outros *corpora*, totalizando 928 registros (faltou apenas o relato de procedimento de um informante).

3.3.3. O *corpus* D&G da cidade do Natal/RN

Publicado pela Editora Universitária da UFRN, o *corpus* D&G – A língua falada e escrita na cidade do Natal/RN, organizado por Furtado da Cunha (1998), é uma fonte

impressa de informação no conjunto dos *corpora* referente à sincronia existente hoje no território nacional. O *corpus* é formado por testemunho de 20 informantes, cada um construiu cinco gêneros característicos de textos orais e escritos, para que dessa forma fosse assegurado um maior nível de comparação entre fala e escrita. Juntas as amostras constituem um total de 200 arquivos coletados e registrados.

Foram selecionados para desenvolver os relatos informantes pertencentes à última série de cada ciclo, que correspondem então à alfabetização, quarta série do ensino fundamental, oitava série também do ensino fundamental, terceira série do ensino médio e último período do ensino superior, cobrindo assim todas as faixas de escolaridade e garantindo um *corpus* amplo. Faz a correspondência entre idade e escolaridade: alfabetização de cinco a oito anos, quarta série de 9 a 11 anos, oitava série de 13 a 16 anos, terceira série do segundo grau de 18 a 20 anos e, por fim, o terceiro grau acima de 23 anos de idade.

O *corpus* foi coletado por meio de entrevistas pré-estabelecidas na quais o informante tinha consciência dos cinco temas que dos quais iria tratar, não só na fala como também na escrita. O informante tinha conhecimento ainda da finalidade acadêmica do trabalho, sua identidade também foi mantida em sigilo absoluto, tendo ampla liberdade para dialogar com o pesquisador sobre locais e horários nos quais iria conceder as entrevistas, mantendo dessa forma a clareza e seriedade da pesquisa entre ambas as partes envolvidas.

3.3.4. O *corpus* D&G da cidade de Juiz de Fora/MG

O *corpus* de Juiz de Fora não apresenta distanciamento em relação aos demais *corpora*. A única novidade é que, após estar pronta a coleta de dados, bem como a transcrição desta, os entrevistadores produziram o que chamaram de “relato de interação”, que tem por objetivo fazer uma espécie de relatório, levando em conta as declarações dos entrevistadores no tocante a todas as entrevistas realizadas durante o levantamento dos dados. O relato tem ainda como finalidade munir os pesquisadores sobre os aspectos gerais da coleta, a interação e as circunstâncias em que ambas ocorreram. Os relatos servem ainda para ajudar na seleção de elementos de investigação conforme o interesse dos pesquisadores.

3.3.5. O *corpus* D&G da cidade de Rio Grande/RS

O *corpus* do Rio Grande, numa visão geral, tem as mesmas características estruturais dos demais. O que difere é o número de informantes, que comporta apenas 18, já que os

informantes do terceiro grau foram apenas dois e não quatro como nos demais níveis de escolaridade observados, além de estes estarem na faixa entre 23 a 28 anos de idade, totalizando 189 arquivos. Outro fator que se deu para esse menor número de arquivos foi um informante deixar de fornecer o relato de procedimento.

3.4. Variáveis

3.4.1. Dependente

Constituiu variável dependente o item *onde*, considerando os usos:

a) *onde* relativo locativo (= *que/o* lugar): o *onde* apresenta um sentido básico de espaço físico. Refere-se a um termo antecedente que indica lugar e equivale ao *que* relativo.

(43) Contexto: Residência

A casa onde eu morava no Alecrim, apesar de possuir um bom espaço físico, não localizava-se em um bom espaço social, pois a vizinhança não era de bom convívio.

OM4-003-NEPE-383²¹

b) *onde* adverbial locativo: quando o seu sentido equivale e/ou pode ser substituído por *em que*. Também faz referência a lugar.

(44) Contexto: Descrição do banheiro

... vamos encontrar um espelho ... uma prateleira ... onde fica os utensílios pessoais... vamos encontrar um cesto de roupas...

OM1-044-DELO-309

c) *onde* pronominal locativo (SN ou Sprep): recupera um sintagma nominal dito anteriormente e apresenta-o como se fosse uma localização, transformando-o num locativo.

(45) Contexto: O trabalho

... na área ... que é bem grande ... bem espaçosa sabe? aí tem uma porta ... branca assim ... de la/ lateral ... pronto ... chega na recepção é onde eu trabalho ... eu sou ... recepcionista ...

SEF3-116-DELO-260

²¹ A partir do exemplo (43) as ocorrências foram retiradas do *corpus* Discurso e Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal/RN e estão codificados da seguinte forma: o primeiro valor é a escolaridade e a idade, que está contida na escolaridade, A (Alfabetização – 5 a 9 anos), Q (Quarta série – 9 a 11 anos), O (Oitava série – 13 a 16 anos) e SE (Segundo grau – 18 a 20 anos); o segundo, o sexo H ou M; o terceiro, o informante 1, 2, 3, 4; a quarta, o número da linha; a quinta, os gêneros textuais NEP, NAR, DEL, REP, RO; o sexto, a modalidade F (falada) ou E (escrita); o sétimo, o número da página.

d) *onde* locativo discursivo: o referente é uma frase. Conserva um pouco seu sentido de espaço, mas espaço no discurso e não mais no mundo real. Passa a funcionar como um elemento discursivo equivalente a *isto*.

(46) Contexto: Desenhos

O meu forte mesmo, é ampliar desenhos. Onde eu acho um desafio. Pois eu tenho de tentar chegar a perfeição.

OM1-021-REPE-320

e) *onde* locativo virtual (= noção): codifica esse conceito espacial num domínio mais abstrato, para fazer a localização de situações, de sensações, de sentimentos, de emoções.

(47) Contexto: O acampamento

Das várias experiências que eu passei houve uma que eu *nunca esqueço. Foi uma experiência onde eu aprendi realmente o que é solidariedade, e foi também a primeira vez que dormi fora de casa.*

OM1-002-NEPE-315

f) *onde* temporal: o antecedente é temporal. Ocorre quando atinge o sentido de tempo no discurso. O *onde* deixa de referir um espaço concreto para representar o tempo abstrato.

(48) Contexto: A experiência do acampamento

... depois disso ... teve a noite onde foi escolhido o grupo de cinco pessoas mais ou menos ... que durava uma hora ... enquanto os outros dormiam ... é o chamado sentinela ...

OM1-014-NEPO-304

g) *onde* conector (= conjunção): a função do *onde* é mais a de encadear o discurso do que veicular qualquer sentido de espaço físico.

(49) Contexto: Pena de morte

...nos países que não têm pena de morte ...e se por acaso for adotado ...a pena ...eu seria a favor apenas da prisão perpétua ...não da força ...da câmara de gás ...da cadeira elétrica em que o assassino tem uma morte muito instantânea ...onde ele não paga o que ele realmente fez ...

OM1-024-REPO-313

h) *onde* posse (= cujo): quando o *onde* tem o valor do relativo *cujo* e dá ideia de posse. É o uso que mais se afasta do *onde* espaço físico, sentido prototípico do *onde*.

(50) Contexto: Justiça do Brasil

Num país como o Brasil onde a justiça é falha nunca poderá implantar a pena de morte. Muitas pessoas morreriam inocentes e só morreria os pobres. Pois a justiça, principalmente no Brasil está não impõe a sua autoridade aos ricos.

OM1-015-REPE-321

i) *onde* preenchedor de pausas (marcador discursivo): é o uso do *onde* que funciona como um mero marcador de pausas para raciocínio, um momento de reformulação de pensamento.

(51) Contexto: Descrição da cozinha

... num sei quê ... esses temperos ... é onde (a) ... é onde (b) a nossa ... é onde (c) minha mãe e todas as minhas tias passam a maior parte do dia ... porque é uma prole pra alimentar ... (é sabe) um batalhão ... tem ... um fogão na parede de fundo ...

OM4-128-DELO-372

3.4.2. Independentes

As variáveis independentes estão agrupadas em estatutos e são as seguintes:

I - Estatuto morfossintático

a) Relação sintática com a estrutura oracional

- i) sintaticamente independente
- ii) sintaticamente dependente

O item lexical em estudo pode ser sintaticamente dependente ou independente. No primeiro caso, o item pode exercer funções essenciais, integrantes ou acessórias dentro da oração. No segundo caso, muitos estudiosos afirmam que os marcadores são unidades sintaticamente independentes. É preciso observar que esses marcadores, dentro da estrutura sintática da frase, exercem algumas relações como, por exemplo, os marcadores de sequenciação que, dentro ou fora da estrutura da oração, podem estabelecer e darem a entender que a frase ouvida, lida ou falada, terá continuidade tão somente pela presença desse marcador discursivo.

b) Base gramatical

- i) pronome relativo
- ii) pronome interrogativo
- iii) advérbio
- iv) conjunção
- v) não se aplica

Essa variável, além de observar a fonte gramatical, colabora com a identificação da variável transparência semântica. Os traços da variável no sentido gramatical faz referência a unidades de base conjuncional, preposicional e adverbial, ao passo que, no sentido lexical, as formas são assentadas nos substantivos, adjetivos e verbos.

II - Estatuto semântico-pragmático-discursivo:

a) Transparência semântica:

- i) totalmente transparente
- ii) parcialmente transparente
- iii) opaco

A palavra é *totalmente transparente* quando vem representando o sentido atribuído a ela nas gramáticas normativas e nos dicionários. No entanto, o significado denotativo-referencial das palavras, em seu sentido primário, pode enfrentar o processo de alteração do seu significado, perdendo sua transparência denotativo-referencial e com isso novos semas são associados e incorporados ao enquadramento textual-discursivo (*parcialmente transparente*). Pode ainda haver graus diferentes de cristalização ou neutralização das referências externas originalmente traduzidas, até virarem, num grau máximo, esteriótipos, idiomatimos, semanticamente *opacos*.

b) Autonomia comunicativa:

- i) comunicativamente autônomo
- ii) comunicativamente não autônomo

As variáveis são *comunicativamente não autônomas*, quando, sozinhas, não conseguem constituir enunciados. Do contrário, são *autônomas*.

c) Articulação de segmentos do discurso

- i) sequenciador tópico
- ii) sequenciador frasal
- iii) não-sequenciador

Esta variável relaciona-se à função textual. Serve para marcar a sequência no discurso na forma de elementos coesivos, promovendo a articulação de nexos discursivos.

d) Posição (frase, turno, tópico)

- i. inicial
- ii. medial
- iii. final

As posições referem-se à distribuição relativamente das três unidades de análise: a frase, o turno ou o tópico. É importante observar o turno nesse estudo, devido a ele ter relação com um dos subprincípios icônicos, o da *ordenação linear*. Esse subprincípio estabelece a ordenação no discurso das orações. Por exemplo, se houver mudança na ordenação, na posição da oração, isso implica uma inversão na sequência real dos fatos.

III – Estatuto do referente

a) Referência

- i. locativa
- ii. não locativa
- iii. sem referência

Os itens referenciais são os elementos linguísticos que retomam outro termo na construção discursiva. A locativa faz referência a um lugar e, normalmente, é retomado no discurso. A referência não locativa não faz alusão específica a lugar. Sem referência é quando não há a presença do elemento referido no contexto linguístico.

b) Base gramatical do referente

- i. sintagma nominal (SN)
- ii. sintagma preposicionado (Sprep ou Adv)
- iii. frase
- iv. não se aplica

IV – Estatuto amostral da pesquisa

a) Modalidade:

- i. falada
- ii. escrita

O fato de o *corpus* abordar os mecanismos da fala e escrita permitiu fazermos uma comparação mais apurada dessas duas modalidades da língua. Apesar de os informantes falarem e escreverem os mesmos acontecimentos, verificamos diferenças relacionadas à estrutura, à organização das ideias, entre outras, nas duas modalidades.

b) Gênero textual:

i. NEP - narrativa de experiência pessoal: o informante conta uma história que tenha ocorrido com ele e que tenha sido interessante, triste ou alegre;

ii. NAR - narrativa recontada: o informante conta uma história que tenha ocorrido com alguém que ele conheça e que tenha sido interessante, triste ou alegre;

iii. DEL - descrição de local: o informante descreve, diz como é o lugar que ele mais gosta de ficar, passear ou brincar;

iv. REP - relato de procedimento: o informante é interrogado sobre alguma coisa que ele sabe fazer. Conta como faz algo.

v. ROP - relato de opinião: o informante apresenta sua opinião sobre algo. Por ser um gênero que exige mais do informante, as interrogações postuladas são feitas de acordo com a escolaridade dos alunos, por exemplo, aos alunos da alfabetização – infantil – o que você acha da sua escola?

c) Informantes:

i. escolaridade

ii. idade

iii. sexo

A escolaridade nos permitiu verificar como os fenômenos investigados são influenciados por esse fator. Os *corpora* apresentam depoimentos desde a alfabetização até o término do terceiro grau. O levantamento da variável *sexo* foi distribuída proporcionalmente em cada um dos graus de escolaridade em meninas e meninos. Existe entre a *escolaridade* e a *faixa etária* uma correlação estreita: *Alfabetização* (5-8 anos); *Quarta série* do Ensino Fundamental (9-11 anos); *Oitava série* do Ensino Fundamental (13-16 anos); *Terceira série* do Ensino Médio (18-20 anos) e *último ano do Ensino Superior* (acima de 23 anos).

3.5. Tratamento dos dados

Como o nosso objetivo foi descrever o fenômeno de variação/mudança do *onde* como relativo ao processo de gramaticalização, a partir de amostras textuais de língua em uso no português contemporâneo, na modalidade oral e escrita, a análise dos dados se deu a partir de uma abordagem quantitativa e, com base nela, fizemos uma análise qualitativa. Para a análise quantitativa, fizemos o cálculo da frequência e o cruzamentos dos dados, utilizando o pacote estatístico do programa "*Statistical Package for the Social Sciences*" – SPSS (NIE et al. [1968] 2007). A análise da frequência se fez necessária por ser um dado indicador do processo de gramaticalização e, assim, ser possível explicar o fenômeno de variação/mudança do *onde* e descrever o seu contexto de uso.

CAPÍTULO IV

- A MULTIFUNCIONALIDADE DO *ONDE* E SUA TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO -

4. A MULTIFUNCIONALIDADE DO *ONDE* E SUA TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nosso propósito, neste capítulo, é discutir os resultados da análise do item linguístico *onde*, realizada nas quatro regiões que formam os *corpora* D&G – a língua falada e escrita da cidade de Natal/RN, do Rio de Janeiro/RJ, de Juiz de Fora/MG e do Rio Grande/ES, estabelecendo uma comparação entre os usos. Entretanto, vale ressaltar o caminho por nós percorrido, fazendo um breve panorama de toda pesquisa.

Em busca de atingirmos nosso objetivo, descrever os diferentes tipos de usos assumidos pelo *onde* no Português brasileiro, levantamos a literatura existente sobre o item, resenhando pesquisas recentes que já apresentavam, em diferentes sincronias, a ampla gama de significados que o *onde* pode codificar. A escolha dos *corpora* D&G se deu devido a eles nos oferecerem textos orais e escritos decorrentes de reais interações, o que nos permitiu descrever a língua em seu uso efetivo. Adotamos como base teórica os pressupostos do Funcionalismo norte-americano, principalmente no tocante ao paradigma da gramaticalização, pois pressupúnhamos que o fenômeno de variação/mudança por que passa(ou) o *onde* é resultante de um processo de gramaticalização. No tratamento dos dados, partimos de uma análise quantitativa, utilizando o sistema *SPSS*, e, com base nela, passamos à análise qualitativa, verificando a função que o item desempenha no contexto. Todo esse percurso foi muito importante no momento de descrever e explicar os usos emergentes do *onde* com que nos deparávamos.

Dessa forma, no decorrer deste capítulo, trazemos uma análise comparativa dos tipos de usos do *onde* no português contemporâneo, o que evidencia que é um item em processo de variação/mudança de sentido e o seu caráter multifuncional na língua, confrontando os achados em cada região. Destacamos ainda sua frequência de usos e as variáveis linguísticas e socioculturais que o contextualizam. Entendemos que o exame da frequência do uso é um indicador de gramaticalização e o contexto atualizado é um elemento determinante para que surjam novos significados para uma construção. Por fim, trazemos a tendência de trajetória percorrida pelo *onde* via gramaticalização.

4.1. Os usos do *onde* e os aspectos linguísticos

Considerando os achados das pesquisas sobre o item *onde*, resenhados no Capítulo 2, e o seu grau de deslizamento semântico, encontramos, num universo de 403 amostras da língua

oral e escrita, nove tipos/funções diferentes de usos nos *corpora* D&G do português brasileiro, são eles: *relativo locativo*, *adverbial locativo*, *pronominal locativo*, *locativo virtual*, *temporal*, *sequencializador*, *substituente*, *preenchedor* e *possuinte*. Porém, apenas os três primeiros desses tipos apresentados são admitidos nas GTs, os demais podem ser considerados como usos emergentes do *onde*.

Optamos, pois, por dividir, a seguir, os contextos em três sub-sessões: a) *onde* espacial – corresponde aos usos mais frequentes e canônicos como *relativo locativo*, *adverbial locativo*, *pronominal locativo* e *locativo virtual*, esse último é uma exceção entre os canônicos, mas, pelo seu caráter espacial, enquadra-se nessa sub-sessão; b) *onde* temporal – corresponde ao uso do *onde* que evolui do seu sentido original locativo para representar o tempo, um uso mais abstrato; c) *onde* textual – corresponde aos usos mais distantes do sentido de lugar físico, podendo em alguns contextos, inclusive, perder totalmente esse sentido. Distribui-se em *sequencializador*, *substituente*, *preenchedor de pausas* e *possuinte*.

4.1.1. Onde Espacial

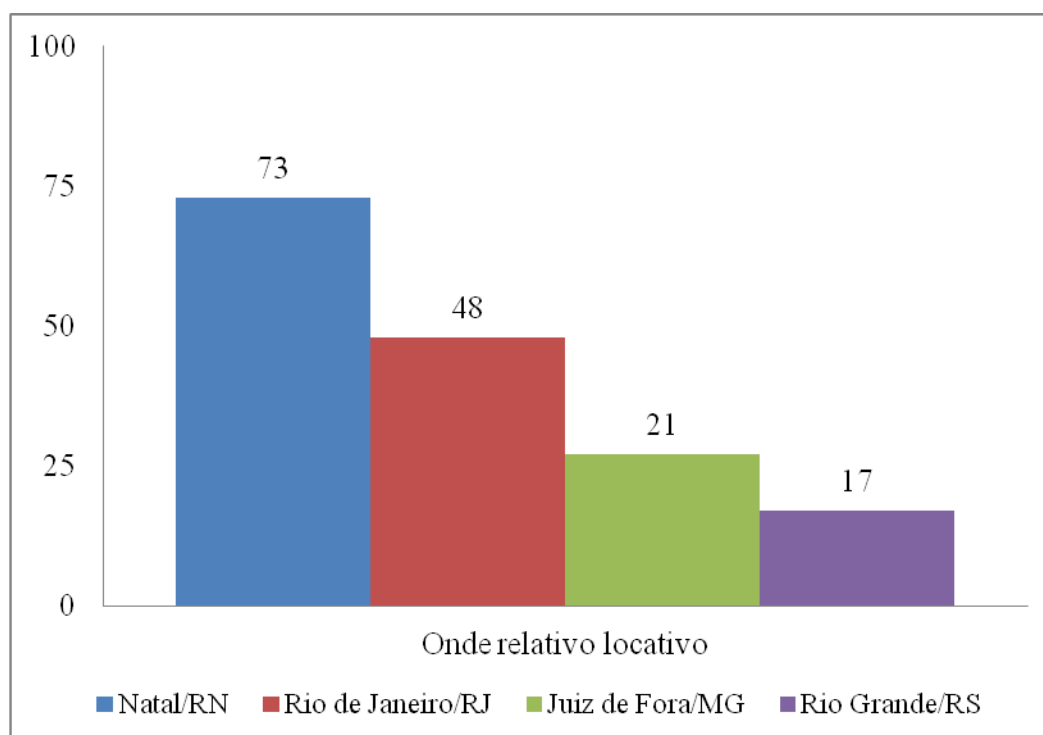
Conforme já exposto, o *onde* é classificado nas GTs como “advérbio de lugar” ou “advérbio relativo” (CUNHA; CINTRA, 2007). Ou ainda como “advérbio pronominal”, aquele que, pela sua origem ou significação, se prende a nomes ou pronomes (BECHARA, 2005). Para alguns gramáticos, ele só é considerado um pronome relativo quando apresenta antecedente expreso; enquanto, para outros, ele pode ser considerado um relativo ou advérbio embora seu antecedente não esteja expreso. Logo, notamos diferenças nas próprias GTs e entre os gramáticos no tocante à classificação desse item, embora exista plena conformidade quanto à sua noção de locativo. Além disso, compreendemos que a persistência dos usos consagrados pela norma em situações comunicativas reais, indica que tanto a tradição gramatical é fator importante no momento de empregar o item, como também o quanto já está cristalizado o seu sentido locativo.

Essa conformidade se estende aos nossos resultados, pois a maioria dos usos do item *onde* como *relativo*, *adverbial* e *pronominal* referencia, anafórica ou cataforicamente, um lugar concreto. As amostras listadas a seguir são todas ilustrativas desses usos, incluindo o *locativo virtual*, que conforme já ressaltado, é possível admiti-lo entre os usos canônicos por muito conservar em sua base semântica o sentido de lugar.

a) **Onde relativo locativo (=que/o lugar):** corresponde ao sentido básico de espaço físico do *onde*. Refere-se sempre a um termo antecedente que indica um lugar concreto, constituindo um uso anafórico. Em certos casos, pode equivaler ao “que” relativo.

Vejamos, no Histograma 1, a frequência absoluta do *onde* relativo locativo no português brasileiro.

Histograma 1 – Onde relativo locativo nos corpora D&G do Brasil



No Histograma 1, vemos que o item *onde* como relativo locativo é recorrente nas quatro regiões em análise, registrando um maior percentual de uso no D&G potiguar, seguindo do carioca, do mineiro e, por fim, do gaúcho. É o uso mais frequente na soma dos quatro corpora, totalizando 39,1%. Vejamos essa função na amostra (52), extraída do D&G potiguar, que se segue:

(52) Contexto: A hemeroteca

... logo após vem a sala ... vem a sala ... a hemeroteca né ... é a sala **onde** tem as projeções de filme ... e ... no final desse corredor né no caso ... a gente vê logo a secretaria ... né ...

SEF4-061-DELO-285-NTL

Na amostra (52), o antecedente de *onde* é o substantivo “sala”, um espaço físico que é recuperado pelo uso do item. Nesse contexto, ele funciona como o “que” relativo: “é a sala

que tem as projeções de filmes”, ou pelo *SPrep* “na qual”, já que “sala” está funcionando como o hiperônimo do nome próprio “hemeroteca”.

No D&G do Rio de Janeiro/RJ, encontramos (53), em que o *onde* recupera o SN “um lugar” e permite ser substituído no contexto pelo “que” relativo: “*O Pico da Caledônia é um lugar que me sinto bem e gostaria de estar sempre*”.

(53) Contexto: O pico da Caledônia em Friburgo

O Pico da Caledônia é um lugar onde me sinto bem e gostaria de estar sempre. No entanto ele fica distante e não de fácil acesso. Ele fica na minha cidade origem, Nova Friburgo, a 2083m de altitude.

TEF6-001-DELE-065-RJ

Na amostra (53), seu referente é “um lugar”, que também se trata literalmente de um espaço concreto. Desse modo, como relativo locativo, temos o uso anafórico do *onde*, uma vez que esse item refere-se sempre a um termo antecedente. Todavia, nos achados de Pires de Oliveira (1998), “o problema está no uso de *onde* como pronome relativo” (p.151), pois, para a autora, nessa função, o *onde* pode recuperar um SN cuja conceitualização não seja espacial, portanto considera-o como periférico, o que não se aplica em nossa análise. O *onde* locativo relativo retoma claramente um lugar físico, nos contextos cujos referentes de *onde* são SNs moldados como uma localidade, denominados, portanto, de pronominal locativo.

Podemos ainda observar em (53), a função textual do *onde*, marcando a sequência no discurso na forma de um elemento coesivo, que não só recupera, mas também substitui o termo que o antecede, mantendo a ideia locativa “*O Pico da Caledônia é onde me sinto bem e gostaria de estar sempre*”. Dessa forma, o item estabelece uma cadeia de elementos de retomada que permite ao falante ir construindo o sentido para o texto: o *onde* recupera anaforicamente o substantivo hiperônimo “lugar” que, por sua vez, recupera o substantivo próprio “Pico da Caledônia”. Constitui, portanto, não só um uso locativo, como também um elemento importante na construção de sentido textual.

Na amostra (54) extraída do *corpus* de Juiz de Fora/MG, o item *onde* retoma a expressão “um bairro lá”, que se trata de um espaço físico.

(54) Contexto: a primeira vez que andou de metrô

I: aí... fomos eu e a minha tia... mamãe... (uma) outra prima ((riso)) aí:... tá... nós fomos... ficamos lá três dias em São Paulo... descemos naquela rodoviária doida... na... na hora de vir *embora*... nós pegamos um... um bairro lá... onde a minha tia mora... ((tosse de E)) aí meu primo falou assim oh... “vocês... vão no metrô... quando chegar no Terminal Tietê... vocês descem...” ninguém nunca tinha andado de metrô...

TEM2-016-NEPO-028-JF

Também percebemos, em (54), que o valor locativo do item *onde* se arranja, sintaticamente, com o advérbio *lá*, que contribui para completar o seu sentido, indicando uma relação de distância do local ocupado pelo informante para o Terminal Tietê. Nesse *corpus*, ao contrário dos demais, o tipo de uso do *onde* como relativo não foi o mais frequente, ele segue o adverbial.

Na amostra (55), extraída do *corpus* gaúcho, assim como nas amostras anteriores, há o emprego prototípico do *onde* para substituir um termo antecedente com sentido de espaço físico. A ideia locativa está presente, porém o informante apresenta-a como uma informação nova marcada pela indefinidade “um colégio”, que é caracterizado como um ambiente em que “*a relação aluno-diretor é muito fria*”.

(55) Contexto: O colégio S. Francisco

... ele fez perguntas muito diretas... perguntas pessoais... isso eu nunca tinha esperado de uma pessoa que eu não conhecia... e principalmente *de um colégio... onde a relação aluno-diretor é muito fria... é chegar no colégio... colégio é trabalho... trabalho... casa... divertimento em casa... nada a ver com espiritualidade... com diversão no colégio... e essa era a minha idéia de colégio...*

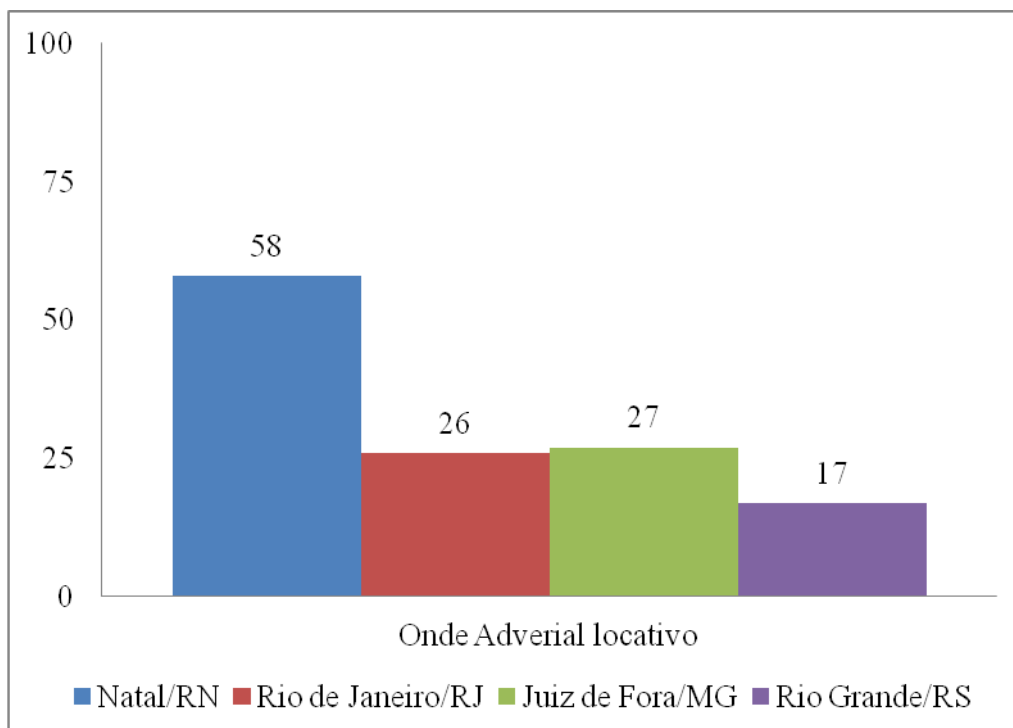
SEM1-037-NEPO-028-RG

No tocante aos elementos que linguisticamente fazem a referenciação do *onde* como relativo locativo, prevalece, quanto à transparência semântica, a variável totalmente transparente, uma vez que nesse tipo de uso o sentido básico do *onde* não sofre nenhuma alteração, conservando, portanto, o significado a ele atribuído nas GTs e nos dicionários.

b) *Onde* adverbial locativo: esse uso apresenta-se também com sentido de espaço físico, mas não faz necessariamente referência a um lugar antecedente, e, em sua maioria, funciona como sequenciador tópico. Todos os usos são totalmente transparentes, pois desempenham a função sintática de advérbio de lugar. Seu sentido equivale ao das construções “lugar em que” ou “em que”.

Vejamos, no Histograma 2, a frequência absoluta do *onde* adverbial locativo no português brasileiro.

Histograma 2 – Onde: adverbial locativo no D&G do Brasil



Observamos, no Histograma 2, que no *Corpus* de Natal encontra-se o maior número de ocorrências do item *onde* como adverbial locativo; nos *corpora* carioca e mineiro a porcentagem é praticamente equivalente; o *corpus* gaúcho também aparece com um percentual inferior dos usos. No geral, o *onde* adverbial locativo obteve a segunda maior frequência com 31,5% das ocorrências.

Iniciemos nossa análise pela amostra (56) da fala de Natal:

(56) Contexto: Paquera

I: a gente conversou sobre várias coisas ... onde (a) ele morava ... quando ele ia embora ... como é ... onde (b) é que ele estudava ... tudo ... quantos anos ele tinha ... eu e minha prima quase que fazemos uma entrevista pra ele ...

QF3-113-NEPO-407-NTL

Na amostra (56), o *onde* (a) exerce função adverbial de lugar: “o lugar em que ele morava”. Esse uso refere-se a um espaço físico, mas não possui nenhuma relação anafórica com o termo antecedente. Está empregado de forma absoluta, vemos que o *onde* vem na posição inicial da oração, introduzindo a frase, topicalizando a informação espacial, enfatizando-a. O mesmo aplica-se ao *onde* (b).

Na amostra (57), do *corpus* do Rio de Janeiro/RJ, o *onde* também desempenha sua função adverbial, pois refere-se a um espaço físico, vejamos:

(57) Contexto: a descrição do quarto

... né? e mais pro fundo tem uma prateleira/ uma não... são três prateleiras... que eu coloco os bichinhos de pelúcia... e também tem um almofadão que fica no meio do quar::to... e... tem um tapete também... que é de croché... e:: tem também *uma prateleira que fica já... na parede... onde eu coloco alguns livros... né::? e... só...*

SEF3-007-DELO-104-RJ

Na amostra (57), o *onde* recupera o SPrep “na parede”, local na casa em que está a prateleira, portanto, funciona como um advérbio de lugar, mas, ao contrário da amostra anterior, refere-se a um termo antecedente.

Em (58), uso encontrado no D&G de Juiz de Fora/MG, o referente de *onde* aparece distante, “uma sacada”, que, no contexto, trata-se de um local dentro do “Fronte”, nesse caso, o *onde* apresenta o sentido adverbial de ‘o lugar em que’.

(58) Contexto: uma festa

... aí tem um lugar lá... lá no Fronte que é:: é assim mais escuro... lá... *lá assim/ no:::/ tipo uma sacada... pra cima assim da pista de dança... que é onde o pessoal namora...*

OF1-036-NEPO-062-JF

Além do item *onde*, outro elemento está retomando esse local, trata-se do relativo ‘que’. Desse modo, podemos ainda observar o *onde* funcionando na forma de um elemento coesivo, pois ele também substitui o termo que o antecede. O item estabelece, como na amostra (53), uma cadeia de elementos de retomada que permitem ao falante ir construindo o sentido para o seu texto: o item *onde* recupera anaforicamente o relativo ‘que’ que, por sua vez, recupera o substantivo próprio “uma sacada” do hiperônimo “um lugar”. Constitui, portanto, não só um uso locativo, mas também um elemento importante para a construção de sentido no texto.

(59) Contexto: os compartimentos da casa

No primeiro quarto, que é onde (a) durmo, há uma cama de casal, dois bides com tampo de vidro, uma peteadeira com espelho e duas gavetas com puxadores dourados, tudo em ferro branco.

TEF2-003-DELE-023-RG

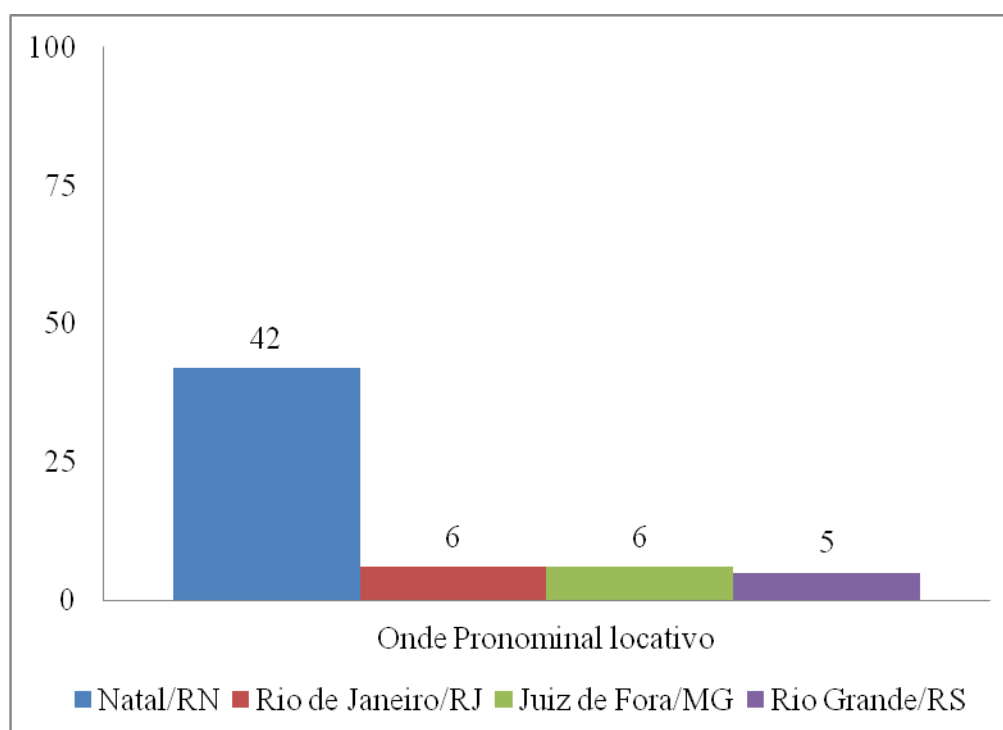
Nessa amostra (59) do *corpus* do Rio Grande, o item *onde* desempenha a função sintática de advérbio de lugar, permitindo ser substituído por “que é o lugar em que”, refere-se claramente a um espaço físico que pode retomado pelo emprego do item.

Nas amostras do *onde* adverbial locativo, o item ainda funciona conforme o que está descrito nas GTs.

c) **Onde pronominal locativo (=SN)**: este é o uso nominal do *onde*, pois se refere aos nomes e/ou pronomes. Recupera anaforicamente um SN e apresenta-o como um locativo. Funciona como sequenciador tópico e, em todas as ocorrências, são totalmente transparentes. Na maioria das ocorrências, seus referentes são locativos, que funcionam gramaticalmente como um SN, ainda podendo ocorrer com o SPrep. Codifica uma noção menos espacial, mas é admitido nas GTs.

Vejamos, no Histograma 3, a frequência absoluta do *onde* pronominal locativo no português brasileiro.

Histograma 3 – Onde pronominal locativo no D&G do Brasil



Esse tipo de uso apresenta-se bastante significativo no *corpus* de Natal/RN em comparação aos demais, ocorrendo em 14,5% dos *corpora*. Vemos ainda que no Rio de Janeiro/RJ e Juiz de Fora/MG apresentam o mesmo número de ocorrências, após vem o Rio Grande/RS, que quase se iguala aos anteriores.

(60) Contexto: descrição da sala

... na sala ... nós vamos encontrar uma enorme janela ... da porta pra sala existe *uma divisão* ... **onde** tem uma grande porta ... pintada de marron ...

OM1-027-DELO-309-NTL

Na amostra (60), o *onde* recupera o SN “uma divisão” que é expresso como uma localização pelo informante. A noção de lugar na casa presente no SN pode ter motivado esse tipo de uso.

Em (61), extraído do *corpus* carioca, o item *onde* retoma o SN “as caixas” que é conceitualizado como um lugar físico. Esse uso desempenha a mesma função anafórica do *onde* relativo locativo, visto que também retoma algo que já foi dito, mas é possível diferenciá-lo desse através da observação do seu antecedente, que sempre será um SN expresso como uma localização a partir do uso do *onde*.

(61) Contexto: montagem de uma equipe de som

Do mixer ligamos o crossower e o equalizador que servem para controlar, limpar e equalizar o som, *deles mandamos o sinal para os amplificadores que amplificam as caixas, onde se escuta o som* que dançamos em festas e bailes.

SEM4-005-REPE-109-RJ

Na amostra (61), atribuímos à necessidade comunicativa do falante de se fazer o mais claro possível na sua explicação o fator que motivou esse uso, pois no contexto foi pedido que ele contasse algo que sabia fazer e por isso, intuitivamente, ao ensinar como montar um equipamento de som, retomou o SN “as caixas”, apresentando-o como um espaço.

(62) Contexto: o que faz um turiferário na missa

...aí nós... fazemos a *vênia* novamente... que é quando nós apresentamos... quando nós saímos... nós temos que fazer a *vênia*... *aí nós saímos... vamos pra porta onde vai ser saída a procissão de entrada... o turiferário é o que abre a procissão de entrada... e:: leva/ vem ele... o naveteiro atrás...*

OM2-033-REPO-069-JF

Na amostra (62), o item *onde* retoma o SN ‘a porta’ presente no SPrep “pra porta”, no caso, o substantivo “porta” ao ser utilizado pelo informante toma a ideia de lugar na igreja, fato que poderia justificar o seu uso. Nas amostras em que encontramos esse uso pronominal sempre há um SN que ele recupera.

A seguir, na amostra (63), encontrada no D&G do Rio Grande/RS, o *onde* recupera anaforicamente “minivestibular”; esse uso do item retoma um SN que expressa uma localização, por isso ser chamado de pronominal locativo.

(63) Contexto: Desafio Fatal

Para ingressar no “Sanfra” (Colégio São Fransisco), tive de prestar um “minivestibular”, *onde concorria com 90 candidatos para 20 vagas. Consegui passar em 80.*

SEM1-002-NEPE-033-RG

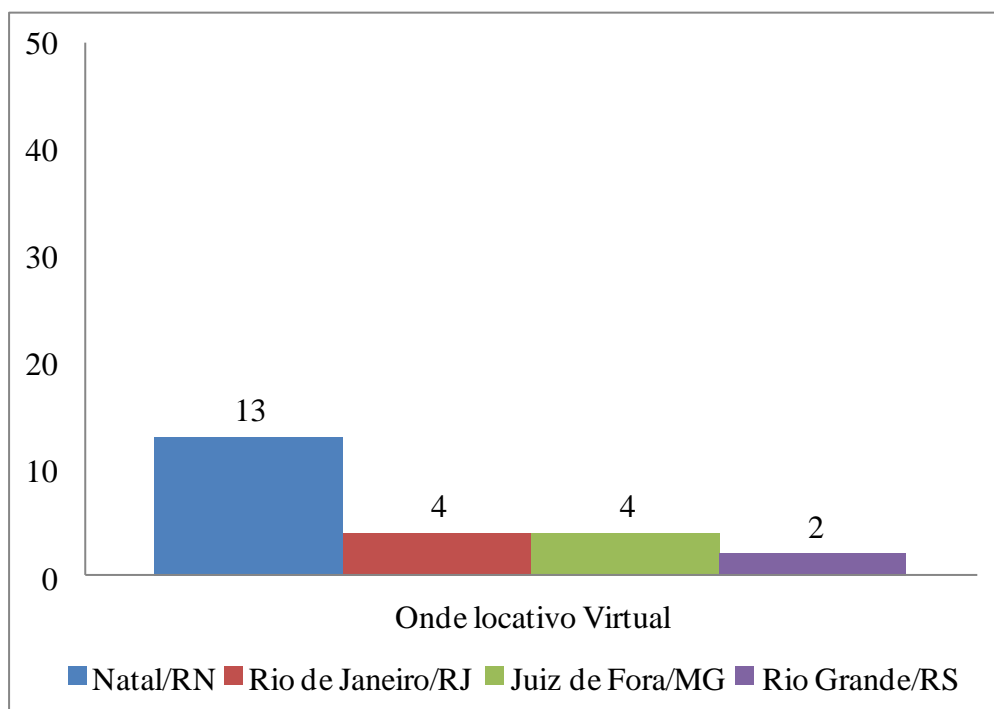
Nesse uso, o item *onde* assume uma função anafórica e um referente de significado não tão concreto como nos tipos que o antecedem, já que a propriedade “ser concebido como um lugar” encontra-se de forma atenuada. Contudo, também é aceito nas GTs, na medida em que para os gramáticos o item admite retomar algo (na forma de SN ou SPrep) conceitualizando-o como um espaço físico.

d) *Onde* virtual locativo (=noção): o *onde* codifica um domínio mais abstrato, para fazer a localização de situações, de sensações, de sentimentos, de emoções. Normalmente retoma um substantivo abstrato não locativo em um SN ou como um SPrep, que utiliza a projeção mental para ser recuperado.

Assim, o *onde* locativo virtual, em todas as ocorrências, funciona como sequenciador tópico. Todos os usos são parcialmente transparentes, por serem mais abstratos, mas gramaticalmente classificam-se como advérbio ou relativo.

Vejamos, no Histograma 4, a frequência absoluta do *onde* locativo virtual no português brasileiro.

Histograma 4 – *Onde* locativo virtual no D&G do Brasil



O *onde* locativo virtual é o quarto tipo mais frequente (6,4%) e aparece em todos os *corpora* estudados. Obteve mais frequência no *corpus* potiguar, decrescendo no carioca e mineiro e o gaúcho. Na amostra (64), que segue, trazemos esse emprego do item *onde*.

(64) Contexto: O acampamento – uma experiência inesquecível

Das várias experiências que eu passei houve uma que eu *nunca esqueço*. Foi uma experiência **onde** eu aprendi realmente o que é solidariedade, e foi também a primeira vez que dormi fora de casa.

OM1-002-NEPE-315-NTL

Na amostra (64), o *onde* faz referência ao sintagma “uma experiência”. Esse referente não trata-se de um espaço físico concreto, palpável, mas está sendo referido pelo informante para localizar “uma experiência” que ele viveu, típico de um espaço virtual. Poderíamos pensar que, por retomar um SN, foi moldado como lugar e seu uso é pronominal locativo, mas, numa observação mais apurada, vemos que o referente de *onde* difere no grau de abstratividade, que só pode ser recuperado pela projeção mental do informante. É a partir do uso virtual do *onde*, como também foi apresentado por Oliveira (1997), que inicia sua trajetória de abstratização de significado, sendo que esse ainda possui o mesmo funcionamento sintático dos usos canônicos já citados.

Na amostra (65) do *corpus* D&G do Rio de Janeiro/RJ, o *onde* é classificado como virtual, pois seus empregos expressam a localização do sentimento de indignação devido à falta de emprego para pessoas qualificadas.

(65) Contexto: a situação econômica do país

... então você luta... luta... luta... você estuda tanto... você tem tanta cultura... você absorve tanta coisa... você fala línguas estrangeiras... você faz isso... faz aquilo... e no final das contas... você fica um desempregado... fica à *mercê de uma sociedade*... **onde (a)** *uma cu/ eh... uma cúpula/ onde (b)* *o poder mantém nessa cúpula... tipo assim... se eu tenho dinheiro... eu sou um empresário... eu vou ajudar o cara? ele pode até ter valor... mas o problema é dele... eu vou ajudar meu irm/ meu filho... meu irmão... um tio... um parente... não interessa... entendeu? se o cara tem valor ou não...*

TEM1-062-ROPO-043-RJ

Em (65), o referente de *onde* (a) é “uma sociedade” e de *onde* (b) “uma cúpula”. Poderíamos, pois, como na amostra anterior, pensar quer se trata de um SN que foi moldado como lugar, mas como vemos, não é um espaço físico concreto, palpável, a que o *onde* está se referindo. O informante utiliza o *onde* para localizar “um sentimento de indignação” que só pode ser recuperado pela sua projeção mental, é um uso que está no domínio das ideias, típico de um espaço virtual.

Em (66), ao narrar uma experiência vivida por ele, o informante usa o *onde* para recuperar seu discurso, seu interesse é em retomar o contexto discursivo.

(66) Contexto: paquera na festa

E: ah... mas e a conversa sua com o menino do... do broto que começa com A?

I: não... não...(termina com ela) a Tatiana... que é a... a minha colega... só que ele sempre foi (*louco*) *com ela... aí... eh::... eh::... aí... onde eu estava? ((riso)) ele voltou... ela:: desceu... aí a gente ficou/ a festa estava terminando... aí eu fui... perguntei pra... pra uma menina que:: ela só ia no final da festa... era quase duas e meia... aí ela... ela morava/ mora perto da minha casa...*

OF1-043-NEPO-062-JF

É possível admitir o *onde* virtual entre os usos canônicos/espaciais por muito conservar em sua base semântica o sentido de lugar, no entanto, há uma transferência do domínio espacial para o virtual. Ao usar o *onde* nessa amostra o informante não está empregando-o no seu sentido prescrito nas GTs, pois já não se trata de um espaço físico, mas de um espaço no discurso, que só existe na mente e que só pode ser recuperado através da projeção mental.

Analisemos, a seguir, o *onde virtual* na amostra (67) do *corpus* gaúcho:

(67) Contexto: confusão no maternal

Eu fico so imagi nando onde eu estaria se minha mãe tivesse dado ouvidos àquela diretora.

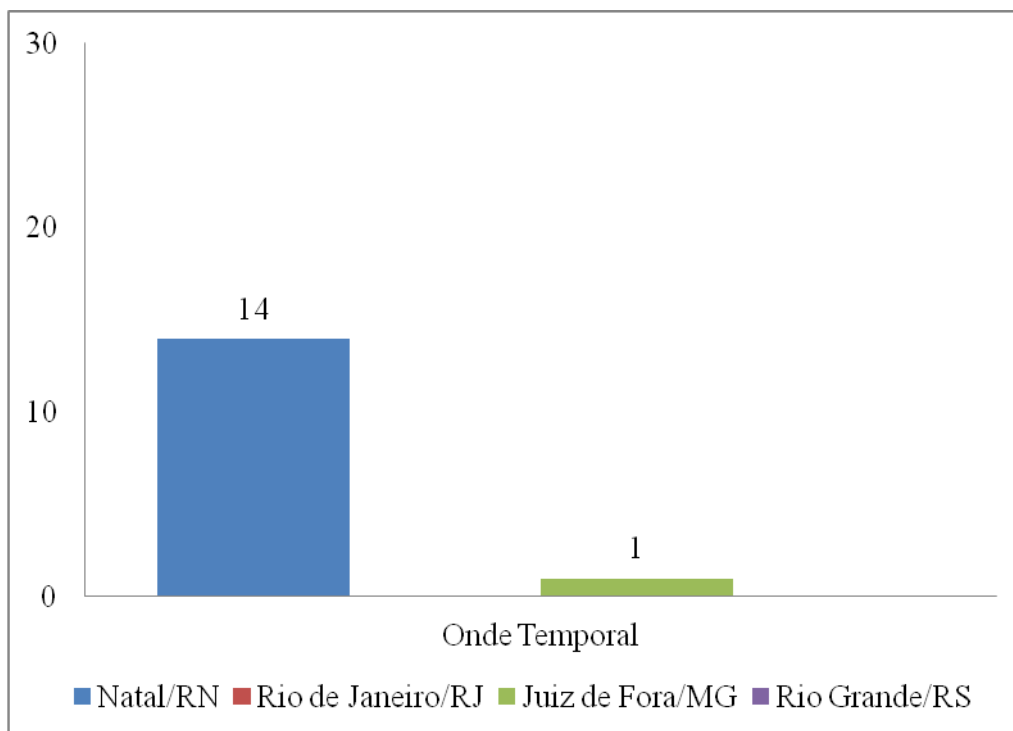
SEF3-017-NARE-039-RG

Em (67), percebemos que, mesmo que o item *onde* mantenha a ideia de lugar concreto em sua base semântica, trata-se de um uso virtual, pois o espaço a que se refere o falante nem ele próprio sabe, conhece. Isso torna esse espaço mais abstrato, nesse caso o *onde* passa referir um lugar que só existe no domínio das ideias de quem fala.

4.1.2. *Onde* Temporal

O *onde* temporal sempre recupera um antecedente que situa a interação na linha do tempo. Assim, ele deixa de referir um espaço concreto e passa a representar o tempo abstrato, dando continuidade a uma sequência de eventos que acontece na linha temporal e funcionando, na maioria das ocorrências, como sequenciador frasal. Todas as amostras são parcialmente transparentes, porque o *onde* não desempenha a sua função prevista nas GTs e dicionários, pois não tem referentes locativos, mas temporais.

Histograma 5 – Onde: temporal no D&G do Brasil



Esse tipo de uso do *onde* ocorreu somente em dois dos *corpora*: de Natal/RN e de Juiz de Fora/MG, apresentando um número 3,6% das ocorrências. Embora tenha pouca frequência e localizada principalmente na cidade de Natal, observamos que o sentido original de espaço do *onde* sofre uma alteração para a noção de tempo.

Vejamos, então, as amostras (68) e (69), que exemplificam esse tipo de uso do *onde* nos *corpora* potiguar e mineiro.

(68) Contexto: Noite dos Talentos

Na sexta-feira à noite houve a Noite dos Talentos, onde não houve um programa, porquê foi algo espontâneo, eles apresentavam o que sabiam e faziam de melhor: cantavam, tocavam, recitavam poesia e teve a apresentação de uma peça.

SEF4-023-NEPE-297-NTL

Na amostra (68), verificamos que o antecedente de *onde* é temporal, tratando-se, portanto, de um uso metafórico, posto que o tempo é codificado como se fosse espaço. O *onde* recupera “a Noite dos Talentos”, um evento na linha temporal.

Uma maneira de compreender esse uso do item é pensarmos como o tempo se estabelece com base no espaço. Essa relação justifica a proposta de escala de abstratização de Heine *et al.* (1991) de que, nesse processo, parte-se do concreto (ESPAÇO) para o mais

abstrato (TEMPO). Podemos perceber que o *onde* não significa “o lugar em que”, já que não recupera um espaço físico e sim um espaço no tempo, assumindo a função de *quando*.

(69) Contexto: opinião sobre a situação econômica, política e social do Brasil

O momento atual não me permite fugir de um assunto já tão comentado: a situação econômica, política e social de nosso país. A meu ver, o Brasil vive, agora, o seu ponto de mutação, *ou seja, o momento onde todas as forças convergiram ao mesmo ponto*, o limite entre a estagnação e a mutação. O ponto de mutação ocorre quando determinada situação chega ao seu ápice e, sendo insustentável, acaba por mudar-se.

TEF1-003-ROPE-027-JF

Em (69), o item *onde* não se refere a um espaço físico, seu antecedente indica, para o informante, o momento/período de mutação por que passa a situação econômica, política e social do Brasil. Dessa forma, o *onde* assume a função de ‘quando’ ou ‘em que’, não mais com o significado espacial.

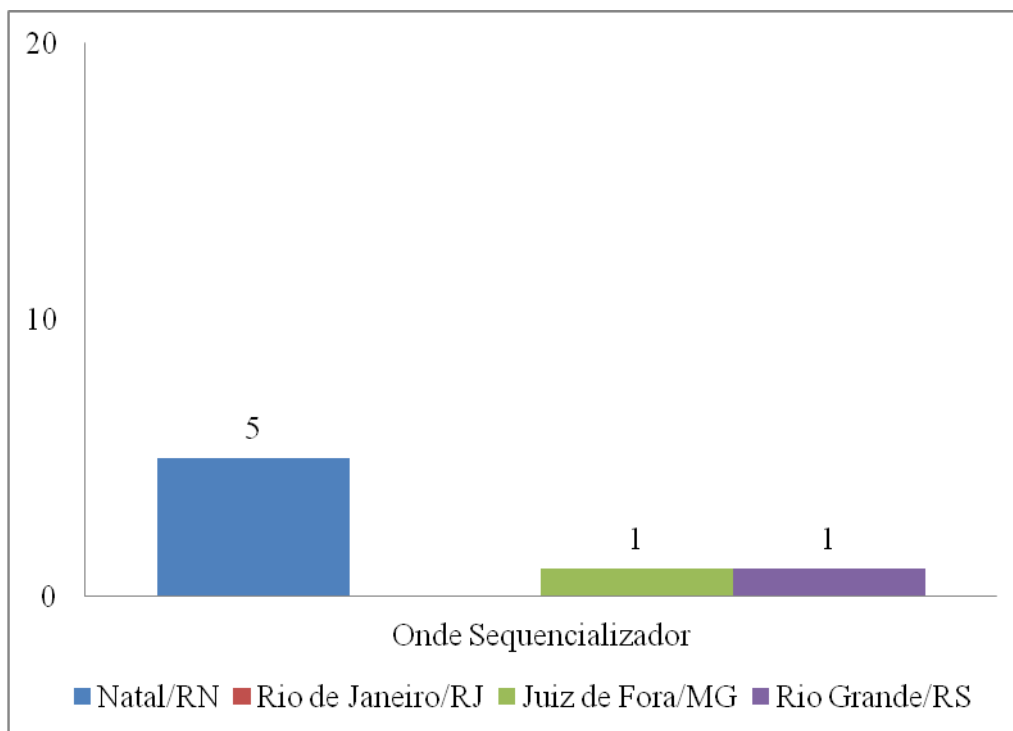
O *onde* temporal seria uma tentativa de buscar o espaço, como forma de assegurar alguma estabilidade no processo de localização e autolocalização. É interessante ressaltar que esse tipo de uso do item *onde* já é reconhecido nos trabalhos resenhados no Capítulo 2, corroborado empiricamente nos *corpora* por nós estudados, evidenciando, assim, que houve uma especialização e esse novo significado não dá fim ao mais antigo (fonte), podendo até mesmo interagir com ele (HOPPER, 1991, p. 22).

4.1.3. Onde Textual

O processo de ampliação de significados do *onde* avança quando o item passa a codificar conceitos ainda mais abstratos, mostrando-se capaz de funcionar com o mesmo sentido dos elementos “comuns” de outras classes gramaticais, operando no plano textual-discursivo, como *sequencializador substituinte, preenchedor e possuinte*.

a) **Onde sequencializador:** a função do *onde* é mais a de dar continuidade ao discurso, do que veicular qualquer sentido de espaço físico. Funciona mais valor de uma conjunção do que um pronome relativo ou um advérbio. É um sequencializador interfrástico, semanticamente opaco, responsável por desencadear o discurso.

Histograma 6 – Onde: sequencializador no D&G do Brasil



O *onde* sequencializador consta no D&G de Natal/RN, de Juiz de Fora/MG e do Rio Grande/RS, totalizando 1,4% dos usos. Não houve ocorrência no D&G do Rio de Janeiro. Mesmo sendo um número pouco significativo, merece o nosso registro da tendência de usos cada vez mais abstratos do item *onde*.

Vejamos a amostra (70) do dialeto potiguar que traz o uso do *onde* sequencializador.

(70) Contexto: Pena de morte

... nos países que não têm pena de morte ... e se por acaso for adotado ... a pena ... eu seria a favor apenas da prisão perpétua ... não da forca ... da câmara de gás ... da cadeira elétrica ... *em que o assassino tem uma morte muito instantânea* ... **onde** *ele* não paga o que ele realmente fez ...

OM1-024-REPO-313-NTL

O *onde* na amostra (70) funciona como uma conjunção, introduzindo a frase causal, ou seja, os motivos do informante não ser a favor da implantação da pena de morte no país. Nesse uso, o *onde* atinge um alto grau de abstratização por estabelecer conexão entre as frases e não desempenha sua função canônica. Identificamos nesse tipo de *onde* o estágio da gramaticalização, caracterizando a *sintatização*, visto que, nesses casos, o advérbio locativo é usado como conjunção, revelando alteração da classe gramatical a serviço da construção de

sentidos do texto. Esse enfraquecimento da base semântica do *onde* pode ser explicado pelo fato de o item ser um elemento bastante recorrente no discurso.

(71) Contexto: a importância do curso de direito

Acho muitíssimo importante, principalmente na situação em que se encontra o país, onde milhares passam por necessidades e nós com o curso de direito podemos fazer alguma coisa por eles, como eu tive a oportunidade de fazê-lo em meu estágio.

TEM2-001-ROPE-031-JF

(72) Contexto: “Política no Brasil: compromisso moral ou mina de ouro”

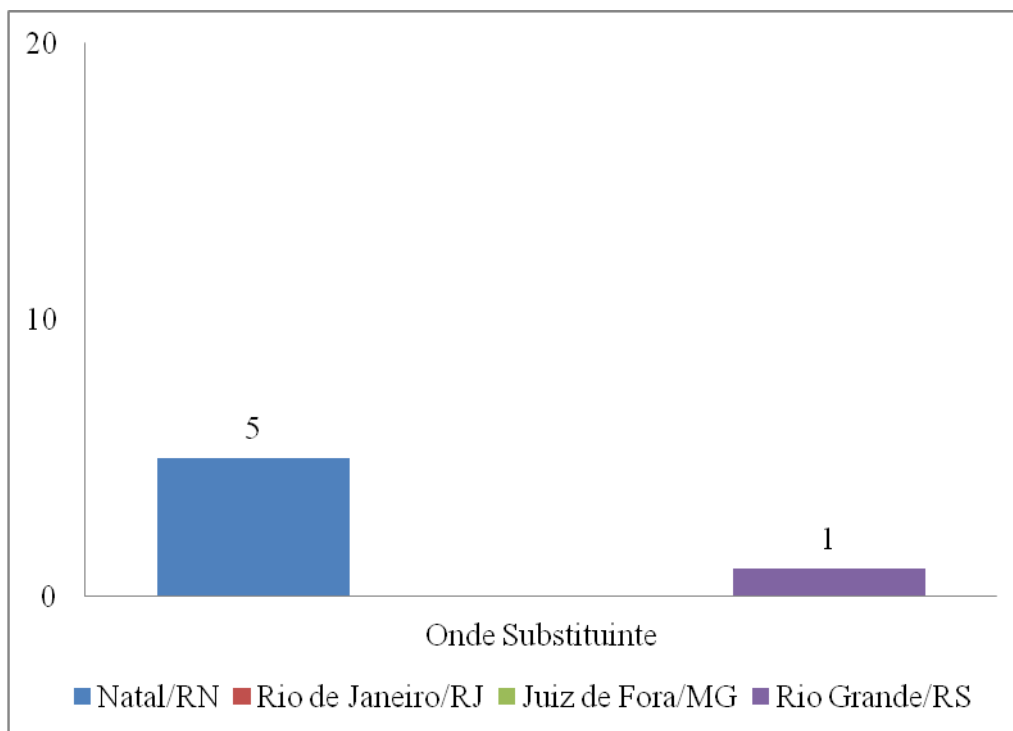
No país do futebol, do samba, a maior “atração” na nossa T.V é a corrupção e as peripécias de nossos políticos, onde fazer tudo por “baixo dos panos” é a coisa mais natural possível. Somos responsáveis por nossos atos, portanto não podemos fechar os olhos e dizer: “Está tu bem”.

SEM1-010-ROPE-034-RG

Nas amostras (71) e (72), extraídas dos *corpora* de Juiz de Fora/MG e do Rio Grande/RG, respectivamente, o item *onde* também funciona como uma conjunção causal. Em (71), um dos motivos do informante considerar o curso de direito importante seria o fato de milhares de pessoas passarem por necessidades no país, ou seja, essa é a condição necessária para que se realize o que o informante declara na oração principal. Percebemos que a ideia de lugar na amostra se dá devido ao *onde* ter vindo depois do hiperônimo “país”, como ele se referia no contexto ao país Brasil, ao usar o substantivo ele recuperou a noção espacial, utilizando o item. Na amostra (72), o *onde* tem a mesma função, resgatando uma justificativa para o panorama político apresentado na oração anterior.

b) *Onde* substituinte: nesse uso, o referente de *onde* é uma frase. Ele passa a representar um espaço no discurso e não mais no mundo real. O *onde* substituinte sofre uma perda semântica do seu sentido básico e passa a funcionar como um encapsulador, retomando o dito anteriormente, para lançar a nova informação. Atua, pois, como um item referencial já que retoma outro(s) constituinte(s) na construção discursiva, todavia apresenta referentes não locativos. Na maioria de suas ocorrências, o *onde* substituinte funciona como sequenciador interfrástico. É semanticamente opaco. Um recurso para seu reconhecimento seria sua equivalência a *isto*. A posição do *onde* é inicial, aparecendo geralmente depois de uma pausa prosódica, seja uma vírgula, um ponto final ou de interrogação.

Histograma 7 – Onde: substituinte no D&G do Brasil



O *onde* substituinte somente ocorreu nos corpora potiguar e gaúcho, totalizando uma frequência de apenas 2,3% dos seus usos no Português Brasileiro. Esse fator pode ser um indicador de que os demais *corpora* sejam mais conservadores no uso prototípico do item.

(73) Contexto: Desenhos

O meu forte mesmo, é ampliar desenhos. Onde eu acho um desafio. Pois eu tenho de tentar chegar a perfeição.

OM1-021-REPE-320-NTL

Na amostra (73), o referente do *onde* é uma frase e ele funciona como um encapsulador. Este tipo de uso permite fazer a substituição do “*onde*” pelo elemento “isto”, assim, temos a seguinte construção: “O meu forte mesmo é ampliar desenhos. *Isto* eu acho um desafio”. Embora pareça um tanto estruturalista, a substituição configura-se como um recurso disponível para compreensão do funcionamento semântico-sintático do *onde* no contexto. O mesmo se aplica à amostra (74), que segue.

(74) Contexto: conhecimento sobre técnica vocal.

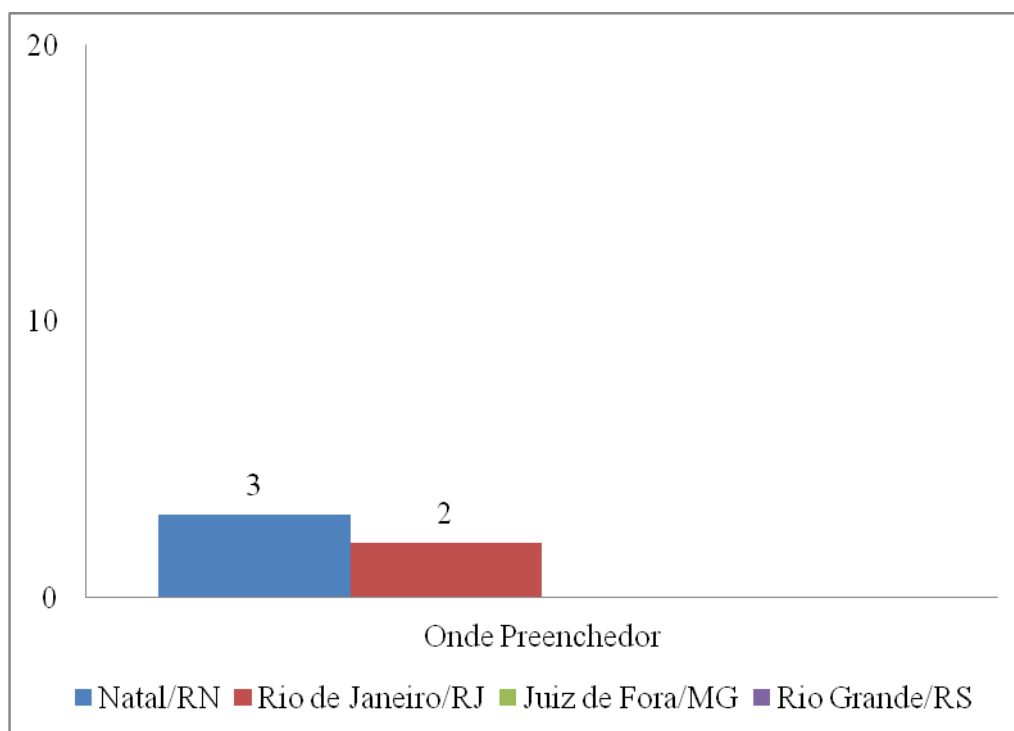
Em primeiro lugar é preciso ter um controle respiratório, onde na música chamamos esta de respiração diafragmática que é feita da seguinte maneira:

SEF3-003-REPE-040-RG

O *onde* na amostra (74) retoma a oração anterior, passando o seu sentido básico de espaço físico por uma erosão semântica e ficando enfraquecido. Um forte indício para o uso discursivo do *onde* é a presença do pronome demonstrativo “esta”, já que não está concordando com os demais elementos da oração. O informante faz concordância com o referente catafórico “respiração diafragmática”.

c) **Onde preenchedor**: esse uso é utilizado para preencher o vazio de uma pausa no raciocínio, para pensar as informações seguintes, por isso o *onde* atinge o grau máximo de abstratização, não veiculando nenhuma referência a lugar, sendo considerado como vazio de significado. Ao contrário de todos os usos anteriores, o *onde* preenchedor é sintaticamente independente e tem uma função discursivo-pragmática, pois, na pausa da estrutura oracional, ele dá indícios ao interlocutor que a frase terá continuidade. Funciona, pois, como um marcador discursivo.

Histograma 8 – Onde: preenchedor no D&G do Brasil



O *onde* preenchedor só ocorre nos *corpora* de Natal/RN e do Rio de Janeiro/RJ, correspondendo a 2,5% das ocorrências.

Na amostra (75), o *onde* chega ao grau máximo de abstratização, sendo usado para preencher vazios causados por pausas para calcular as informações seguintes.

(75) Contexto: Descrição da cozinha

... num sei quê ... esses temperos ... é onde (a) ... é onde (b) a nossa ... é onde (c) minha mãe e todas as minhas tias passam a maior parte do dia ... porque é uma prole pra alimentar ... (é sabe) um batalhão ... tem ... um fogão na parede de fundo ...

OM4-128-DELO-372-NTL

Há um prolongamento da pausa do *onde* (75a) ao *onde* (75b). Verificamos que a ocorrência e a recorrência do *onde* justificam uma pausa para raciocínio das informações proferidas e das subsequentes. Neste estágio, o item *onde* tem uma função textual-discursiva, pela sua característica de ser recorrente no discurso para reformular o pensamento e ser mais preciso ou buscar na memória termos ou ideias, que, por sua vez, implica que ainda há alguma informação a conhecer.

(76) Contexto: a escola

E: Luís... o que você acha sobre sua escola ?

I: eu acho ela muito espaçosa... tem inspetoras legal/ legais... professoras... onde o ensino é bom... e onde eu gosto de estudar... tem também uma quadra onde os professores dão aula pra gente... e por último tem uma... eh... uma cantina onde (a)... onde (b)... onde (c)... serve os alunos do Liceu de Artes e Ofícios...

QM19-001-ROPO-184-RJ

Em (76), o item *onde* chega ao grau máximo de abstratização, sendo usado para preencher o vazio de uma pausa no raciocínio, ou seja, como meio de organizar e planejar internamente o turno (cf. MARCUSCHI, 1986, p. 27). Há um prolongamento da pausa com a repetição do *onde* (76a), *onde* (76b) e o *onde* (76c). Verificamos que a ocorrência e a recorrência do *onde* justificam uma pausa para raciocínio das informações proferidas e das subsequentes, marcando a reformulação do falante.

d) Onde possuinte (=cujo): nesse uso, o *onde* é um sequenciador interfrástico com o valor de “cujo”, dando a ideia de posse. Constitui um uso totalmente abstrato, que muito se afasta do *onde* espaço físico, seu sentido prototípico.

Registramos apenas uma ocorrência (0,5%) desse tipo no *corpus* de Natal/RN, na modalidade escrita. Vejamos esse uso em (77).

(77) Contexto: a experiência do acampamento

Ao anoitecer, começou a caminhada, onde o destino final era um local dentro de uma mata fechada. Andamos cerca de quatro quilômetros ate chegarmos ao local desejado.

OMI-018-NEPE-315-NTL

O *onde* possuinte, também encontrado por Monteiro de Souza (2003), tem um uso ainda mais abstrato, no qual o *onde* perde seu sentido de lugar físico, assumindo a função do pronome relativo *cujo*, como podemos ver: “Ao anoitecer, começou a caminhada, **onde** (= *cujo*) o destino final era um local dentro de uma mata fechada”. O destino final, citado na amostra (77), pertence à caminhada, daí a ideia de posse.

4.1.4. Frequência dos usos do *onde* nos corpora D&G do português brasileiro

Realizando uma comparação entre os usos do *onde* nos corpora D&G do português brasileiro, buscamos verificar quais tipos de *onde* são mais comuns, qual é a frequência deles e as variáveis envolvidas. Como já salientamos, quanto mais frequente é o uso da forma, mais ela tende a ser gramaticalizada.

Uma vez que essa investigação visa descrever os diferentes usos do *onde* no português contemporâneo do Brasil e traçar o possível percurso de mudança linguística, acreditamos poder responder a questões que dizem respeito à ciência e a nossa língua, tais como: a emergência da gramática, a dinâmica atual da língua, a influência da fala na escrita, a relação entre gramática e cognição, etc.

Para melhor visualizar os diferentes usos do *onde* no português contemporâneo do Brasil, vejamos sua frequência na Tabela 1, que segue:

Tabela 1: Os usos do ONDE nos corpora D&G do português do Brasil

D&G		NATAL/RN	RIO DE JANEIRO/RN	JUIZ DE FORA/MG	RIO GRANDE/RS
ONDE					
ESPAÇO	Relativo loc.	34,1%	55,8%	35%	39,5%
	Adverbial loc.	27,1%	30,2%	45%	39,5%
	Pronominal loc.	19,6%	7%	10%	11,6%
	Loc. virtual	6,1%	4,7%	6,7%	4,7%
TEMPO	Temporal	6,5%	-	1,7%	-
TEXTO	Sequencializador	2,3%	-	1,7%	2,3%
	Substituinte	2,3%	-	-	2,3%
	Preenchedor	1,4%	2,3%	-	-
	Possuinte	0,5%	-	-	-
Total		214/100%	86/100%	60/100%	43/100%

Verificando a frequência dos usos do *onde* nos *corpora*, constatamos que o *onde* relativo locativo obteve maior ocorrência, totalizando 159 (39,4%). Em escala decrescente, ocorreram o *onde* adverbial locativo (128/31,7%), o *onde* pronominal locativo (59/14,6%) e o *onde* locativo virtual (23/5,7%). Os demais tipos aparecem em menor número, como o *onde* temporal com 15 (3,7%), o *onde* sequencializador 7 (1,7%), o *onde* substituinte 6 (1,4%), o *onde* preenchedor 5 (1,2%) e o *onde* possuinte com apenas uma ocorrência. Notemos que, à medida que o item *onde* passa a ser empregado para codificar domínios mais abstratos, a frequência dos tipos diminui, mostrando, pois, uma resistência à mudança, embora seus usos canônicos já mostrem uma tendência à abstratização.

Constatamos que, somente no *corpus* potiguar, o item *onde* desempenha os nove tipos/funções encontrados, enquanto nas demais regiões há oscilações, por exemplo, o *onde* temporal só está presente nos *corpora* de Natal e Juiz de Fora; o *onde* sequenciador, por sua vez, somente não aparece na cidade do Rio de Janeiro; o *onde* substituinte em Natal e Rio Grande; o *onde* preenchedor só nos de Natal e Rio de Janeiro; e ainda, temos o *onde* possuinte que só aparece uma vez no *corpus* potiguar. Já os usos do *onde* como relativo locativo, adverbial locativo, pronominal locativo e locativo virtual aparecem nos quatro *corpora*, por isso falamos da persistência do sentido espacial do *onde* (HOPPER, 1991).

Os usos canônicos do *onde*, como relativo, adverbial e pronominal, apresentam um total maior de usos no *D&G* do Rio de Janeiro/RJ com uma frequência de 92,7% das ocorrências; seguido do Rio Grande/RS com 90,6%; de Juiz de Fora/MG com 90%; e do *D&G* de Natal/RN com uma frequência de 80,8%. Comparando esses dados, verificamos que os informantes da cidade carioca empregam mais o *onde* com sentido de lugar físico do que as demais cidades, todavia seja pouca a diferença de percentual entre os *corpora*. Quando ao uso do *onde* virtual, observamos que ele apresenta um percentual maior em Juiz de Fora (f=6,7%), depois Natal (f=6,1%), Rio de Janeiro e Rio Grande, respectivamente (f=4,7%). Entretanto, mesmo com baixa frequência, notamos que esse uso aparece nos quatro *corpora*, tendendo, pois, a gramaticalizar-se com aumento de uso.

O uso temporal do item *onde*, a metáfora mais direta do ESPAÇO na escala de abstratização de Heine *et al.* (1991), não apresentou percentuais tão significativos. Só apareceu nas cidades de Natal/RN, com 6,5% das ocorrências, e de Juiz de Fora/MG, com 1,7%. Neste tipo de uso o *onde* traz um antecedente temporal.

Quanto aos usos textuais do *onde*, no *corpus* da cidade de Natal/RN, constatamos quatro tipos – sequencializador, substituinte, preenchedor e possuinte – enquanto, no *corpus* do Rio de Janeiro/RJ, foi constatado apenas o uso do *onde* preenchedor; no *corpus* de Juiz de

Fora/MG, somente o *onde* sequencializador; e, no *corpus* do Rio Grande/RS, os usos do *onde* sequencializador e substituinte. Verificamos ainda que o uso do *onde* possuinte é limitado ao *corpus* de Natal/RN, em comparação aos demais dados.

Conforme os resultados da Tabela 1, o item *onde* pode desempenhar na língua, conforme a necessidade comunicativa dos falantes, uma diversidade de significados/funções, mostrando seu caráter multifuncional no Português brasileiro. Verificamos também que as ocorrências mais frequentes do *onde* são aquelas em que o item possui valor locativo (*onde* relativo, adverbial e pronominal) conforme descreve a norma, mostrando uma persistência da base semântica do *onde* como um elemento referenciador de lugar concreto. Mas já se encontram outros usos mais abstratos (o virtual, o temporal, o sequencializador, o substituinte, o preenchedor e o possuinte) que vêm validar a nossa hipótese, conforme os dados estudados, de que há uma tendência, no estágio atual do Português contemporâneo, de mudança, caracterizada pelo processo de gramaticalização do item linguístico *onde*, que continua com seu significado concreto, mas, a partir dele, está assumindo outros significados não locativos.

4.2. Os usos do *onde* e os aspectos socioculturais

O estudo dos aspectos socioculturais nesta investigação é motivado pela hipótese de que estes fatores influenciam os informantes no momento de utilizarem a língua, em especial, o item *onde*. Pressupúnhamos, inicialmente, que os alunos das séries mais elevadas tendiam a utilizar mais o *onde* em virtude de uma maior maturidade sintática.

No intuito de avaliar se os vários usos do item estão em um processo de mudança em progresso, fizemos um cruzamento dos tipos de *onde* com as variáveis *escolaridade* (que contempla a idade) e *sexo* nos quatro *corpora*.

a) Usos do *onde* segundo Escolaridade x Sexo no D&G de Natal/RN

Começamos pela Tabela 2 que resume os usos do *onde* constantes do D&G de Natal/RN, que segue:

Tabela 2: Usos do ONDE segundo Escolaridade x Sexo no D&G de Natal/RN

onde * Sexo * Escolaridade Crosstabulation

Count			Sexo		Total
Escolaridade			Feminino	Masculino	
Alfabetização	onde	Adv erbial Locativ o	2		2
		Temporal	1		1
	Total		3		3
Quarta série	onde	Relativ o Locativ o	5		5
		Adv erbial Locativ o	4		4
		Pronominal Locativ o	4	1	5
		Locativ o Virtual		1	1
	Total		13	2	15
Oitava série	onde	Relativ o Locativ o	2	13	15
		Adv erbial Locativ o	10	6	16
		Pronominal Locativ o	3	12	15
		Substituente	1	4	5
		Locativ o Virtual		8	8
		Temporal		2	2
		Sequencializador		3	3
		Possuinte		1	1
		Preenchedor		2	2
	Total		16	51	67
Ensino médio	onde	Relativ o Locativ o	19	5	24
		Adv erbial Locativ o	13	6	19
		Pronominal Locativ o	16	1	17
		Locativ o Virtual	4		4
		Temporal	2	4	6
	Total		54	16	70
Ensino superior	onde	Relativ o Locativ o	16	13	29
		Adv erbial Locativ o	14	3	17
		Pronominal Locativ o	2	3	5
		Temporal	5		5
		Sequencializador	1	1	2
	Preenchedor	1		1	
Total		39	20	59	

Quanto ao fator Escolaridade dos informantes potiguares, conforme o exposto na Tabela 2, vimos que o uso mais frequente do item linguístico *onde* foi no Ensino Médio, com 32,7% das ocorrências, seguido da Oitava Série, com percentual de 31,3% e o Ensino Superior com 27,6%. A Quarta Série (f=7%) e a Alfabetização (f=1,4%) apresentaram um número bem inferior de ocorrências. Como podemos observar, há um uso crescente

longitudinal entre os informantes relativo à escolaridade, embora haja uma pequena queda no Ensino Superior.

Constatamos também que os informantes com maior escolaridade conservam mais o uso canônico do *onde*. No Ensino Superior, num total de 59 ocorrências, 51 delas empregam o *onde* com sentido de “lugar”, e, no Ensino médio, das 70 ocorrências do item, 60 delas correspondem ao seu uso prototípico; são, portanto, as escolaridades mais “conservadoras”. Nossa hipótese foi confirmada no *corpus* D&G de Natal/RN, pois o uso canônico do item *onde* foi mais frequente em alunos do Ensino Superior e Médio, devido à escolaridade e à idade que proporcionam uma maior maturidade sintática em relação aos demais. Mesmo assim, os resultados ainda nos surpreenderam, pois os usos emergentes do *onde* manifestam-se nos diferentes níveis de escolaridade, inclusive nos mais elevados, que apresentam os usos *virtual*, *temporal*, *sequencializador* e *preenchedor*. No entanto, a inovação aparece mais na Oitava Série; das 67 ocorrências do item, 46 delas funcionam como usos prototípicos do *onde*; as demais 21 ocorrências são usos mais abstratos. Também é nessa série que se apresentam todos os nove tipos do item linguístico *onde*; alguns deles, como o *substituente* e *possuente*, são usos exclusivos dessa escolaridade.

Considerando, então, a idade, podemos observar que os usos do *onde* estão mudando em tempo aparente, podendo tratar-se de uma mudança em progresso, embora as faixas etárias mais novas ainda sejam bastantes conservadoras. Isso faz-nos refletir sobre o processo de aquisição dos aspectos cognitivos relativos às noções espaciais na linguagem de que uma criança se apropria, preferindo conceitos mais concretos a usos mais abstratos.

No tocante à variável *sexo*, na Tabela 2, podemos observar que as mulheres (f=58,4%) usam o *onde* com mais frequência em relação aos homens (f=41,6%). Quanto ao seu uso como espaço físico, também é mais comum entre as mulheres: num universo de 125 ocorrências 106 delas correspondem aos usos que são prescritos nas GTs. Já com os homens, num universo de 89 ocorrências, 63 delas apresentam o *onde* com sentido de lugar. Assim, os usos mais abstratos do *onde* aparecem mais no sexo masculino, como por exemplo, de quatro usos do *onde* sequencializador, três deles foram empregados por homens. O *onde* possuente ocorreu somente na oitava série por um aluno do sexo masculino.

Faz-se importante também observar a distribuição do item linguístico *onde* nos cinco gêneros textuais discursivos: narrativa de experiência pessoal com 36 ocorrências (f=16,8%), narrativa recontada com 39 (f=18,2%), descrição de local com 103 (f=48,1%), relato de procedimento com 9 (f=4,2%) e relato de opinião com 27 ocorrências (f=12,6%). Através da frequência, averiguamos que o *onde* ocorre bem mais no gênero descrição de local, como já

era pressuposto pela sua tipologia, com um valor quase três vezes superior ao gênero narrativa recontada, que teve a segunda maior recorrência do item. Nesse caso, confirmamos que os informantes empregam o *onde* mais no gênero esperado, aquele que descreve e/ou refere um lugar, conservando, portanto, o uso mais prototípico do item.

Quanto às modalidades da língua, o item *onde* se manifesta bem mais na fala, aparecendo 161 vezes (f=75,2%), do que na escrita, aparecendo 53 vezes (f=24,8%). Percebemos que o volume textual da língua falada é bem superior ao da língua escrita, um dos fatores que poderia justificar essa disparidade no percentual dos usos do item. Na fala, os informantes têm a “liberdade” de usar a língua sem maiores restrições, uma vez que usar o *onde* conforme o que está descrito nas GTs, unicamente para se referir a lugar concreto, seria uma maneira de restringir a língua, o que é impraticável, visto que ela se efetiva no uso, nas interações entre os indivíduos.

b) Usos do *onde* segundo Escolaridade x Sexo no D&G do Rio de Janeiro/RJ

Para a análise dos aspectos socioculturais relativos aos usos do *onde* no D&G do Rio de Janeiro/RJ, fizemos o cruzamento dos usos do *onde* com as variáveis *escolaridade* e *sexo*, cujos resultados constam da Tabela 3.

Tabela 3: Usos do ONDE segundo Escolaridade x Sexo no D&G do Rio de Janeiro/RJ

onde * Sexo * Escolaridade Crosstabulation

Count			Sexo		Total
Escolaridade			Feminino	Masculino	
Alfabetização	onde	Relativo Locativo		1	1
	Total			1	1
Quarta série	onde	Relativo Locativo	2	10	12
		Advérbial Locativo	3	4	7
		Preenchedor		2	2
	Total		5	16	21
Oitava série	onde	Relativo Locativo	6	8	14
		Advérbial Locativo	2	3	5
		Pronominal Locativo		2	2
	Total		8	13	21
Ensino médio	onde	Relativo Locativo	1	6	7
		Advérbial Locativo	4	4	8
		Pronominal Locativo		4	4
	Total		5	14	19
Ensino Superior	onde	Relativo Locativo	5	9	14
		Advérbial Locativo		6	6
		Locativo Virtual		4	4
	Total		5	19	24

De acordo com a Tabela 3, observamos que o uso mais frequente do item linguístico *onde* é no Ensino Superior com $f=27,9\%$ das ocorrências, seguido da Oitava e Quarta séries com o percentual de $f=24,4\%$ cada. Depois vem o Ensino Médio com $f=22,1\%$ e, por último, a Alfabetização com apenas uma ocorrência $f=1,2\%$. Por conseguinte, notamos que o *onde* manifesta um percentual de frequência bem próximo entre as escolaridades, com exceção da Alfabetização.

Verificamos que os informantes da Oitava Série e Ensino Médio conservam mais os usos canônicos do *onde*, pois todas as ocorrências do item nesses níveis são com sentido de lugar. São os falantes da Quarta Série e do Ensino Superior que o usam de maneira inovadora,

apresentando os usos emergentes como *preenchedor* e *virtual*. Diferentemente do D&G potiguar, verificamos que o Ensino Superior, cujos informantes apresentam a idade mais elevada, obteve uma maior frequência do *onde* locativo virtual.

Na análise dos usos do *onde* em relação à variável *sexo*, observamos que as mulheres (f=26,7%) usam menos o item do que os homens (f=73,3%). No entanto, todos os usos do *onde* entre as mulheres correspondem ao seu uso canônico, sendo mais conservadoras em termos de usos, demonstrando que elas se importam mais com a norma, com os padrões de prestígio social. Assim sendo, os usos mais abstratos do *onde* como *virtual* e *preenchedor* ocorrem somente no sexo masculino.

Quanto aos gêneros textuais, constatamos que o item linguístico *onde*, em escala decrescente, ocorreu mais no gênero descrição de local, com 38 das ocorrências (f=44,2%), seguido do gênero narrativa recontada 17 (f=19,8%), do gênero relato de opinião 14 (f=16,3%), após aparece o gênero narrativa de experiência pessoal 10 (f=11,6%) e por último, o gênero relato de procedimento com 7 (f=8,1%) das ocorrências. Observamos que no D&G carioca, assim como no potiguar, o *onde* também teve maior recorrência no gênero esperado, conservando, pois, o uso mais prototípico do item.

Concernente às modalidades da língua, o item *onde* aparece na modalidade oral 61 vezes e na escrita 25, respectivamente (f=70,9%) e (f=29,1%). Vimos que os usos periféricos do *onde* ocorrem mais na fala do que na escrita, por exemplo, o *onde* virtual e *preenchedor* só ocorreram na modalidade falada. Acreditamos que um dos fatores para que isso tenha ocorrido é que o volume textual dos gêneros orais no D&G carioca, assim como no potiguar, é bem maior que dos escritos, além é claro, da fala ser mais dinâmica.

c) Usos do *onde* segundo Escolaridade x Sexo no D&G de Juiz de Fora/MG

Correlacionamos os diferentes usos do *onde* no D&G de Juiz de Fora/MG quanto aos aspectos socioculturais *escolaridade (idade)* e *sexo*, cujos resultados estão expressos na Tabela 4, que segue:

Tabela 4 : Usos do ONDE segundo Escolaridade x Sexo no D&G de Juiz de Fora/MG

onde * Sexo * Escolaridade Crosstabulation

Count			Sexo		Total
Escolaridade			Feminino	Masculino	
Alfabetização	onde	Relativo Locativo	2	1	3
	Total		2	1	3
Quarta série	onde	Relativo Locativo	1		1
		Advérbial Locativo	1		1
	Total		2		2
Oitava série	onde	Relativo Locativo		7	7
		Advérbial Locativo	1	10	11
		Pronominal Locativo		5	5
		Locativo Virtual	1	1	2
	Total		2	23	25
Ensino médio	onde	Relativo Locativo	3	2	5
		Advérbial Locativo	2	3	5
		Substituinte Locativo		1	1
		Virtual		2	2
	Total		5	8	13
Ensino superior	onde	Relativo Locativo		5	5
		Advérbial Locativo	7	3	10
		Pronominal Locativo	1		1
		Temporal	1		1
	Total		9	8	17

A Oitava série possui a maior frequência dos usos do item *onde* (f=41,7%), seguido do Ensino superior (f=28,3%), do Ensino médio (f=21,7%), da Alfabetização (f=5,0%) e, por último, da Quarta série (f=3,3%). Em todos os níveis de escolaridade, consta um alto percentual de uso do *onde* com sentido espacial (f=89,9%), o que evidencia uma persistência do uso prototípico desse item, como relativo ou advérbio. Os sentidos mais abstratos do *onde* nessa variável distribuem-se em *virtual locativo*, ocorrendo respectivamente duas vezes na Oitava série e Ensino Médio; e em *sequencializador*, com uma ocorrência no Ensino médio, e

em *temporal*, com uma ocorrência no Ensino superior. Mesmo em pequena escala, a inovação parece vir das séries mais elevadas, já que, nesses dois últimos níveis de escolaridade, o *onde* é empregado com sentido de TEMPO e TEXTO.

Quanto à variável *sexo*, verificamos que os homens (f=66,7%) usam o *onde* com mais frequência em relação às mulheres (f=33,3%), ao contrário do que ocorreu nos D&G de Natal/RN e do Rio de Janeiro/RJ. Quanto ao uso do *onde* como espaço físico, foi mais comum entre as mulheres. Conforme a Tabela 4, os usos mais abstratos do *onde* ocorrem com o sexo masculino, pois os sentidos do *onde* temporal e textual só foram empregados por homens.

Encontramos o item linguístico *onde* distribuído nos cinco gêneros textuais, da seguinte maneira: narrativa de experiência pessoal com 5 ocorrências (f=8,3%), narrativa recontada com 7 (f=11,7%), descrição de local com 33 (f=55,0%), relato de procedimento com 9 (f=15,0%) e relato de opinião com 6 ocorrências (f=10,0%). Nesse caso, o uso do *onde* no gênero descrição de local totalizou mais da metade do *corpus* mineiro, nos outros gêneros aparecem percentuais quase equivalentes. Além disso, todos os empregos do *onde* nesse gênero são com sentido locativo, enquanto que os três usos emergentes constatados nessa sincronia – virtual, temporal e substituinte – só aparecem no gênero relato de opinião, gênero de tipologia argumentativa que exige mais do cognitivo.

Quanto às modalidades da língua, o *onde* se manifesta mais na fala, totalizando 36 (f=60,0%) ocorrências, do que na escrita, totalizando 24 (f=40,0%), sendo que somente nesta modalidade encontramos os usos mais abstratos do item, uma modalidade na qual se costuma conservar o emprego padrão da norma brasileira.

d) Usos do *onde* segundo Escolaridade x Sexo no D&G do Rio Grande/RS

Na Tabela 5, temos o cruzamento dos usos do item linguístico *onde* com as variáveis sociolinguísticas no D&G gaúcho. Vejamos:

Tabela 5: Usos do ONDE segundo Escolaridade x Sexo no D&G do Rio Grande/RS

onde * Sexo * Escolaridade Crosstabulation

Count			Sexo		Total
Escolaridade			Feminino	Masculino	
Alfabetização	onde	Adv erbial Locativ o		3	3
	Total			3	3
Quarta série	onde	Relativ o Locativ o		2	2
	Total			2	2
Oitava série	onde	Adv erbial Locativ o	1		1
		Pronominal Locativ o		1	1
		Locativ o Virtual		1	1
	Total		1	2	3
Ensino médio	onde	Relativ o Locativ o	3	6	9
		Adv erbial Locativ o		3	3
		Pronominal Locativ o	1	1	2
		Substituinte	1		1
		Locativ o Virtual	1		1
		Sequencializador		1	1
	Total		6	11	17
Ensino Superior	onde	Relativ o Locativ o	4	2	6
		Adv erbial Locativ o	9	1	10
		Pronominal Locativ o	2		2
	Total		15	3	18

Os dados constantes da Tabela 5 do D&G do Rio Grande/RS revelam que o Ensino Superior apresenta um percentual maior de usos do *onde*, com 41,9% das ocorrências, bem próximo do Ensino Médio com 39,5%. A Oitava Série e a Alfabetização totalizaram respectivamente 7% e a Quarta Série 4,7%, um percentual bem inferior de ocorrências. Constatamos também que os informantes do Ensino Superior conservam mais o uso canônico do *onde*, já que todas as ocorrências dessa escolaridade empregam-o com sentido de “lugar”, o mesmo se repete nas séries iniciais, Alfabetização e Quarta Série; portanto, são as escolaridades mais “conservadoras”. É na Oitava Série e no Ensino Médio que se manifestam os usos emergentes do *onde* como *locativo virtual*, *substituinte* e *sequencializador*. Esses

níveis de escolaridade configuram-se, pois, como mais inovadoras por apresentarem usos que se afastam da base semântica do item linguístico *onde*, como espaço físico.

À respeito da variável *sexo*, verificamos que, no D&G gaúcho, a frequência é praticamente a mesma, as mulheres (f=51,2%) usam o *onde* apenas uma vez a mais em relação aos homens (f=48,8%). Além disso, também é entre as mulheres que surgem os usos mais abstratos do *onde*, como *virtual*, *sequencializador* e *substituente*, o que não ocorreu nos demais *corpora*. Assim, os homens apresentam o item *onde* com sentido de lugar, como prescrito nas GTs.

Sobre a distribuição do item linguístico *onde* nos cinco gêneros textuais do *corpus* do Rio de Grande/RG, temos: narrativa de experiência pessoal com 6 ocorrências (f=14,0%), narrativa recontada com 5 (f=11,6%), descrição de local com 29 (f=67,4%), relato de procedimento com 1 (f=2,3%) e relato de opinião com 2 ocorrências (f=4,7%). Dessa forma, observamos que o item *onde* ocorre bem mais no gênero descrição de local, como nos demais *corpora* analisados, tendo apenas uma ocorrência no gênero relato de procedimento; este, de modo geral, apresentou-se como o gênero menos frequente relativo aos usos do item. Nesse caso, mais uma vez confirmamos que, quanto aos gêneros textuais, os alunos empregam o item linguístico *onde* mais no gênero esperado, conservando, pois, seu uso básico, de espaço físico.

O *onde*, na modalidade oral, aparece mais que na escrita, respectivamente (25/f=58,1%) e (18/f=41,9%). Igualmente ao *corpus* do Juiz de Fora, os usos periféricos do *onde* ocorrem mais na escrita do que na fala. Interessante que todos os usos da modalidade oral são locativos, diferente do que foi verificado nos demais *corpora* analisados.

Em resumo, os aspectos socioculturais divergem entre as quatro regiões. Na análise do D&G de Natal, a escolaridade mais “conservadora” dos usos canônicos do *onde* foi o Ensino Superior e a mais “inovadora” quanto aos usos marginais foi a Oitava Série, o que não se repete nos outros *corpora*. No D&G do Rio de Janeiro, a escolaridade mais “conservadora” é a Oitava Série, pois, todos os usos do *onde* empregados nessa escolaridade referiam-se a um lugar físico, a “inovação” vem do Ensino Superior, apresentando a escolaridade com maior ocorrência de um uso mais abstrato (*onde* virtual). No *corpus* de Juiz de Fora, os usos inovadores aparecem na Oitava série e Ensino Médio, e os conservadores no Ensino Superior, o mesmo ocorre no Rio Grande. As mulheres, nos *corpora* de Natal e Rio Grande, utilizam mais o *onde* do que os homens. Já nos *corpora* do Rio de Janeiro e Juiz de Fora, ocorre o contrário. Também constatamos em comum entre os *corpora* que o *onde* é usado bem mais na

fala do que na escrita, o que reforça a possibilidade desses usos marginais poderem vir a se fixar no português contemporâneo.

4.3. Trajetória de gramaticalização do *onde* no Português brasileiro

A partir da análise dos tipos de usos do item linguístico *onde* nas quatro regiões que formam os *corpora* D&G do português brasileiro, exposta nas seções anteriores deste capítulo, traçamos a tendência de trajetória de gramaticalização percorrida pelo item. Com o objetivo de chegar a indícios acerca do fenômeno de variação e mudança por que passa o *onde* na sincronia contemporânea.

O *onde* etimologicamente é considerado como advérbio ‘em lugar de’, que, conforme os Dicionários etimológicos da língua portuguesa e Nova Fronteira da língua portuguesa, originou-se do latim *unde*, podendo ainda no latim vulgar tomar o lugar semântico da forma *ubi*. Nesse período, *unde* indicava proveniência e *ubi* empregava-se com verbos de permanência (*estar, permanecer, ficar*). Já sobre a forma atual do *onde*, a notícia mais antiga data de 1152, com função de advérbio.

Sobre o emprego tradicional do *onde*, ainda podemos observar que as gramáticas normativas, em geral, classificam-no como *pronome relativo* e/ou *adverbial de lugar*, além de *advérbio pronominal*. Todavia vimos que, independentemente da sua classificação, existe o consenso quanto ao emprego locativo do *onde*, i.é., sua função de sempre referenciar um lugar concreto. Na nossa análise, a maioria das ocorrências do item *onde* não demonstra nenhuma incompatibilidade com o que está descrito nas GTs.

Mesmo assim, os usos emergentes do *onde* perfazem um percentual de 14,2%. Em outras palavras, o fato de 85,8% dos usos do item terem mostrado que seu sentido básico de lugar físico persiste, que, em sua maioria, encontra-se estabilizado, ao menos conforme os *corpora* estudados. Isso não impediu que outros significados fossem sendo incorporados ao já existente, pois, dependendo do contexto em que se insere, a função básica de *advérbio* e *relativo* passa para *virtual* e, depois, a funções textuais.

Conforme a escala de abstratização metafórica de Heine *et alii* (1991), o item *onde* tende a ser usado, nos quatro *corpora* analisados, segundo três categorias: ESPAÇO, TEMPO e TEXTO.

Com sentido espacial, servindo para referenciar um lugar concreto, o item *onde* pode ser empregado como: *relativo locativo, adverbial locativo, pronominal locativo*, apresentados respectivamente em (78), (79) e (80):

(78) Contexto: churrasco na casa de um amigo

Eu tenho um amigo chamado Gerson e um dia me chamou para um churrasco na sua casa. Chegando lá *encontrei umas sete oito pessoas, inclusive um cara que eu conhecia do Fórum onde* eu trabalho.

TEF4-003-NEPE-041-JF

(79) Contexto: descrição da catedral

... namoro tem que ser assim ... os dois unidos ... que se dê bem ... que tá certo que ... só um pouquinho de ciúme ... vai ... não aquele ciúme doentio ... *que é ... assim né? “pra onde (a) você vai? você tá olhando pra onde (b)? você tava olhando pra aquela menina?” num sei quê ... “você tava com sua amiga num sei aonde” ... esse aqui aqui já é um ciúme, né? ...*

OF3-071-REPO-353-NTL

(80) Contexto: viagem a Porto Alegre

... quando nós chegamos em Porto Alegre... tinha uma fila de vinte e três pessoas na minha frente... vinte e três pessoas... tu imagina... pra fazer uma inscrição... *onde tu precisa de informação de::... de dados... tu precisa dar todos os teus dados pra pessoa... tu precisa conciliar horários... precisa tudo...*

TEF2-016-NEPO-016-RG

Nas amostras (78), (79) e (80), o *onde* ocorre em seu sentido básico, que, segundo sua etimologia, indica um espaço físico, seja retomando-o anaforicamente ou não. Temos na primeira ocorrência o *onde* como relativo locativo, retomando a expressão “do Fórum”, que se trata de um espaço concreto; na segunda funcionando como *adverbial locativo*, funcionando como uma *locução adverbial*; e, na terceira, como *pronominal locativo*, recuperando anaforicamente o SN “uma inscrição” e expressando-o como uma localização.

Em outros contextos, o *onde* passa a referenciar um lugar menos concreto, assumindo, pois, uma função diferente da original. A base semântica do *onde* é alterada, codificando ainda um espaço virtual, que só pode ser recuperado pela projeção mental do informante, como na amostra (81):

(81) Contexto: a situação econômica do país

... então você luta... luta... luta... você estuda tanto... você tem tanta cultura... você absorve tanta coisa... você fala línguas estrangeiras... você faz isso... faz aquilo... e no final das contas... você fica um desempregado... fica à *mercê de uma sociedade... onde (a) uma cu/ eh... uma cúpula/ onde (b) o poder mantém nessa cúpula... tipo assim... se eu tenho dinheiro... eu sou um empresário... eu vou ajudar o cara? ele pode até ter valor... mas o problema é dele... eu vou ajudar meu irm/ meu filho... meu irmão... um tio... um parente... não interessa... entendeu? se o cara tem valor ou não...*

TEM1-062-ROPO-043-RJ

Em (81), o referente de *onde* (a) é “uma sociedade” e de *onde* (b) “uma cúpula”; o *onde* não está se referindo um espaço físico concreto, palpável. O informante utiliza o *onde*

para localizar seu sentimento relativo a um referente que só pode ser recuperado pela sua projeção mental. É um uso que está no domínio das ideias, típico de um espaço virtual, que funciona sintaticamente como um *pronome relativo*. Do ponto de vista semântico, embora tenha um referente menos concreto, ainda assim persiste o sentido espacial.

Dessa forma, esse uso do item *onde* representa um estágio intermediário na sua tendência de trajetória de mudança, pois passa de tipos mais concretos (*relativo locativo*, *adverbial locativo* e *pronominal locativo*) para um tipo menos concreto (*locativo virtual*), mas ainda com significado espacial. Considerando a escala decrescente de frequência nos quatro *corpora* analisados, podemos dizer que seu processo de gramaticalização tende a ocorrer da seguinte maneira:

<u>LOCATIVO relativo, adverbial, pronominal > LOCATIVO virtual</u>
+ concreto – concreto

Nessa linha de abstratização, o *onde* tem seu sentido locativo ampliado, passando a indicar uma localização no tempo, ou seja, ao sentido de espaço é acrescido o sentido abstratizado de tempo. Na amostra (82), podemos observar como o conceito de tempo é estruturado a partir do conceito de espaço, pois percebemos que o informante, ao utilizar o *onde* para referir o tempo, tenta constituir uma espécie de linha demarcadora, narrando os acontecimentos numa sequência temporal.

(82) Contexto: um retiro no carnaval

I: é ... eu vou:: tem uma experiência que marcou a minha vida ... *foi no mês de fevereiro ... no feriadão do carnaval onde a gente fez um retiro para ... pra uma praia de Coqueiros ... fica depois de Touros ... primeiro ... de bom que aconteceu foi que eu não esperava por essa viagem né ...*

TEF3-007-NEPO-072-NTL

Na amostra (82), o item *onde* recupera um momento no tempo, ‘o feriado de carnaval’. Nos casos em que o item *onde* funciona como a conjunção temporal *quando*, verificamos, além da mudança metafórica de natureza semântica, também uma mudança na função de natureza sintática.

A partir desse tipo de uso nos *corpora* D&G de Natal/RN e de Juiz de Fora/MG, verificamos uma extensão gradual da função canônica do *onde* locativo (original) para temporal. Dessa forma, confirmamos que o conceito de gramaticalização de Hopper e Traugott (1993) se aplica à trajetória do item sob investigação, quando o *onde* passa de um

item lexical com significado concreto a uma construção gramatical de significado abstrato. Essa passagem obedece a uma linha *unidirecional*, partindo sempre da esquerda para direita, de um elemento concreto (*onde* locativo) para menos concreto (*onde* virtual), e, gradualmente, para um elemento abstrato (*onde* temporal), de um status gramatical para mais gramatical, configurando uma tendência de trajetória de gramaticalização do *onde*:

ESPAÇO > TEMPO.

A análise dos quatro *corpora* ainda nos permitiu constatar que o *onde* continua codificando outros sentidos mais abstratos, atingindo a categoria TEXTO, chegando ao grau máximo de abstratização. Verificamos usos textuais do item *onde* como *sequencializador*, *substituente*, *preenchedor* e *substituente*, conforme podemos ver, respectivamente, nas amostras (83) a (86):

(83) Contexto: O futebol brasileiro

Mais daí surgiu interesses em colocar *nosso futebol no lugar de destaque*, **onde** a cada ano vem perdendo mais e mais credibilidade por parte da imprensa internacional está difícil.

TEM1-024-ROPE-049-NTL

(84) Contexto: conhecimento sobre técnica vocal.

Em primeiro lugar é preciso ter um controle respiratório, **onde** na música chamamos esta de respiração diafragmática que é feita da seguinte maneira:

SEF3-003-REPE-040-RG

(85) Contexto: Descrição da cozinha

... num sei quê ... esses temperos ... é onde (a) ... é onde (b) a nossa ... é onde (c) minha mãe e todas as minhas tias passam a maior parte do dia ... porque é uma prole pra alimentar ... (é sabe) um batalhão ... tem ... um fogão na parede de fundo ...

OM4-128-DELO-372-NTL

(86) Contexto: Justiça do Brasil

Num país como o Brasil onde a justiça é falha nunca poderá implantar a pena de morte. Muitas pessoas morreriam inocentes e só morreria os pobres. Pois a justiça, principalmente no Brasil está não impõe a sua autoridade aos ricos.

OM1-015-REPE-321-NTL

O *onde* na amostra (83) está sendo usado numa situação hipotética, funcionando como uma conjunção que estabelece conexão entre as orações, ou seja, como um *sequencializador*. Em (84), o *onde* retoma a oração anterior, substituindo-a, passando o seu sentido básico de espaço físico por uma erosão semântica e ficando enfraquecido, funcionando como um

substituente. Já na amostra (85), o informante preenche com o uso do *onde* uma pausa durante o período em que raciocina para emitir novas informações, funcionando como um *preenchedor de pausa*. Em (86), há um ideia de posse no uso do *onde*, funcionando como o que denominamos de *possuente*. Nesse estágio, o item *onde* tem uma função textual-discursiva, estando a serviço da construção de sentido do texto.

Com base nessas amostras, podemos, pois, entender que o *onde* gradualmente vai perdendo seu sentido fundante de lugar concreto, chegando a se tornar vazio de significado, com sua base semântica cada vez mais enfraquecida. Falamos em “perda” e “ganho” na gramaticalização, segundo o que mostraram Heine *et alii* (1991), pois, mesmo que, de um lado, um item nesse processo perca determinados traços semânticos, de outro ocorre determinado ganho, já que se trata de um item cada vez mais gramatical, representando funções que antes não codificavam, caracterizando perdas semânticas com ganhos pragmáticos. Ainda podemos adicionar, à trajetória de gramaticalização anterior, a categoria **TEXTO**, no seguinte *continuum* unidirecional:

ESPAÇO > TEMPO > TEXTO

Especificando as tendências de gramaticalização em cada *corpus*, vale salientar que essa escala completa se confirma nos dados dos D&G de Natal/RN e de Juiz de Fora/MG. Nos *corpora* do Rio de Janeiro/RJ e Rio Grande/RS, essa tendência não se repete, pois, nesses *corpora*, o item em estudo não apresenta valor temporal, configurando a trajetória de gramaticalização:

ESPAÇO > TEXTO

Como sabemos, no processo da gramaticalização, não é necessário que o elemento linguístico passe por todas as categorias existentes na escala de Heine *et alii* (1991), isto é, tenha que iniciar desde a categoria PESSOA até chegar à QUALIDADE, para que ele seja considerado como resultante de um processo de abstratização de sentido. Em outras palavras, mesmo que o item linguístico *onde* não tenha passado por todas as categorias conceptuais da escala, seus usos já podem ser entendidos como uma tendência à gramaticalização, configurando a seguinte trajetória:

ESPACO > (TEMPO) > TEXTO

+ concreto

– concreto

Ainda constatamos que, dentro de cada categoria conceptual, há uma subdivisão, com exceção da categoria TEMPO, mostrando que a variação no significado do item *onde* ocorre também dentro de uma mesma esfera. Por exemplo, a categoria ESPAÇO, segundo a frequência, configuraria a trajetória:

Relativo Locativo > Advérbio Locativo > Pronominal Locativo > Locativo Virtual

Haveria apenas uma diferença na posição das duas primeiras categorias no D&G de Juiz de Fora/MG, em que o *onde adverbial locativo* foi mais frequente que o *onde relativo locativo*. Na categoria TEMPO não haveria variação. Mas, a categoria TEXTO, pela frequência total dos *corpora*, resultaria na trajetória:

Substituinte > Sequencializador > Preenchedor de Pausa > Possuinte

Dessa forma, acreditamos que os dados analisados vêm comprovar nossa hipótese inicial, de que, por meio do processo de gramaticalização, o *onde* vem assumindo outros valores/funções/ usos distintos dos admitidos pela norma padrão e empregados nas GTs, em diferentes regiões do país, embora persista, em quase todos os novos significados/funções, o valor espacial.

CONCLUSÃO

Constatamos através da análise dos dados dos *corpora* D&G da cidade de Natal/RN, do Rio de Janeiro/RJ, de Juiz de Fora/MG e do Rio Grande/RS, que o item linguístico *onde* passa por um processo de variação e mudança no seu significado básico, de referir um lugar concreto, no português contemporâneo do Brasil, nas modalidades oral e escrita. Passa, portanto, por um processo de gramaticalização, chegando a desempenhar até nove tipos/funções diferentes de usos, *onde relativo locativo*, *adverbial locativo*, *pronominal locativo*, *locativo virtual*, *temporal*, *sequencializador*, *substituinte*, *preenchedor* e *possuinte*, o que também atesta a multifuncionalidade desse item na língua.

Os tipos mais frequentes do *onde*, como *relativo locativo*, *adverbial locativo*, *pronominal locativo*, presentes nos quatro *corpora* trabalhados, ocorrem em contextos cujos referentes são um lugar concreto, indicando, pois, que persiste o uso canônico do item para referenciar um espaço físico. Esses são os usos canônicos do *onde*, que se mantém fiel a prescrição da tradição gramatical. Entretanto, há contextos em que o *onde* retoma um referente menos concreto que só pode ser recuperado através da projeção mental de quem fala. Nesses contextos, o *onde* desempenha uma função de *locativo virtual*, que difere na base semântica do uso prototípico do item, mas apresenta o mesmo funcionamento sintático de advérbio ou pronome relativo. Esse uso mostrou baixo percentual de frequência, mas também está presente em todos os *corpora*. Esses quatro tipos de uso do item linguístico *onde* constituem, pois, a primeira das três categorias de sua abstratização, ESPAÇO.

Em outros contextos, já seguindo a linha unidirecional de transferência de significados, o item linguístico *onde* também exerce funções mais abstratas via transferência metafórica, podendo passar a vir representar o TEMPO, a segunda categoria. Esse tipo de uso é frequente no *corpus* de Natal, só aparecendo uma vez em Juiz de Fora. Sobre esse uso ainda importa ressaltar que, em todos os achados das autoras da literatura estudada à luz da Linguística Moderna no capítulo 2, já é reconhecido o uso temporal do *onde*, por isso talvez esse sentido, ao lado do virtual, esteja mais próximo a vir a se fixar na língua.

Ainda, nessa linha crescente de abstratização, encontram-se usos do item *onde* cada vez mais restritos, na acepção de que esses usos extrapolam a prescrição da norma gramatical, e cada vez menos frequentes. Constam exemplos desses usos: o *onde sequencializador*, que liga orações desempenhando a função de um conectivo, e que apenas não apareceu no *corpus* carioca; o *onde substituinte*, cujo antecedente é uma frase e que pode ser substituído por outro termo, presente nos *corpora* potiguar e gaúcho; o *onde preenchedor*, que passa a ser usado

para preencher vazios causados por pausas no contexto discursivo, localizado nos *corpora* potiguar e carioca; e o *onde possuinte*, um uso limitado ao *corpus* potiguar e que pode equivaler ao *cujo*. Estes usos compõem a terceira categoria de abstratização de significados do *onde*, quando o item vem servir de elemento no TEXTO.

Por meio da leitura desses achados, verificamos que, em alguns contextos, o item linguístico *onde* tende a desempenhar funções diferentes das que antes codificava, com sentido de espaço físico, podendo funcionar como conector em contextos argumentativos, determinada pela situação comunicativa, a fim de construir outros sentidos no texto. De acordo com Traugott (1980, p.54 *apud* NEVES, 1997), “o que ocorre é que, necessitando especificar uma nova relação ou fortalecer uma que já existe mas está enfraquecida, o falante, na intenção de ser mais claro, usa o termo mais concreto possível”. Acreditamos que outro fator desencadeador da diversidade de funções atribuídas ao *onde* nessa sincronia seja a elevada frequência dessa forma em contextos atualizados. Assim, o item tende a se gramaticalizar com o aumento de uso no discurso, podendo incorporar novos sentidos ao já existente e ambos conviverem lado a lado e, em determinados contextos, perder o seu sentido já cristalizado, tornando-se vazio de significado. Por sua vez, isso não implica que o falante use o item *onde* de forma aleatória, existe uma relação metafórica entre os vários usos, i.é, uma estratégia cognitiva.

O item linguístico *onde* ainda estabelece relações com os aspectos linguísticos. Conferimos que, sendo empregado no seu sentido canônico, com referentes locativos, sintaticamente funciona como pronome relativo ou advérbio, inclui ainda o uso *virtual*, quando usado com valor de um elemento textual, com referentes não locativos, em que pode funcionar sintaticamente como conector. Semelhante ocorre na análise semântica, quando o *onde* é empregado conforme o que está descrito nas GTs e nos dicionários, sua transparência semântica é total, se há alteração na sua base semântica, sua transparência é parcial ou opaca. Exerce, na maioria das vezes, a função de sequencializador tópico, no papel de conectivo funciona como sequencializador frasal.

Verificamos que o item *onde* apresentou, nos quatro *corpora* analisados, uma alta frequência no gênero textual descrição de local, totalizando 203 (f=50,3%) ocorrências. Esse fato já era esperado devido à tipologia do item. Além disso, os usos canônicos do item apareceram mais nesse gênero, mostrando que seu sentido básico permanece, mas ainda encontramos com baixo percentual de usos emergentes como *virtual*, *temporal*, *substituente* e *preenchedor*. Numa escala decrescente, seguem os demais gêneros: narrativa recontada com 68 (f=16,8%) ocorrências, narrativa de experiência pessoal com 57 (f=14,1%), relato de

opinião com 49 (f=12,1%) e relato de procedimento com 28 (f=7%) ocorrências. Outro fato que também nos chamou atenção é que os usos mais abstratos do *onde* ocorreram no gênero relato de opinião, 18 ocorrências do item funcionam como *virtual*, *temporal*, *sequencializador*, *substituente* e *possuente*.

Quanto às modalidades da língua, observamos que os falantes usam bem mais os sentidos emergentes do *onde* na oralidade, nos *corpora* de Natal e Rio de Janeiro, possivelmente por ser uma modalidade da língua que requer menos formalidade, colocando-se aberta à criatividade e fortemente afetada pelo uso. Porém, em Juiz de Fora, seus usos emergentes apareceram mais na escrita e no Rio Grande gaúcho somente na escrita.

Verificamos também que há influência dos aspectos socioculturais – idade, escolaridade e sexo – dos informantes em relação aos diferentes usos do item linguístico *onde*. Observamos que esses usos foram mais empregados por alunos da Oitava série e entre os homens. Já na escolaridade mais elevada, o Ensino Superior, os alunos utilizam o *onde* em sua maioria com sentido de lugar físico, mas usos marginais como *temporal* e *substituente* ainda foram empregados por esses alunos. Desse modo, os alunos com menos idade estão variando os usos conservados pelos alunos de mais idade, atestando que a mudança do item *onde* se dá em tempo aparente.

Notamos, que, embora com frequência exígua, há uma tendência de gramaticalização, que se inicia da categoria conceptual ESPAÇO, seguindo para a categoria TEMPO, chegando a um maior grau de abstratização como um elemento do TEXTO. Trata-se de uma amplitude no significado do *onde* locativo (*relativo*, *adverbial* e *pronominal*), que se estende para desempenhar funções mais abstratas como *virtual locativo* e *temporal*, e, nessa linha de crescente abstratização, passa a desempenhar funções textuais (*sequencializador*, *substituente*, *preenchedor* e *possuente*). Todavia, nos *corpora* do Rio de Janeiro/RJ e Rio Grande/RS, a tendência de gramaticalização segue a tendência ESPAÇO > TEMPO, pois não foi constatado o uso temporal nas amostras. Desse modo, confirmamos que, somente nos dados do D&G de Juiz de Fora/MG, se estende a tendência de trajetória de gramaticalização já verificada no D&G de Natal/RN.

Entretanto, mesmo que o item linguístico *onde* siga essa tendência de trajetória ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO nos *corpora* D&G do português brasileiro, apresentando nove significados diferentes, vimos que ele conserva, em sua base semântica, o sentido de espaço físico (lugar concreto), apontando a persistência desse significado. As trajetórias apresentadas são tendências que podem ou não vir a se fixar na nossa língua.

Na maioria das ocorrências, nos quatro *corpora* analisados, permanece a base semântica do item linguístico *onde* de espaço físico. Na cidade de Natal/RN, esse significado teve uma frequência de 80,8%, no Rio de Janeiro/RJ de 92,7%, em Juiz de Fora/MG 90% e no Rio Grande/RS uma frequência de 90,6%. Assim sendo, acreditamos que, na sincronia contemporânea estudada, há instâncias de estabilidade de alguns significados/funções do *onde*, observada em tempo aparente, como constatou Oliveira (1997) em tempo real na sua análise diacrônica e Xavier da Silva (2010) em sua análise sincrônica. Os usos em que a transparência do *onde* é opaca encontram-se em minoria; portanto, correspondem a usos que tendem a gramaticalizar-se e se tornarem rotineiros.

Em busca de contribuir com o ensino de língua materna, sugerimos que os professores em sala de aula procurem trabalhar propostas de atividade que propiciem um espaço para se refletir sobre como a língua é dinâmica e como se adapta às diversas situações comunicativas, mostrando que ela está a serviço dos falantes e não o contrário, como se pensa. O professor que conhece trabalhos de descrição da língua também poderá utilizar o texto na sala de aula de modo mais funcional, fazendo com que os alunos percebam o papel que desempenha o *onde* na construção de sentidos do texto, que observem a função desse item nos mais diversos contextos falados e escritos, levando os alunos a perceberem, por exemplo, a “polissemia” do item *onde* na língua.

Acreditamos que esta investigação possa contribuir com pesquisas futuras, que visem:

a) estudar os percursos de gramaticalização do *onde*, a partir de dados diacrônicos, para confirmação, ou não, dos passos da tendência de trajetória de gramaticalização proposta neste trabalho por meio da análise de usos sincrônicos.

b) subsidiar novos trabalhos na área da Linguística de pesquisadores, linguistas, professores e alunos, que tenham interesses em compreender o funcionamento e os usos do elemento em estudo.

c) para a elaboração de uma gramática ou um material didático, que tenha o objetivo de tornar mais efetivo o ensino de língua materna para os alunos, que contemple usos reais da língua e não mais frases criadas e exemplos descontextualizados.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Português ou brasileiro?* Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BRAGA, M. L.; MANFILI, K. Essa é a preocupação onde eu quero chegar. Onde em referências anafóricas no português do Brasil. *Revista Veredas*, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 8, n. 1 e n. 2, p. 233-243, jan./dez. 2004.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DU BOIS, J. W. *Discourse and the ecology of grammar: strategy, grammaticization, and the locus*. Santa Barbara, Rice Symposium, MS: University of California, 1993.

_____. Competing Motivations. In: Haiman, J. (org.). *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p.343-365.

FURTADO DA CUNHA, M. A. *Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____.; OLIVEIRA M. R.; MARTELOTTA M. E. (Org.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____.; TAVARES, M. A. Linguística funcional e ensino de gramática. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Org.). *Funcionalismo e ensino de gramática*. – Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007, p.13-51.

_____. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

GIVÓN, T. *Historical syntax and synchronic morphology: an archeologist's field trip*. Chigago Linguistic Society 7, 1971.

_____. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: Benjamins, 1995.

GONÇALVES, S. C. L; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.); *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

HEINE, B. et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J. *Emergent grammar*. *BLS* 13:139-157, 1987.

_____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B.(eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. I. Amsterdam: Benjamins, 1991.

_____.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. (coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto) São Paulo: Mercado de Letras/Educ, 2002 (original publicado em 1980).

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, p.252.

MARTELOTTA, M. E. A mudança linguística In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

_____.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA M. R.; MARTELOTTA M. E. (org). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17-28.

_____.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Gramaticalização no português: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ. Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MONTEIRO DE SOUZA, E. H. P. *A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador*. Tese (Doutorado em Letras UFB). Salvador, 2003. Disponível em: <<http://www.prohpor.ufba.br/tesesouzae.pdf>> Acesso em: 11/11/2009.

NEVES, M. H. M. *A gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NIE N. H.; HULL, C. and BENT, D. H. SPSS Inc. <<http://www.spss.com>> ([1968] 2007).

OLIVEIRA, L. A. B. *A trajetória de gramaticalização do onde: uma abordagem funcionalista*. Dissertação (Mestrado em Letras – UFRN). Natal, 1997.

PIRES DE OLIVEIRA, R. Os caminhos do ‘onde’: uma contribuição da semântica ao ensino da língua materna. In: CABRAL, L. G.; GORSKI, E. (Org). *Linguística e ensino: reflexões para a prática pedagógica da língua materna*. Florianópolis: Insular, 1998, p.147-164.

PONTES, E. *Espaço e tempo na Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.

RISSO, M. S. et al. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPEESP, 1996.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 46^a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. – 8^a ed. ver. e atual. por Mário Eduardo Viario. – São Paulo: Companhia Melhoramentos: Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SILVA, G. M. O.; MACEDO, A. V. T. (1996) Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MARTELOTTA, M. E.; SEBASTIÃO, J. V.; CEZARIO, M. M. (Orgs.) *Gramaticalização no português do Brasil!:* uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

SOUZA, A. S. *Tempo e espaço: a gramaticalização do item onde em textos religiosos (séculos XIV XVI e XXI)*. Dissertação (Mestrado em Letras UEM). Maringá, 2007. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/assouza.pdf>> Acesso em: 11/11/2009.

SVOROU, Soteria. *The grammar of space*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1993.
TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. Approaches to grammaticalization. v. I. *Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: Benjamins, 1991.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativa-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The Semantics-pragmatics of Grammaticalization Revisited. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1991.

XAVIER DA SILVA, T. *Os usos do “onde” na língua falada e escrita por alunos da educação básica na cidade de Natal/RN*. Monografia (Graduação em Letras UERN). Açu/RN, 2010.

WERNER, H.; KAPLAN, B. *Symbol-formation: an organismic developmental approach to language and the expression of thought*. New York/London/Sidney: Wiley, 1963.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e Iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) *Manual de linguística*, São Paulo: Contexto, 2008.